

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO UFPE
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS-ICFH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTRPOLOGIA

É ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARA?
OS SIGNOS DA SEPARAÇÃO E DO DIVÓRCIO NA CONSTITUIÇÃO
DE FAMÍLIA HOJE (DÉCADA DE 90)

Alcides de Almeida Lima de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso - 1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO-UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS-CFCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

E ATÉ QUE A MORTE NOS SEPRE?
REPERCUSSÃO DA SEPARAÇÃO E DO DIVÓRCIO NA CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA
HOJE (DÉCADA DE 90).

Márcia Adriana Lima de Oliveira

Teresina, 8 de setembro de 1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO- UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS- CFCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

E ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE?
REPERCUSSÃO DA SEPARAÇÃO E DO DIVÓRCIO NA CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA
HOJE (DÉCADA DE 90).

Dissertação de Mestrado da aluna Márcia Adriana Lima de Oliveira, sob a orientação do Prof.º Dr. Russell Parry Scott, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Teresina , 8 de setembro de 1998

PE-00033058-B

Universidade Federal de Pernambuco
BIBLIOTECA CENTRAL
CIDADE UNIVERSITÁRIA - A
CEP. 50.670-901 - Recife - Pernambuco - Brasil

4765/20/11/98

Acervo: 171352

IV.06

301.42
048e

Oliveira, Márcia Adriana Lima de.

E até que a morte nos separe? Repercussão da separação e do divórcio na concepção de família hoje (década de 90) /.

Márcia Adriana Lima de Oliveira. - Teresina: 1998.

144p.

Tese (mestrado) Universidade Federal de Pernambuco

1. FAMÍLIA

2. FAMÍLIA - ASPECTOS SOCIAIS

3. ANTROPOLOGIA CULTURAL E SOCIAL

1. Título

“Uma relação não pode ser isolada arbitrariamente de todas as outras e também não é possível que o indivíduo se mantenha aquém ou além do mundo das relações.(...) O meio é inseparável das coisas que nele habitam. Em conjunto constituem um campo de gravitação onde as regras e as distâncias formam um conjunto coordenado e onde cada elemento, ao se modificar, provoca a alteração do equilíbrio total do sistema. (...)”

(LÉVI-STRAUSS, Claude, 1982:523)

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Aos meus informantes, que em meio a um momento de descontração, aceitaram dividir comigo, concedendo-me entrevistas bastante agradáveis e significativas para a realização deste trabalho.

À Promotora Sávia e ao Advogado Gouvéia por me concederem entrevistas relevantes para uma melhor compreensão da Separação e Divórcio em Recife-Pe.

Ao Programa de Bolsas da CAPES pelo apoio financeiro sem o qual eu não teria tido condições de permanecer em Recife e desenvolver este trabalho.

Aos meus vizinhos e amigos de Olinda e Recife, que foram para mim uma grande família, no período em que morei nesta cidade, os quais sempre me incentivaram e acreditaram na conclusão desta árdua etapa de elaboração, desenvolvimento e conclusão do projeto.

Aos meus amigos que entraram comigo no Mestrado, em especial ao Felipe, ao Homero, à Carol, à Rosane, à Verônica e ao Elinildo, aos que já estavam e aos que chegaram depois, enfim, a todos os que mostraram a importância do compartilhar o conhecimento, da troca possibilitada pela discussão dos projetos de cada um. Nestas discussões, trocas de idéias íamos aprimorando e aprendendo *juntos* esta difícil, mas prazerosa tarefa da construção de uma dissertação.

Ao Prof. Parry Scott, que em meio as suas diversas atividades, aceitou ser o meu orientador, discutindo e acrescentando pontos importantes para a consecução desta dissertação.

À Prof.^a Sylvie Fougeray, à Prof.^a Judith Hoffnagel e ao Prof. Heraldo Souto Maior, que se dispuseram a sentar comigo e conversar sobre o meu trabalho, fazendo observações bastante pertinentes e que foram, na sua maioria, a ele incorporadas.

Aos funcionários e amigos do Mestrado em Antropologia, no caso Miudinha (Ademilda- mãe pernambucana), Regininha, Eduardo, Dora e Sostenes.

A todos os professores do Mestrado, que, se num primeiro momento se assustaram com uma cantoria pelos corredores, passaram a valorizá-la. Obrigada, pelo que me ensinaram.

Agora em Teresina- Piauí, agradeço ao Prof. Marcílio Rangel por ter permitido que eu utilizasse um dos computadores da escola - Instituto Dom Barreto, nos horários em que eu não estivesse dando aula, tornando possível o término de minha dissertação.

Ao Renato e a Eva por terem elaborado os gráficos a partir dos dados do IBGE, possibilitando uma melhor visualização, análise, reflexão destes.

À Prof.^a Graça Oliveira e ao Prof.^o Ronald Marwell por terem lido esta última versão e dado contribuições relevantes para o aprimoramento desta.

Ao Mário César, pela confiança, estímulo e carinho essenciais para mim nos meses de janeiro e fevereiro quando conclui a primeira versão dessa dissertação.

Agradeço especialmente aos meus pais: Ronald Marwell e Gracinha Oliveira, aos meus irmãos: Edson Fernando pela compreensão e carinho e Ana Valéria pelo estímulo, carinho e força, e as minhas sobrinhas: Thaynara, Lyamara e Isamayra minhas grandes amigas; enfim, a todos eles por terem estado sempre ao meu lado em todas as circunstâncias vivenciadas por mim na Grande Recife. A eles eu dedico todo o meu trabalho, principalmente por termos aprendidos juntos, como diz Richard Bach que “longe é um lugar que não existe”.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - RESUMO	
CAPÍTULO I - Introdução-O Problema da Pesquisa	08
1.1- Abordagem sobre a Família	09
1.2- Abordagem sobre Casamento	19
1.3- Separações e Divórcios	30
1.4- Interpretando os dados mais recentes sobre o divórcio no Brasil	43
CAPÍTULO II- Considerações Metodológicas	49
2.1- Definição do Universo Social Abordado	49
2.2-Instrumentos utilizados e a coleta de dados	55
2.3- Chão de Estrelas: Espaço de Sociabilidade	62
CAPÍTULO III- Interpretando Interpretações	74
3.1- O Olhar do Ator Social sobre: Família, Relacionamento, Separações e Divórcios.	74
3.1.1- Relacionamento	74
3.1.2- Casamento	85
3.1.3- Estigmatização -Descasados	94
3.1.4- Repercussão das Separações e do Divórcio nas Concepções de Família Hoje	101
CONCLUSÃO	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115
ANEXOS	123
Gráficos	124

Roteiros da Pesquisa: a) Anexo 16-----	139
b) Anexo 17-----	140
c) Anexo 18-----	140
d) Anexo 19: Dados sucintos sobre os informantes-----	141

APRESENTAÇÃO-RESUMO

A pesquisa que ora apresentamos teve como problema central a desestruturação ou não da família enquanto unidade doméstica composta pelos laços de parentesco por afinidade e consangüinidade, em decorrência das separações e do divórcio, bem como dos arranjos familiares. O objetivo foi verificar se havia ou não essa desestruturação e qual a repercussão das separações e do divórcio na família hoje (década de 90). Para realizarmos essa pesquisa escolhemos como campo de observação um Bar dançante que existe em Olinda- Pernambuco, que promove todas as quintas-feiras a Noite dos Desquitados, cujos freqüentadores das quintas-feiras constituíram-se no grupo social com que trabalhamos na pesquisa, tal seja: pessoas descasadas (separadas de fato e judicialmente e divorciadas). Indo ao Bar, campo de pesquisa, percebemos que não apenas descasados, mas solteiros, casados e viúvas também o freqüentavam, passando a fazer parte da pesquisa como representantes dessas categorias. No Bar observamos a formação de novas redes de sociabilidade pós-separação. A dança funcionou como a grande mediadora do processo de interação. A observação participante e entrevistas semi-estruturadas foram utilizados na obtenção dos dados, através de como os informantes representavam ou re-apresentavam a família, o casamento e o relacionamento, para chegarmos ao porquê das pessoas ainda considerarem as separações e o divórcio como elementos de desestruturação da família, estigmatizando os descasados e, em especial, as descasadas, ou, por outro lado, considerarem as separações e o divórcio como elementos que fazem parte, hoje, da dinâmica familiar. Nesse contexto, observamos que as mudanças surgem na representação de relacionamento, visto como relacionamento puro em contraposição a hierarquia de gênero, embora um, não anule completamente o outro, alterando a representação das separações e do divórcio, conseqüentemente da família.. Porém a desestruturação ainda é sentida, uma vez que há uma continuidade de valores, crenças e sentimentos que reafirmam a indissolubilidade do casamento oriundos de uma influência religiosa, predominantemente, católica. Basta ver que mesmo com a implantação da lei do divórcio em 1977 / 78 e após quase 20 anos de sua implantação, não houve uma aceitação plena da separação, resultando numa continuidade de valores, ou seja, apesar da implantação da lei, as pessoas não mudam seus valores de uma hora para outra, inclusive é muito mais provável uma mudança na cultura utilitária do que na não-utilitária e, neste sentido, qualquer alteração na família é vista como prejudicial. Contudo, ainda que seja um processo lento detectamos na maioria dos descasados e nos representantes de outras categorias algumas mudanças tipo: o não dar tanta importância ao aspecto “eterno” da relação conjugal e nem a papéis para oficializar uma união; passando a ser importante, hoje, o fato das pessoas estarem, dentro da continuidade de valores e mudanças destes, tornando-se mais exigentes ao que querem, quanto a realização de seus projetos, reforçando a não desestruturação da família e re-apresentando-a conforme está na Constituição de 1988, como sendo “união estável entre duas pessoas adultas de ambos os sexos” e “qualquer um dos pais e seus descendentes”. Concluímos que não há desestruturação da família, uma vez que esta, repetimos, foi trabalhada aqui enquanto laços de parentesco e consangüinidade que não são rompidos com o desatar dos laços da aliança do casamento. Ambos, tanto família quanto casamento, foram analisados como parte de um sistema maior, o de Parentesco.

SUMMARY

The research that now we present has as central problem the rupture or not of the family while the domestic unit composed by the relationship binds by the consanguinity affinity, in consequence of splitting up and divorce, as well as family arrangements. The objective was verified whether there was this rupture or not and what was the repercussion of the separations and divorce in family nowadays (90' decade). In order to carry on this research we chose as observation field a Dancing Bar that there is in Olinda- Pernambuco, that promotes every Thursday the separated night, whose regular visitors of Thursdays got together in a social group that we worked in the survey, as such: unmarried people (separated in fact and judicially divorced). Visiting the Bar, work field, we noticed that not only unmarried, but also single people, married and widows were attending, becoming part of the research as representatives of these categories. In the Bar we observed the formation of new post-separation sociability. The dancing works as a big mediator in the interaction process. The participating observation and interviews semi-structured were used in the data obtaining, through how the informants performed or re-presented the family, the wedding and the relationship, to reach the reason people still considered the separation and divorce as elements of family rupture, stigmatizing the unmarried and, specially, the unmarried women, or, on the other hand, considered the separations and divorce as elements that make part, nowadays, of family dynamic. In this context, we observed that the changes arising in the representation of relationship, seen as pure relation in counter-position to gender hierarchy, although one doesn't rule the other completely, altering the representation of the separations and of divorce, consequently of the family. Therefore the rupture is still felt, once there is a continuity of values, beliefs and feelings that reassure the indissolubility of marriage originated from a religious influence, predominately, catholic, enough to see that even with the implementation of law divorce in 1977 / 78 and after almost 20 years of its implementing, there wasn't a full acceptance of separation, resulting in a continuity of values, or I mean, despite of the law implementation people don't change their values overnight, inclusively it's much more probable a changing in the utilitary culture than a non- utilitary and, in this sense, any alteration in the family is seen as harmful. Even if it is a slow process we detected in most of the unmarried and in the representative of other categories some changes kind of: neither giving so much importance to the aspect "eternal" of the conjugal relation nor to roles to officialize the union; becoming important nowadays, the fact for people being, within the continuity of values and these changes, becoming more demanding to what they want, as their project realization, reinforcing the non-rupture of the family and re-presenting it, according to what it is in the Constitution of 1988, as being "stable union between adult people of both sexes" or "one of any parents and their descendent". We conclude that there is no family rupture, once, we repeat, that it was worked here while relationship binds and consanguinity that are not broken up with the untying of alliance binds of marriage. Both, as family so wedding, were analyzed as part of a great system, the one of kinship.

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO - PROBLEMA DA PESQUISA

Esta pesquisa teve como objetivo central a análise das mudanças pelas quais a família vem passando no final do século XX; mesmo com essas mudanças não podemos falar em desestruturação da família ou em sua falência como é colocado pelo senso comum em decorrência das separações, dos divórcios e dos arranjos familiares que vêm ocorrendo.

O problema da pesquisa foi gerado em torno da desestruturação ou não da família. Para demonstrar a não desestruturação da família tomamos como referência as concepções de família, casamento e relacionamento marital no intuito de perceber, a partir dessas concepções, como são concebidos o divórcio e as separações atualmente (década de 90), se ainda como elementos de desestruturação da família ou se como partes da dinâmica dessa.

Esclarecemos que todas as vezes que nos referirmos a relacionamento marital não é que só faça parte do casamento oficial, mas também de toda e qualquer relação que envolva um relacionamento mais íntimo incluso a relação sexual e a coabitação entre duas pessoas como é o caso das uniões consensuais, ou não coabitação como é o caso de um tipo de união consensual em que os companheiros têm cada um a sua própria residência.

1.1- Abordagem sobre Família

Sobre família, temos uma vasta bibliografia, dentre ela podemos citar alguns autores como: Velho (1986), Ariés (1981), Durham (1983), Fox (1986), Freyre (1981), Goldani (1993), Gennep (1978), Salem (1980; 1985), Lévi-Strauss (1982), Corrêa (1984), Abreu (1982) e Murdock (1965); dos quais, como aprofundamento, enunciaremos alguns conceitos.

Murdock (1965) por exemplo estabelece uma distinção entre família e casamento na qual:

“A família é um grupo social caracterizado por comum residência, cooperação econômica e reprodução. Ela inclui adultos de ambos os sexos, dos quais dois mantêm relações sexuais socialmente aprovadas e uma ou mais crianças, próprias ou adotadas, dos adultos que cohabitam sexualmente. A família é diferenciada do casamento, o qual é um complexo de costumes que dizem respeito às relações do casal de adultos, sexualmente associados no interior da família. O matrimônio define a maneira de iniciar e terminar tais relações, as normas de comportamento e as mútuas obrigações nestas relações, assim como as restrições aceitas no lugar e impostas aos seus indivíduos.” (Tradução de Márcia Oliveira)¹

Murdock (1965) referiu-se à família de uma maneira geral, caracterizada pela *cohabituação, cooperação econômica e reprodução*, tendo dentro desta o que podemos chamar de família extensa composta por “adultos de ambos os sexos, dos quais dois mantêm relações sexuais socialmente aprovadas e uma ou mais crianças, próprias ou

¹ “The family is a social group characterized by common residence, economic cooperation and reproduction. It includes adults of both sexes, at least two of whom maintain a socially approved sexual relationship and one or more children, own or adopted, of the sexually cohabiting adults. The family is to be distinguished from marriage, which is a complex of customs centering upon the relationship between a sexually associating pair of adults within the family. Marriage defines the manner of establishing and terminating such a relationship, the behavior rules and the mutual duty in these relations, as well the restrictions accepted in the place and imposed to their fellows.” (Murdock, 1965)

adotadas, dos adultos que coabitam sexualmente” e família nuclear composta pelo pai, a mãe e filhos.

Gilberto Freyre (1981) referiu-se a família patriarcal oriunda do Sistema Colonial no Brasil, constituída pelo poder do *pater-familias*, em que nesta família tínhamos o pai / o patriarca, a mãe / mulher e os filhos. Como residiam nos Grandes Engenhos de açúcar, principal fonte econômica juntamente com o café no período Colonial no Brasil, o Senhor de Engenho, o *pater familias*, possuía obediência da mulher, dos filhos, dos escravos, da mucama. Obediência esta, oriunda das relações de poder estabelecidas entre o senhor e todos os outros membros da família caracterizada através de maus tratos e submissão das vontades dos outros em detrimento das do Senhor, principalmente com relação a vontade dos escravos, não considerados como pessoas.

No tipo de família patriarcal temos a presença tanto da família extensa através dos parentes e afins como por exemplo: tios (as), primos (as), cunhados(as) que cohabitavam na Casa-Grande, quanto da família nuclear composta pelo marido, pela mulher e seus filhos constituindo esta última família um grupo doméstico. Outro aspecto apontado por Freyre (1981) é que as mulheres na sua grande maioria eram iletradas, não podiam ir à escola dedicando-se as atividades domésticas como fazer roupas, bordados, comidas, cuidar dos filhos, do marido. E ao marido cabia o conhecimento, a formação e o desenvolvimento de atividades externas tanto políticas e sociais quanto econômicas. A distinção entre a casa e a rua foi sendo bem marcada no surgimento da família brasileira segundo Freyre (1981) e retomada por Da Matta (1991) que trabalhou a *casa e a rua* enquanto um dos elementos que caracterizam a Identidade Brasileira.

Uma das particularidades da formação da família brasileira para Freyre (1981) está centrada na sexualidade, no erotismo, na ênfase dada às relações sexuais entre povos de raças distintas. Na mistura das raças composta pelo negro, o índio, o branco tem-se mais do que uma mistura biológica, tem-se uma mistura cultural que deu fundamento ao surgimento do patriarcado, da dependência e submissão da mulher ao marido, da “aceitação” da infidelidade na relação conjugal, uma vez que o homem ia sempre em busca do prazer nas escravas. O prazer encontrava-se fora da relação conjugal e era aceito como natural do homem, o ter prazer com outras mulheres que não a esposa ou, pelo menos, aparentemente aceito como “natural” pois quando a mulher descobria a suposta traição mandava castigar a escrava impondo o poder que lhe era conferido no âmbito doméstico. Richard Parker (1991: 53) em seu livro *Corpos, prazeres e paixões*, fez um estudo sobre a cultura sexual brasileira e, sobre Freyre (1981), Parker diz que:

“*Casa-Grande e Senzala* deu a mais completa e vívida expressão àquilo que teve uma penetração mais ampla e, considero, a mais profundamente enraizada configuração ideológica: o sentido, declarado embora problemático, do caráter particularmente sensual da vida e do povo brasileiros. Esta compreensão, embora mais elaboradamente articulada na estruturação de alguns intelectuais, esteve no entanto presente tanto nas formas como nas estruturas da cultura popular. Ao passo que na Europa e nos Estados Unidos a vida sexual tenha sido tratada como um fenômeno essencialmente individual, no Brasil ela surgiu também como um tema importante no nível social e cultural e foi tomada, para o melhor ou o pior, como uma espécie de chave para a natureza peculiar da realidade brasileira.”

Embora a sexualidade tenha marcado a construção do modelo de família brasileira, outros elementos como a saída da mulher do âmbito da casa para o da rua, ainda que não tenha deixado por completo a casa; a aquisição de conhecimentos através do estudo, da qualificação profissional; a conquista da mulher no mercado de trabalho; a posição da

mulher como chefe da casa ao optar por morar sozinha ou pela separação; a liberdade sexual oriunda da década de 60 que possibilitou a mulher a optar ou não pelo casamento, ocasionando o surgimento de novos status para a mulher como o de mãe solteira; a legalização das uniões consensuais, do divórcio, todos estes elementos vão sendo incorporados com o passar do tempo à família dando a ela uma flexibilidade para adequar-se aos vários contextos históricos pelos quais passamos após o Sistema Colonial.

Algumas das transformações na família citadas anteriormente fizeram com que no início da década de 90 as pessoas, tanto na mídia quanto fora dela, ficassem falando de uma desestruturação enquanto quebra, rompimento, ruptura da família, associada a crises de valores na família pelas alterações das relações entre pais e filhos relacionadas a maior participação dos filhos nos problemas domésticos, a mulher trabalhar fora de casa (Oliveira, 1995), alterações oriunda das mudanças de ordem sócio-político-econômico advindas do processo de urbanização.

Não concordando com a idéia de desestruturação da família, principalmente quando ela aparece relacionada com o divórcio e a separação, temos na concepção de Goldani (1993: 69-70) que:

“(..) tal como outras instituições a família está no limiar de mudanças importantes. Entretanto, isso não significa que esteja, necessariamente, desaparecendo. Os argumentos mais comuns, neste caso, giram em torno das mudanças nos padrões de comportamento, desde o aumento de novos tipos de uniões entre os sexos, declínio da fecundidade, aumento das mães solteiras e de separações e divórcios, novos padrões de sociabilidade e relações de gênero, até a participação de mulheres, crianças e adolescentes no mercado de trabalho formal e informal.”

Outros fatores podem ser apontados como elementos para corroborar o discurso em torno da crise da família, como os “modelos estereotipados” de família que perpassam pela dicotomia: velho / novo; antigo / moderno; família tradicional patriarcal e família de classe média urbana vista como “uma família centrada ao redor das funções reprodutivas, onde a criança ocupa um lugar destacado. Nesse modelo, o individualismo, a privacidade e as relações afetivas entre os membros assumem maior relevância, dando origem a novos padrões de sociabilidade.”; acrescentando elementos novos à família patriarcal associada “à presença de parentes, há um sistema hierárquico e de valores, no qual se destacariam a autoridade paterna e do homem sobre a mulher, a monogamia, a indissolubilidade das uniões e a legitimidade da prole.”(cf. GOLDANI 1993: 70).

É importante observarmos que na concepção de família de Goldani tanto percebemos a presença hoje da família patriarcal, quanto, pelos elementos adequados a essa família, da possibilidade de visualizarmos a família de camada média urbana oriunda das modificações no meio urbano e das exigências nesse de alterações na divisão sexual do trabalho criando alternativas para as funções específicas dentro da família do ser pai, mãe, pai e mãe ou vice-versa ao mesmo tempo no caso dos descasados, do ser filho (a), do ser esposo (a).

Ao falar do modelo de família e das características básicas deste, Durham (1983:33) leva em consideração a relação família e parentesco, dizendo que:

“Na nossa sociedade , o modelo parece ser bastante claro: a família é a unidade constituída pelo marido, a mulher e seus filhos, que formam um grupo doméstico. Talvez seja necessário abrir um parênteses para lembrar rapidamente algumas características estruturais básicas desse modelo. Em primeiro lugar, ele implica num ciclo de desenvolvimento específico do grupo doméstico que se conclui pela fragmentação sucessiva provocada pelo casamento dos filhos. Em segundo lugar, há que ressaltar que, nesse tipo de

família, com parentesco bilateral, a relação sororal (entre irmãos) é totalmente sobrepujada pela relação conjugal, fortalecida ainda mais na medida em que o papel do pai é identificado com o de genitor (pai biológico). Inclusive, muitos padrões sexuais associados a esse tipo de família, especialmente a amplitude dos controles tradicionalmente exercidos sobre a sexualidade feminina, estão relacionados a essa necessidade de determinar a paternidade física. Finalmente, como nesse sistema os indivíduos adultos pertencem a duas famílias distintas, a de origem e a de procriação, o sistema de parentesco-afinidade pode ser pensado como relações entre famílias. Por isso mesmo, o termo família pode significar, metonimicamente, toda a rede de parentesco e afinidade.”

Conforme dito acima para Durham (1983: 27) as famílias são unidades sociais que “articulam relações de consaguinidade, afinidade e descendência em núcleos de reprodução social”. Na sociedade ocidental, culturalmente, definimos a família individual moderna como família conjugal ou nuclear e, neste sentido, Durham (1983: 30-33) aponta para o fato de que ao considerarmos a família como “individual moderna” ou “nuclear” estamos nos referindo a modelos ou padrões culturais que estão ligados a família como instituição, conforme foi trabalhada também por Goldani (1993). Entrando no campo das representações coletivas percebemos que as representações são aceitas e reproduzidas por um dado grupo de acordo com as “regras culturalmente elaboradas” pelo grupo em questão. Outra característica dos modelos é o fato de serem maleáveis possibilitando a resolução de vários problemas ao adequar-se aos diversos contextos históricos, reforçando tanto com Durham, quanto com Goldani o fato de que não há uma desestruturação da família como quer nos fazer crer o senso comum.

Segundo Durkheim (1989) as representações coletivas trabalhadas acima por Durham (1983) são concebidas como *crenças e sentimentos* de um dado grupo. Para chegarmos as representações coletivas e elaborarmos modelos, como no caso da família, Durkheim observou que as representações são construídas a partir de conceitos elaborados

pelos indivíduos de um dado grupo e esses conceitos depois de elaborados ganham autonomia por retornarem aos indivíduos com características de exterioridade, coersão e generalidade. Para Durkheim (1989: 511) os conceitos se põem às representações sensíveis de toda ordem- sensações, percepções ou imagens - pelas seguintes propriedades:

“As representações sensíveis encontram-se em fluxo perpétuo; empurram-se umas às outras como as ondas de um rio e, também enquanto duram, não permanecem iguais a si mesmas. Jamais estamos seguros de fazer a experiência de uma percepção tal como da primeira vez; porque se a coisa percebida não mudou, nós é que não somos mais o mesmo homem. O conceito, ao contrário, está como que fora do tempo e do devir; resiste à mudança. É uma maneira de pensar que cada momento do tempo é fixado e cristalizado. À medida que é aquilo que deve ser, é imutável. Se muda, não é porque faça parte de sua natureza mudar; é porque descobrimos nele alguma imperfeição; é porque precisa ser retificado. O sistema de conceitos com o qual pensamos na vida corrente é aquele expresso pelo vocabulário da nossa língua materna; porque cada palavra traduz um conceito.”

Contudo as representações coletivas não são apenas conceitos como disse Durkheim (1989), enquanto representações sensíveis também são imagens, sendo que estas são concebidas conforme Moscovici (1978:48) como uma “reprodução passiva de um dado imediato.” Nós, sujeitos sociais, estamos o tempo inteiro apreendendo e aprendendo coisas que acontecem à nossa volta, sempre atentos a tudo, mesmo que inconscientemente através dos sentidos, em especial da audição, da visão e do tato, enfim registrando um conjunto de sensações que depois de apreendidas passam por um processo de maturação, elaboração interior antes de retornar ao exterior como representações, a partir dos conceitos utilizados para elaborá-los, levando em consideração a vivência ou não destas imagens apreendidas. Segundo Moscovici (1978:48) *imagens* aqui são uma:

“espécie de sensações mentais, de impressões que os objetos e as pessoas deixam no nosso cérebro. Ao mesmo tempo, elas mantêm vivos os traços do passado, ocupam os espaços de nossa memória para protegê-los contra a

barafunda da mudança e reforçam o sentimento de continuidade do meio ambiente e das experiências individuais e coletivas.”

Sendo assim as imagens e os conceitos se interrelacionam enquanto elementos que nos ajudam a apreender e representar o mundo a nossa volta. E mais que representação, nos ajudam a re-apresentar esse mundo de uma maneira diferente. Essa re-apresentação está relacionada com a apreensão das imagens e conceituação destas nos ajudando ao representar algo a elaborar modelos a partir dos conceitos. Dessa forma Moscovici (1978: 48-54) chama atenção para o fato de que toda “representação é uma representação de alguma coisa”, passando por dois momentos: 1) a *objetivação ou materialização*, enquanto uma familiarização com o que foi apreendido, tentando unir palavra à coisa e 2) *amarração* enquanto apreensão deste conceito, introjeção deste. Após a objetivação e a amarração temos, como resultado destes dois momentos, a *estampagem* como é chamado o processo final da representação social.

No caso do conceito de família ao ser objetivado e amarrado a estampagem está na representação que a pessoa faz dele procurando na memória, nas vivências conceituar família a partir de elementos que compõem o modelo de família do grupo no qual a pessoa / sujeito social está inserido mostrando o quanto de social está presente em algumas manifestações individuais.

Pelo fato de trabalharmos com um modelo de família elaborado culturalmente qualquer alteração na formação de famílias concretas remete ao confronto entre modelo e realidade, entre o que se têm enquanto família e o que se deveria ter, causando sentimentos de falência, desestruturação da família. Estes sentimentos são questionados por

Durham(1983: 33) que coloca dois pontos básicos para analisar em que medida estas variações da família se contrapõem ao modelo de família culturalmente elaborado. O primeiro ponto é a ênfase ao fato de que o conceito de família, mesmo estando relacionado aos grupos sociais concretos, refere-se ao “modelo cultural e à sua representação.” ; e o segundo ponto refere-se a conscientização de que ao analisar o modelo de família devemos distinguir “a estrutura formal (que define a composição do grupo)” da “organização das relações sociais, que se dá em função dos padrões de divisão sexual (e etária) do trabalho, uma vez que existe um certo grau de autonomia entre esses dois níveis.”

Os estudos de parentesco iniciados com Claude Lévi-Strauss (1982) cuja principal contribuição foi a lei do incesto, e desta, começou a ser instituído os princípios do parentesco regidos por esta lei, tivemos como vimos acima com Durham (1983) outras abordagens sobre a família, embora consideremos esta, como parte de um todo maior chamado sistema de parentesco. Além de Eunice Durham, Ovídio de Abreu Filho(1982) tem dado importantes contribuições aos estudos sobre parentesco e comenta que depois de Gilberto Freyre poucos estudiosos da instituição família tem se preocupado em considerar o fato de que a família faz parte de um sistema mais amplo que é o de parentesco, remetendo os estudos da família somente as características patriarcais apontadas por Freyre.

Abreu (1982: 97) propõe a possibilidade de nos seus estudos ir construindo o sistema de parentesco a partir da “visão de que o parentesco deve ser entendido como sistema simbólico não necessariamente circunscrito ao parentesco biológico, nem a um domínio de parentesco definido a priori.” Desta forma as cartegorias que Abreu tomou

para guiá-lo nas análises foram: o sangue, o nome de família e a raça por conterem uma percepção do parentesco através da consangüinidade.

Estas categorias foram definidas por Abreu(1982: 98-105) como:

“a) O sangue é pensado como substância transmissora de qualidades físicas e morais, formando o corpo e o caráter. (...) As relações de sangue, que definem quem é parente de quem, que diferencia famílias, constituem a ‘natureza’ das famílias. (...) O sangue dá conta de identidades familiares, de tipificações individuais e da demarcação e diferenciação de famílias. Esta análise mostra também a possibilidade de se pensar a hierarquia social através de uma hierarquização via famílias. b) o nome da família tal como o sangue, funciona como um operador que correlaciona o indivíduo com a família, como um operador de comparações entre famílias e como mediador da passagem da condição de indivíduo à de pessoa. Pois, tal como o sangue, o nome integra, implicitamente, na caracterização individual e familiar, avaliações da posição de indivíduos e da família num conjunto mais amplo de famílias. Deste modo, o nome de família se constitui em categoria essencial para o estabelecimento de um mapa sócio-moral. c) Raça é uma categoria polissêmica. Seus significados articulam-se, no entanto, em torno da idéia de hereditariedade. (...) As famílias são pensadas enquanto raças, isto é, como um todo de ascendentes e descendentes que se diferencia de outros por qualidades próprias perpetuadas pela hereditariedade. Raça-família é outra categoria referente à consangüinidade e é utilizada para demarcar as qualidades e fronteiras de um universo consangüíneo. Congruentemente com a lógica da categoria sangue, as características de uma raça-família podem ser observadas no plano físico, na moral e nos comportamentos. Um tipo de olho, um andar, uma disposição de vida - alegre, honesta, brava, descontrada, desconfiada, sistemática etc.- podem ser elementos utilizados para a caracterização de uma raça-família.”

Em nossos estudos estas categorias criadas por Abreu (1982), Goldani (1993) e Durham (1983) foram muito úteis na análise dos dados.

Da família ao casamento, ambas partes do sistema de parentesco, temos com o casamento o primeiro passo pela aliança estabelecida entre dois afins no caso um homem e uma mulher e que também podem ou não serem parentes a priori como por exemplo

primos, para que a família seja constituída e estabelecida através da aliança é que vão surgindo as relações de reprodução, descendência e consangüinidade.

1.2- Abordagem sobre Casamento.

Retomando Murdock (1965) na distinção que ele faz entre família e casamento, o casamento consiste em “(..) um complexo de costumes que dizem respeito às relações do casal de adultos, sexualmente associados no interior da família(..).” Nesse caso o casamento enquanto uma relação de afinidade e aliança, não somente entre o casal mas entre as famílias e grupos de amigos dos cônjuges, possui algumas regras que vão reger o comportamento dos indivíduos, oriundas de mais um status assumido por cada um de esposo e de esposa nesse ritual de passagem da vida de solteiro para a de casado (Lévi-Strauss (1982); Fox (1986); Genep (1977); Velho (1986)).

O casamento favorecendo a aliança entre duas pessoas e suas respectivas famílias como parte do sistema de parentesco era e ainda é regido pela lei do incesto e, em caso de violação desta lei e da impossibilidade de procriação, dissolvido. Havendo a separação cancelava-se o contrato e outro casamento era providenciado. Por exemplo, antes da intervenção da igreja, um pouco antes da Idade Média na Europa, os casamentos eram realizados pela aristocracia, sendo antecedido pela troca de dotes e pacto conjugal. A virgindade da mulher era um bem precioso incluso no valor dos dotes. As cerimônias eram de caráter privado e realizavam-se nos Castelos onde eram registradas pelos escribas. Não possuíam um caráter universal porque nem todos precisavam se casar e nem indissolúvel,

uma vez que a aliança seria rompida em casos como: impotência sexual- incapacidade de procriar, incesto, dentre outros (Ariés (1987); Chauí (1991)).

O casamento passa a ser considerado um *sacramento*, tornando-se indissolúvel e universal posterior à intervenção da igreja Católica, em meados dos séculos IX e XII. A partir deste momento, o casamento passou a ser realizado dentro da igreja, pelo padre, bispo, e com o consentimento dos cônjuges, tornando-se agora aliança entre os cônjuges e Deus através da celebre frase, “o que Deus uniu o homem não separa.” (Ariés, 1987)

Desde o século XII com o casamento como sacramento, aliança e contrato em que era dado aos nubentes, conforme dito anteriormente, a possibilidade de decidirem pelo casamento ou não, o sentimento de amor torna-se expressivo, antes era permitido apenas o “amor sagrado” deixando a *ars erotica* fora da relação conjugal. O prazer era visto como algo pecaminoso, chamavam-no de “amor profano”, e portanto, não poderia fazer parte da aliança sagrada entre Deus e os cônjuges. Afinal, segundo a igreja católica Deus é onipresente, onisciente e onipotente e sempre está vigiando o seu rebanho. Nesse processo de vigiar e punir a mulher casada não podia sentir prazer, servindo o sexo exclusivamente para a procriação, fazendo com que o homem procurasse o prazer com outras mulheres ou seja fora da relação conjugal (Ariés (1987); Giddens (1993); Foucault (1992)).

Sabendo como foi pensado o casamento antes da intervenção da igreja Católica e depois dessa, podemos entender o processo de divisão sexual do trabalho colocando a mulher no âmbito da casa e o homem no âmbito da rua. Leva-nos a entender porque até meados da década de 60 no Brasil as mulheres eram criadas para serem boas mães, donas de casa e boas esposas também, assim como mulheres conscientes de que ao homem tudo é

permitido, inclusive, no casamento, dar umas “escapadinhas” e ter casos de vez em quando. Embora na década de 30 a mulher comece a se posicionar na esfera política através da conquista ao direito de voto e na década de 50-60 algumas comecem a trabalhar fora de casa, a predominância era casar e constituir uma família. Hoje, década de 90 as mulheres estão cada vez mais preocupadas em ter uma profissionalização, terminar seus estudos, conseguir emprego, antes de pensar em se casar e com relação ao homem a carreira profissional também é relevante antes de pensar em casamento.

Por exemplo, conforme dados do IBGE referentes a década de 90, entre 1992 a 1994 que são os dados mais recentes sobre casamento temos: a) Nos casamentos por grupos de idade - 1992 / 93 / 94, os dados referentes aos Homens temos a seguinte tabela :

idade / ano	menos de 15 anos	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos	60 anos ou mais
1992	0%	7%	40%	30%	12%	4%	2%	1%	1%	1%	2%
1993	0%	7%	39%	31%	12%	4%	2%	1%	1%	1%	2%
1994	0%	7%	39%	31%	13%	5%	2%	1%	1%	1%	2%

Dados do IBGE. Ver gráficos 1, 2 e 3 em anexo.

Pela tabela, percebemos que os Homens costumam se casar mais nas faixas etárias de 20 a 29 anos. Contudo no ano de 1993, percebemos que houve uma redução de 1% nas faixas de 20 a 24 anos e um aumento de 1% nas de 25 a 29 anos, que permaneceram sem

alterações no ano de 1994. Um crescimento de 2% nas faixas de 30 a 39 anos vem ratificar o que foi dito anteriormente sobre o fato do homem estar começando a se preocupar mais com a sua estabilidade financeira e com a sua carreira do que com o casamento, a constituição de uma família. Enfim, o criar alianças e estabelecer relações de reprodução, descendência e consangüinidade começam a não ser tão prioritárias para o homem no momento, ainda que os números na faixa dos 20 aos 29 anos, mesmo permanecendo estáveis, ainda sejam relevantes.

Com relação às mulheres temos:

idade / ano	menos de 15 anos	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos	60 anos ou mais
1992	1%	32%	36%	18%	7%	3%	1%	1%	0%	0%	0%
1993	1%	31%	36%	19%	7%	3%	1%	1%	1%	0%	0%
1994	0%	31%	36%	19%	8%	3%	2%	1%	1%	0%	0%

Dados do IBGE. Ver gráficos 1, 2 e 3 em anexo.

Conforme a tabela, percebemos que assim como os Homens o maior índice de casamento concentra-se na faixa etária de 20 a 24 anos. Contudo ao contrário dos homens uma grande maioria das mulheres casam-se na adolescência, na faixa etária de 15 a 19 anos. Todavia podemos perceber que até 1993 havia o casamento de meninas com menos de 15 anos o que não ocorreu mais em 1994. Em 1993 tivemos uma redução de 1% no casamento de adolescentes e um acréscimo de 1% no casamento de mulheres nas faixas

etárias de 25 a 29 anos e de 50 a 54 anos que se mantiveram constantes em 1994. Tivemos também um aumento de 1% em 1994 nas faixas de 30 a 34 anos e de 40 a 44 anos significando que, pelo visto, com relação a mulher os maiores índices indicam que para a mulher a constituição de uma família ainda é importante, seja planejada seja indesejada como é o caso de muitas meninas nas faixas etárias de 15 a 19 anos que casam por conta de uma gravidez precoce, assumindo uma família sem estar preparada, colocando em segundo plano os sonhos de uma carreira profissional. O aumento nas faixas de 25 a 29 anos, 50 a 54 anos, 30 a 34 anos e 40 a 44 anos significa que a vida pessoal e profissional, juntamente com a realização profissional, começou a ter nesta década para as mulheres a sua importância e prioridade dando espaço para o dividir das conquistas com outra pessoa através do casamento.

b) Casamentos por mês do registro- 1992 / 93 / 94:

mês / ano	jan.	fev.	mar.	abril	maio	junho	julho	agos.	set.	out.	nov.	dez.
1992	9%	8%	6%	6%	9%	8%	10%	5%	11%	9%	8%	12%
1993	9%	7%	7%	7%	9%	8%	10%	5%	9%	9%	8%	13%
1994	9%	7%	7%	7%	9%	8%	10%	4%	10%	9%	8%	13%

Dados do IBGE. Ver gráficos 4, 5 e 6 em anexos.

Podemos observar que o casamento deixou de ser realizado com maior frequência no mês de maio, que segundo a igreja Católica é o mês de Maria, portanto um mês abençoado para quem quer contrair casamento e constituir família; para ser realizado com uma incidência maior nos meses de dezembro, julho, setembro e janeiro equiparando-se a

maio e outubro. Estas mudanças se devem ao aspecto financeiro, uma vez que está dia-a-dia mais caro casar no religioso, por isso as pessoas optam por meses em que possam contar com o período de férias e com o décimo terceiro salário. O aumento das despesas do casamento envolvendo a roupa, a igreja, a festa, a viagem, a ornamentação, a música estão fazendo com que as pessoas repensem o casar no religioso, optando muitas vezes somente pelo casamento no civil e depois um jantar para os amigos mais íntimos como parte do ritual da passagem de solteiros para casados. Outros optam apenas por unirem-se consensualmente convidando depois os amigos para irem à nova casa. Percebemos com isso que a religião Católica não está mais com tanta força uma vez que para duas pessoas se unirem não se faz tão necessário a benção religiosa ocasionando mudanças no pensar o casamento, o relacionamento marital.

Percebemos assim mudanças nos relacionamentos, no que cada cônjuge quer do outro a começar pela importância que davam ao casamento oficial e hoje a importância que estão dando apenas ao relacionamento marital que pode estar dentro do casamento oficial ou não, segundo Giddens (1993: 68-9):

“ O termo ‘relacionamento’, significando um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa, só chegou ao uso geral em uma época relativamente recente. Para esclarecer o que está em jogo aqui, podemos introduzir a expressão *relacionamento puro* para nos referirmos a este fenômeno. Um relacionamento puro não tem nada a ver com pureza sexual, sendo um conceito mais restritivo do que apenas descritivo. Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem. Para a maior parte da população sexualmente ‘normal’, o amor costumava ser vinculado à sexualidade pelo casamento, mas agora os dois estão cada vez mais vinculados através do relacionamento puro. (..) O relacionamento puro é parte de uma reestruturação genérica da intimidade.”

Ariés (1987), no Antigo Regime Europeu nos mostra uma concepção de casamento, em dois momentos, no primeiro é um contrato; no segundo momento este vai sendo encoberto pelo amor no casamento, embora o prazer não esteja incluso, o que chamaríamos de amor romântico. A intimidade que inexistia em decorrência da não distinção entre público e privado passa a existir no século XVIII na Europa, ou pelo menos começa a dar os seus primeiros passos através da visão de casa enquanto lar, espaço privado e que por sua vez é o espaço da mulher e a rua do domínio público, espaço eminentemente masculino. Para Freyre (1981), no Sistema Colonial no Brasil as relações entre o homem e a mulher que Parker (1991) chamou de *hierarquia de gênero* continuavam a reproduzir o modelo europeu do período feudal com o apoio da igreja católica. Posteriormente, nas décadas atuais chegando a de 90 podemos interpretar os dados do IBGE, dentre outras interpretações referentes ao casamento, de que a saída da mulher do espaço privado, mesmo que não completamente, ocasionou uma mudança na sua relação marital, oriunda da sua independência financeira, da conquista de um espaço no âmbito público propiciando uma igualdade maior entre homem e mulher. Chegamos portanto ao que Giddens (1991), conforme dito anteriormente, chamou de relacionamento puro em contraposição a hierarquia de gêneros trabalhada por Parker (1991: 58), a hierarquia de gêneros como:

“O homem e a mulher e, por extensão, os próprios conceitos de masculinidade e feminilidade foram assim definidos, em termos de sua oposição fundamental, como uma espécie de tese e antítese. Com o poder investido inteiramente em suas mãos, o homem era caracterizado em termos de superioridade, força, virilidade, atividade, potencial para violência e o legítimo uso da força. A mulher, em contraste, em termos de sua evidente inferioridade, como sendo em todos os sentidos o mais fraco dos dois sexos - bela e desejável, mas de qualquer modo sujeita à absoluta dominação do patriarca. Esta extrema diferenciação carregava consigo um dualismo moral explícito que contribuiu para legitimar e reforçar a ordem aparentemente natural da hierarquia de gênero (...)”

Embora, ainda cheguemos a perceber um reforço dado a hierarquia de gênero apontada por Parker (1991), repassada pela mãe, babá ou responsável pelo processo de socialização da criança, com a saída da mulher para o âmbito da rua conquistando a sua independência financeira os valores vão aos poucos sendo alterados, começando a ser prezado no relacionamento, segundo Giddens (1993) a igualdade de deveres, tarefas que aos poucos vão modificando o padrão de comportamento e as mútuas obrigações dentro do relacionamento marital e, conseqüentemente, com relação aos filhos vão alterando o seu processo de socialização, a sua “criação”.

Porém, se no relacionamento as duas pessoas envolvidas não conseguem mais extrair dele “satisfações suficientes” para mantê-lo, ocasionado por uma ruptura do padrão de conduta e das obrigações assumidas, enfim ruptura do contrato por um dos cônjuges no caso do casamento oficial ou companheiros no caso da união consensual ocorre a separação. Esta passa a ser vista como elemento de desestruturação por fazer as pessoas repensarem suas vidas, os seus projetos feitos antes do casamento e durante o casamento tentando contabilizar as perdas e os ganhos em cada relação e só vêem perdas. Outras pessoas sentem a separação como um alívio quando sentem que houve ganhos na relação, aprenderam com ela, mas conseguiram extrair o que podiam e quando não havia mais satisfação, mas somente dor, cobrança, desconfiança, acusações então optam pela separação como alívio das tensões e não um mal necessário, reelaborando os projetos feitos, alguns parcialmente realizados outros completamente concretizados, antes e durante o casamento para as próximas relações (Velho (1981, 1986), Giddens (1991)).

Falando em projetos o que estamos entendendo como tal? *Projeto* na concepção de Gilberto Velho (1981: 26) consiste na elaboração de diretrizes que são traçadas para atingir um determinado fim. Estes projetos são “elaborados em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas.” Portanto, *o fim ou objetivo* que se pretende atingir pode ser algo individual, parte das vivências e interações que foram interpretadas com uma certa particularidade e peculiaridade que torna o projeto almejado, algo seu, próprio como é o caso de ter como projeto individual o desejar ser uma excelente profissional na sua área, para isso é preciso esforço, dedicação, perseverança antes de pensar em desistir de tudo e mudar de área, profissão. Outros teriam como projeto individual o casar, ter filhos ser uma ótima esposa, mãe dedicada e excelente dona de casa. Outros ainda teriam como projeto individual como na música o “ter uma casinha branca, um quintal de mato verde pra plantar e pra colher”.

Podemos observar que o que foi exposto como projeto individual não é de todo tão individual assim, pois quando dissemos “outros” significa que no coletivo o individual está presente e vice-versa. Como assim? é que ao desejarmos algo temos em mente, via socialização o que dentro da nossa sociedade, do nosso grupo é valorizado, é visto como sucesso, realização pessoal, felicidade, amor e todas as conquistas que cada um enquanto indivíduo terá como fim a atingir. Nos referimos nos exemplos acima ao que está posto como “individual” mas que na realidade é “coletivo”, tornando-se mais que um projeto individual um projeto coletivo / social.

O sujeito enquanto membro de um dado grupo absorve os valores desse grupo e todo o seu comportamento passa pelo padrão de comportamento estipulado pela sociedade

e os vários grupos que a constituem o que possibilita uma diversidade, uma pluralidade de comportamentos. Por exemplo, quantas vezes ao não conseguirmos realizar a contento uma tarefa ou atividade ficamos chateados como se fossemos os únicos no mundo a ficar assim, mas ao socializarmos os nossos sentimentos e fatos com outros ouvimos o: “não te preocupa eu já passei por esta mesma situação” e você percebe que não está tão só quanto pensava. O fato nesse exemplo é que realmente a situação pode ter sido vivida por várias pessoas que pertencem ao mesmo grupo, mas cada indivíduo sentiu de uma maneira diferente, agiu e reagiu de uma maneira que detectou no coletivo um quê de individual no fato. Como diz Geertz (1989) jamais podemos ser o outro ou falar pelo outro, o que temos que fazer é, conhecendo o outro e conversando com ele e com o seu grupo, assim como observando-os ,tentar nas interpretações nos aproximarmos ao máximo do significado dado por cada um deles tentando compreendê-los.

Com relação a família, casamento, relacionamento marital, separações e divórcios também podemos visualizar uma quantidade de informações e interpretações sobre cada categoria, que nada mas são do que construções mentais elaboradas para entendermos melhor uma parte da realidade que nos propusemos a compreender, interpretar, como nesse trabalho as outras categorias (o casamento, o relacionamento marital, a separação e o divórcio) ajudam a entender a não desestruturação da família.

Partindo para as separações, estas começam a surgir desde a primeira república no Brasil, mas ainda não haviam sido legalizadas ,dando origem a mulheres chefes de família e aos arranjos familiares como o concubinato, hoje chamado união consensual. Nesse ínterim o Brasil como um país eminentemente católico se posiciona contra as separações e

dificulta ao máximo a implantação do divórcio no país. Proibições impostas pela igreja e que corroboram para o não ao divórcio estão ligadas a não virgindade e a sexualidade.

Segundo Parker (1991: 15):

“Desde o início do período colonial até os nossos dias, um sistema de proibições religiosas relativamente formal, se bem que nem sempre inflexível, reforçou as divisões de gênero e, ao mesmo tempo, ampliou o significado implícito das próprias práticas sexuais, envolvendo-as numa economia simbólica diferente, questionando-as em termos não apenas de seus significados na vida cotidiana normal, mas de suas repercussões na vida eterna.”

Assim, mesmo que houvessem mudanças propiciadas pelas exigências de um contexto histórico, ainda percebíamos a continuidade de valores, de um padrão de comportamento, como parte das mútuas obrigações assumidas pelos nubentes ao contraírem casamento efetuando uma aliança social mais forte que possíveis vontades individuais de mudanças, uma vez que os nubentes como sujeitos sociais também compactuam e expressam vontades coletivas sobre o que querem e o que seja o casamento.

Resumindo o que trabalhamos até aqui, vimos que: em primeiro lugar passamos pelos estudos sobre família que corroboram com a nossa visão de uma não desestruturação da família em decorrência das separações, dos divórcios, dos arranjos familiares existentes; em segundo lugar, abordamos sobre o casamento observando como é visto enquanto aliança, parte do sistema de parentesco e ressignificado; e enquanto parte de um dos sacramentos criados pela igreja controlador da sexualidade e legitimador da procriação, entendemos, assim, que o romper com essa aliança acarreta um sentimento de desestruturação ao qual nos opomos neste trabalho. Percebemos também algumas mudanças, oriundas da independência financeira da mulher, bem como decorrentes das

crises no setor econômico, segundo os dados do IBGE, na prioridade que é dada ao casamento por homens e mulheres na década de 90. Lembramos também da importância dos projetos individuais e coletivos na visão da aliança estabelecida com o casamento que as pessoas têm e do que gostariam de ter, seja o casamento oficial ou não e que ajudam as pessoas a verem a separação como elemento de desestruturação da família ou como parte da dinâmica dessa. Nesse próximo item iremos verificar como a separação e o divórcio foram implantados no Brasil e as suas repercussões no contexto da família.

1.3 - Separações e Divórcios

Antes de falarmos sobre as separações e os divórcios no Brasil, faremos um breve resgate histórico do divórcio começando pelo significado do termo até a sua implantação na Europa e em outros países, chegando enfim ao Brasil.

Roderick Phillips (1991) é um estudioso da instituição família, mais especificamente das separações e do divórcio. Ele escreveu um livro chamado: *Untying the Knot. A short History of Divorce (Desatando os laços. Uma breve História do Divórcio)*. Utilizaremos alguns dados registrados por Phillips no seu livro nesse primeiro momento.

A palavra *divórcio* pode ser usada de várias formas podendo significar total dissolução de um contrato validado ou casamento celebrado. Documentos em latim da Igreja Católica estavam se referindo com frequência a *divortium a vinculo matrimonii (divórcio do laço matrimonial)* e é dessa maneira que o divórcio permitiria que homens e mulheres casassem novamente se a igreja tivesse permitido. A confusão encontra-se no fato

de que as palavras *divortium e divórcio* foram usadas de duas outras maneiras enquanto *anulação e separação do casamento*. A *anulação* é diferente do *divórcio* porque enquanto o *divórcio* dissolve o vínculo matrimonial / casamento que existia possibilitando aos cônjuges contraírem um novo casamento, a *anulação* apenas vai atestar que o casamento não houve, é como se os ex-cônjuges nunca tivessem se casados (PHILLIPS 1991: 2). Devemos dizer que utilizamos neste trabalho *divórcio* como hoje é concebido, qual seja como *dissolução total do vínculo matrimonial, permitindo aos ex-cônjuges contraírem novos casamentos*.

A Igreja Católica, no Concílio de Trento, considerou o casamento como sacramento e portanto indissolúvel, sendo anulado apenas nos casos de incesto, não capacidade de procriação conforme vimos com Ariés (1987). A doutrina Protestante veio a combater a indissolubilidade do vínculo matrimonial e o celibato pregados pela doutrina Católica através de Martin Luther e Jonh Calvin. Os reformadores diziam que os católicos deveriam seguir a Bíblia e observar o conjunto de impedimentos que existem e que podem anular imediatamente o casamento, tais como: em primeiro lugar a impotência sexual e o casar sem consciência do que se está fazendo e em segundo o incesto. Martin diz com relação a impotência sexual que a mulher procure o irmão do marido em segredo e tenha com ele relações sexuais para que fique tudo em família e a anulação não seja efetuada (PHILLIPS, 1991: 13).

Na Europa como um todo e na Inglaterra a implantação do *divórcio* não foi tão fácil como podemos presumir. Na Inglaterra enquanto o *divórcio* não era permitido foi registrado em 1533 a primeira venda de esposa, relatada esporadicamente no século XVII.

Até o século XVIII foram relatados mais de 387 casos de esposas que haviam sido vendidas e outros casos semelhantes em outros países como a Escócia, Irlanda, França. Phillips (1991: 85-91) nos diz que haviam tantos casos de vendas de esposas quanto divórcios em meados dos séculos XVIII e XIX. Além de vendas de esposas, haviam também esposas que matavam os maridos por conta de abusos e maltratos. Outras se suicidavam. Enfim, petições de divórcio, assassinatos, suicídios, bigamia, separações, vendas de esposas foram elementos que levaram a legalização do divórcio na Europa e Inglaterra.

No século XVIII a economia era basicamente familiar. Todos os membros de uma família trabalhavam em prol do crescimento da pequena empresa doméstica. A separação acarretava muitas vezes a morte de um dos ex-cônjuges que após ficarem viúvos tratavam de conseguir um outro casamento o mais rápido possível para dar continuidade a empresa e fortalecer novamente os laços de parentesco existentes (PHILLIPS 1991: 109-110).

No século XIX houve a introdução do casamento civil na Europa, procurado principalmente pelas pessoas que haviam se separado ou divorciado e queriam casar novamente. Na Inglaterra o divórcio foi estabelecido em 1857, provocando alterações nas restrições legislativas que haviam nas colônias. O divórcio não foi tão repugnante para a lei Inglesa, uma vez que o governo não foi somente capaz de legalizá-lo como também encorajar as pessoas a realizá-lo. Nos Estados Unidos, por sua vez, após a legalização em 1860 e após a guerra civil a América estava sendo conhecida como uma nação que possuía *moral baixa e cuja vida familiar era frágil pelo alto índice de divórcios* (PHILLIPS 1991: 137).

Percebemos que em todos os lugares em que a separação e o divórcio foram sendo implantados, criando alterações na estrutura organizacional da sociedade em questão, tivemos no início uma rejeição a lei, como se esta lei estivesse provocando um estado anormal dentro de uma ordem pré-estabelecida; ordem e desordem que nos lembra os estudos de Durkheim sobre o normal e o patológico dentro de um dado grupo. Esta aparente ordem estava em conflito uma vez que as leis não mais serviam as necessidades do grupo. Ao mesmo tempo a mudança causa medo, é o novo que surge alterando as leis que embora obsoletas faziam parte da vida das pessoas através da naturalização dessas leis via processo de socialização. Essa naturalização faz com que mesmo que o grupo sinta a necessidade da mudança, esta provoque uma reflexão no grupo levando-o a alterar a sua ordem interna, mexendo com tudo o que acreditavam e defendiam como correto como por exemplo a família, causando então um sentimento de desestruturação. Sentimento esse que é passado pelos membros de um dado grupo, como aconteceu nos Estados Unidos e nos outros países e hoje ocorre no Brasil, onde se encontra dentro de um grau de patologia aceitável pelo grupo em decorrência da mudança na legislação com a implantação do divórcio para recuperar a ordem existente no âmbito familiar.

A lei do divórcio com o passar do tempo vai sendo incorporada pelo grupo e sendo colocada em prática fazendo com que o que antes era estranho passe a ser familiar e assim ela vai ganhando cada vez mais força, sendo implantada em quase todo o Ocidente em meados do século XX.

Neste século, um destaque especial foi dado à década de 60 por ter sido um período de repensar o casamento e outros valores que não faziam parte dele, como por exemplo: o

amor romântico, a intensidade emocional e satisfação sexual que antes estavam associados a relações pré-maritais ou extra-conjugais. Período em que as pessoas começam a esperar mais do relacionamento marital / da relação conjugal. Nessa relação é dada uma ênfase maior à necessidade de *intimidade, companheirismo e amor*. A uma exigência maior entre os casais que começam a esperar mais um do outro (PHILLIPS 1991: 246). É o surgimento do *relacionamento puro* dentro da transformação da intimidade também trabalhado por Giddens (1993).

Nas décadas seguintes 70, 80 Phillips (1991:247) diz que a familiaridade com o divórcio as pessoas passam a ser mais tolerantes com os divorciados que são incorporados ao grupo sem estigmatizações que haviam anteriormente principalmente com relação a mulher. Nos Estados Unidos a mídia passou a incorporar o divórcio como elemento parte da dinâmica familiar tanto através das músicas com “o tema ‘The legal Boys’ (‘Os garotos legais’) de Elton Jonh, ‘Scenes from an Italian Restaurant’ (‘Cenas de um Restaurante Italiano’) de Billy Joel”; quanto através da incorporação do divórcio à subcultura de serviços que incluem: “festas de divórcios, bolos de divórcio, cartões de divórcio com expressões típicas: ‘Eu ouvi dizer que ... você está livre como um passáro’”.

Ainda nesse século, temos, tanto na Europa como nos Estados Unidos, o divórcio sendo aceito e discutido como parte integrante da dinâmica familiar, conforme visto anteriormente em Roderick. Na França, Martine Segalen (1986:157) manifesta-se sobre o divórcio:

“O divórcio agora é comum, aceito e normal, e crescentemente visto como um alívio das tensões familiares. Levando o paradoxo um pouco mais adiante,

alguém pode dizer que é um sinal de saúde da instituição da família.”
(Tradução de Márcia Oliveira) ²

Após fazermos esse retrospecto da história das separações e divórcios em alguns países do Ocidente, passemos a história das separações e do divórcio no Brasil.

Enquanto em outros países vimos que o divórcio e as separações datam de mais de cem anos, no Brasil conforme veremos, a lei do divórcio foi implantada no final da década de 70 e início da década de 80, portanto, relativamente recente.

No Período Monárquico, no Brasil, até aproximadamente o ano de 1889, a Igreja Católica e o Estado andavam juntos possuindo apenas um tipo de casamento - o religioso. Contudo, após a Monarquia, com a implantação da República, houve separação do Estado e da Igreja, sendo instituído pelo Decreto nº 181, o casamento civil, em 24 de janeiro de 1890. Posteriormente, em 1937, através da Lei nº 379, o casamento religioso passou a ser admitido para efeitos civis (LEVENHAGEN 1995:18).

Na Primeira República, em São Paulo, com o advento da industrialização no Brasil, começa a haver modificações no âmbito doméstico, pois a mulher começa a conquistar seu espaço no âmbito público, trabalhando dentro e fora de casa. As empresas domésticas faziam parte da economia brasileira nesse período. Os conflitos entre casais terminavam dando origem a separações que, em muitos casos, beneficiavam a esposa, pois a separação era litigiosa, não amigável, fazendo com que ao comprovar que o seu marido não estava de posse de suas faculdades mentais a mulher conseguia a separação e assumia a empresa, transformando-se em chefe da casa (SOUZA, 1992). Cabe salientar que o termo divórcio

² “Divorce is now common, accepted and normal, and increasingly seen as a release from family tensions. To push the paradox a little further, one could say that it is a sign of the health of the institution of the family.” (SEGALEN 1986: 157)

utilizado nesse período, apontado nos estudos de Sousa (1992) foi empregado de maneira equivocada, porque o que chamavam de divórcio, é o que hoje chamamos de separação judicial litigiosa, uma vez que a separação não era consensual, havia disputa pelos bens e não permitia que os ex-cônjuges contraíssem novo casamento.

Como no Brasil até a década de 70, não havia sido implantado o divórcio ou a dissolução do vínculo conjugal, a situação é alterada pela Carta Magna de 1967, que estabelece o Desquite, separação legal de bens e de corpos, podendo ser este, consensual ou litigioso, permanecendo os ex-cônjuges “casados -separados”. Com o Desquite começam a surgir novas uniões, à margem da lei, denominadas de *concubinato* que após a Emenda Constitucional de 1988 passaram a ser denominadas de *uniões consensuais*, assim como o *desquite* passou a ser conhecido como *separação judicial*.

A luta pela implantação do divórcio no Brasil segundo Caldas (1984) começou com o envio de vários projetos de emenda constitucional ao Congresso Nacional pelo senador Nelson Carneiro em 1976. Esses projetos não foram aprovados por falta de *quorum*. Contudo no ano seguinte, em 28 de junho de 1977, após alguns tumultos a Emenda Constitucional foi aprovada pelo Congresso Nacional nos seguintes termos:

“Emenda Constitucional nº 9, de 28 de junho de 1977.

As MESAS DA CÂMARA DOS DEPUTADOS E DO SENADO FEDERAL, nos termos do art. 49 da Const. Federal, promulgam a seguinte Emenda no texto Constitucional:

Art. 175.-

§ 1º O casamento somente poderá ser dissolvido, nos casos expressos em lei, desde que haja prévia separação judicial por mais de três anos.

Art. 2º A separação, de que trata o § 1º do art. 175 da Const. poderá ser de fato, devidamente comprovada em Juízo, e pelo prazo de cinco anos, se for anterior à data desta Emenda.

Brasília, 28 de junho de 1977.” (CALDAS 1984: 45)

Os senadores Nelson Carneiro e Accioli Filho apresentaram quase um mês após a aprovação da emenda um projeto de lei composto de 54 artigos em 24 de agosto de 1977. Segundo Caldas (1984: 44) esse projeto foi aprovado pelo Senado Federal com várias discussões e posteriormente enviado à Câmara dos Deputados, onde havia vários antídorcionistas, para revisão. O projeto carneiro-accioli, apesar das dificuldades, foi aprovado pelo Congresso no dia 3 de dezembro de 1977, com a eliminação da expressão “doença contagiosa” referindo-se ao divórcio. Os “antídorcionistas” não se sentindo convencidos da derrota queriam que fosse incluso no projeto o limite do pedido de divórcio a somente uma vez, o que não foi aprovado. No dia 5 de dezembro de 1977 a lei foi aprovada e enviada ao executivo e no dia 26 de dezembro de 1977, o Presidente da República sancionou a lei nº 6.515 publicada no Diário Oficial da União do dia 27 de dezembro de 1977 constando no Código de Processo Civil (1984: 187) nos seguintes termos:

LEI Nº 6.515, DE 26 DE DEZEMBRO DE 1977

Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e dá outras providências.

O Presidente da República,

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º A separação judicial, a dissolução do casamento, ou a cessação de seus efeitos civis, de que trata a Emenda Constitucional nº 9, de 28 de junho de 1977, ocorrerão nos casos e segundo a forma que esta Lei regula.

Brasília, em 26 de dezembro de 1977; 156.º da Independência e 89.º da República
ERNESTO GEISEL

Com a aprovação da lei do divórcio no Brasil a família passou a ser considerada na Constituição Brasileira (1988: 147) como:

Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

§ 1º O casamento é civil e gratuita a celebração.

§ 2º O casamento religioso tem efeito civil, nos termos da lei.

§ 3º Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.

§ 4º Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

§ 5º Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher.

§ 6º O casamento civil pode ser dissolvido pelo divórcio, após prévia separação de um ano nos casos expressos em lei, ou comprovada separação de fato por mais de dois anos.

Podemos perceber com a implantação da lei do divórcio que as relações no âmbito familiar passaram a ser mais flexíveis priorizando a igualdade de direitos e deveres entre o homem e a mulher, podendo esta responder pela casa na ausência do marido ou no caso da separação ao assumir também a posição de chefe da casa. Legalizando assim a situação das mulheres que já estavam separadas de fato ou judicialmente.

Quando o art. 226 § 4º reza que é considerado como entidade familiar qualquer dos pais (ou o homem ou a mulher) e seus descendentes, entendemos que pode ser enquadrado nesses casos as mães solteiras, os pais separados e quem ficou responsável pela guarda dos filhos, enfim, a lei começa a englobar os diversos arranjos familiares vindo a corroborar com o que antes falávamos sobre não desestruturação da família, mas adequação do modelo à realidade da sociedade.

Contudo, temos que considerar que após implantada uma lei e entrando esta em vigor isso não significa que todo um grupo maior vá aderir e aceitar passivamente o que

está sendo posto, afinal o processo de normalização e naturalização do divórcio até que venha a ser considerado normal, juntamente com os arranjos familiares leva um certo tempo como o foi em outros países. O que vem a explicar a discriminação, o preconceito pelo qual os descasados, aqui considerados como os separados de fato, judicialmente e divorciados sentiram e passaram num primeiro momento com grande intensidade, principalmente no que se refere a discriminação com relação a mulher descasada, e num segundo momento, não com tanta intensidade mas de forma mais amena em decorrência da naturalização com que são vistos o divórcio e as separações.

Quando falamos em discriminação e preconceito estamos nos referindo ao que é visto como o diferente do padrão aceito como o normal em um dado grupo. O diferente faz o grupo refletir sobre suas ações e seus valores, levando-os a repensar seus comportamentos ora ratificando-os ou, ora retificando-os, como é o caso de pessoas que são separadas dentro de um grupo que prioriza a família e tem o casamento como indissolúvel.

Quando pensamos em discriminação, preconceito e estereótipos criados por grupos tidos como diferentes, trabalhamos com o que Goffman (1988) chama estigma. A estigmatização ocorre segundo Goffman(1988: 12) quando:

“(..) o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real.”

Assim que o divórcio foi implantado no Brasil, ser divorciada na década de 80 era um desafio posto aos ex-cônjuges dispostos a enfrentar o estigma, que viria, de que pessoas separadas não são pessoas respeitáveis. Por exemplo com relação a mulher ela deixa de ser a Senhora e passa a ser vista como a mulher disponível, vulnerável e com relação ao homem se é separado então fez algo de errado, não é um homem sério. Para a mulher mostrar sua seriedade, algumas privavam-se de terem outros relacionamentos permanecendo solteiras e dedicada a sua casa, ao seu trabalho e aos seus filhos. Cabe salientar que não só os descasados passam por questionamentos nessa década, mas a própria família, enquanto instituição / modelo também, bem como as relações entre pais e filhos começam a passar por reflexões dentro desse contexto de transformação (SALEM, 1980).

No final da década de 80 início da de 90 as pessoas ainda não aceitavam de todo a separação e o divórcio, mas a mídia começava a criar discussões sobre o caso em novelas, programas de televisão que propiciavam debates sobre as dificuldades pós-separação, mães solteiras, crises nos valores familiares, relação entre pais e filhos e a sexualidade. Tania Zagury em 1993 lançou um livro sobre as dúvidas que são colocadas pelos pais sobre a melhor maneira de lidar com os filhos, chamado *Sem Padeecer no Paraíso. Em defesa dos Pais ou sobre a Tirania dos Filhos*. Outros autores começam a se interessar pela temáticas voltadas cada vez mais ao indivíduo, a valores como o amor, o ciúme, livros de auto-ajuda sobre as artes de amar, conquistas e reconquistas de um relacionamento, do outro e de si, dentre outras temáticas, como por exemplo: *Repressão Sexual essa nossa (des)conhecida*

da Marilena Chauí (1991), *Casamento Término e Reconstrução* de Maria Tereza Maldonado (1991), *O segredo do amor eterno* de John Powell (1992), *Mulher Solteira, do estigma a construção de uma nova identidade* de Nádia Amorim (1992), *A mulher emergente, uma experiência de vida* de Natalie Rogers (1993), *Encontros, desencontros e reencontros* de Maria Helena Matarazzo (1996), *Ciúme* de Wimer Botura júnior (1997) dentre outros.

Sobre o amor Giddens (1993: 72-74) diz que:

“Na época atual, os ideais de amor romântico tendem a fragmentar-se sob a pressão da emancipação e a autonomia sexual feminina. O amor romântico depende da identificação projetiva, da identificação projetiva do *amour passion*, como o processo pelo qual os parceiros potenciais tornam-se atraídos e, então, unem-se. A identificação projetiva vai contra o desenvolvimento de um relacionamento cuja continuação depende da intimidade. A abertura de um em relação ao outro, condição para o que chamaremos de amor confluyente. (..) O amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da idéia do amor romântico. A ‘sociedade separada e divorciada’ de hoje aparece aqui mais como sua causa. Quanto mais o amor confluyente consolida-se em uma possibilidade real, mais se afasta da busca da ‘pessoa especial’ e o que mais conta é o ‘relacionamento especial’. O amor confluyente pela primeira vez introduz a *ars erotica* no cerne do relacionamento conjugal e transforma a realização do prazer sexual recíproco em um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento.”

Percebemos com a citação de Giddens que a ênfase hoje é dada ao indivíduo e suas necessidades refletidas nos projetos individuais e sociais de cada um. Há uma exigência maior do que cada indivíduo quer do outro na relação possibilitando o pensar e refazer seus projetos, como por exemplo no caso da separação.

Temos então que não apenas a concepção de família, do casamento, das separações e do divórcio são relevantes para percebermos a não desestruturação da família, mas os

valores contidos nessas concepções que permearam o pensamento de alguns dos autores citados tais como: a sexualidade, a intimidade, o aspecto financeiro, o companheirismo, o amor, a fidelidade, têm contribuído tanto para unir quanto para separar duas pessoas.

O companheirismo dentro desses valores envolve toda uma rede de sociabilidade que inclui não apenas os dois cônjuges mas os amigos, os parentes, vizinhos, os colegas de trabalho, amigos de um bar. Ao ponto de na separação haver não somente, conforme dito anteriormente, o rompimento da aliança entre os cônjuges, mas o romper com a aliança, com os laços criados com todas as pessoas que pertenciam ao mesmo grupo dos cônjuges, seja este do trabalho, seja do bar, seja da vizinhança. Enfim as associações criadas vão sendo rompidas e a rede passa a ser desamarrada, surgindo a necessidade de criar outras amarras que vão sendo construídas com os laços que ainda permanecem e novos laços, novas associações que vão aos poucos sendo estabelecidas. Assim, após a separação ou o divórcio novas redes de sociabilidade vão se formando.

O termo sociabilidade está sendo usado segundo foi trabalhado por Simmel (1983: 169) como toda e qualquer forma de associação, presente na relação conjugal, na família, com os parentes, amigos, colegas de trabalho, vizinhos, enfim, em toda forma de interação.

A interação ocorre em decorrência de interesses e impulsos que vão constituir a base da sociedade humana. Para Simmel (1983: 166) a associação “é a forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses.” Interesses que podem convergir ou divergir em determinados momentos de acordo com os projetos dos membros de um dado grupo. Logo, a sociabilidade é toda forma de associação que dentro do limite permitido pelo grupo, agüenta algumas divergências e conflitos que vão suscitar

questionamentos e possibilitar mudanças dentro do grupo em questão, refletindo essas mudanças nos grupos paralelos através das redes, dos laços criados entre eles.

Os conflitos contribuem então para fortalecer os laços, as redes de sociabilidade como também para desatar esses laços, desfazendo as redes existentes e possibilitando o surgimento de outras redes de sociabilidade, como no caso das separações conforme dito anteriormente.

Portanto, nesse trabalho foi dado mais ênfase aos valores que permeiam as concepções de família, casamento, separações e divórcios na análise dos dados, no intuito de compreendermos a repercussão da separação e do divórcio na concepção de família hoje.

1.4- Interpretando os dados mais recentes sobre o divórcio no Brasil.

Os dados mais recentes sobre o divórcio no Brasil vão até 1994. Aqui trabalhamos apenas com a década de 90 fazendo relações entre os anos de 1992, 1993 e 1994. No Brasil temos que a grande maioria tanto dos homens quanto das mulheres que optam pelo divórcio estão na faixa etária dos 30 aos 34 anos, conforme os dados do IBGE referentes aos anos de 1993 / 94. Com relação a esses dados temos no que se refere aos homens que:

grupos de idade / anos	menos de 20 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos	60 a 64 anos	65 a 69 anos	70 a 74 anos	75 anos ou mais
1993	0%	3%	14%	21%	20%	15%	10%	7%	5%	3%	2%	1%	1%
1994	0%	3%	13%	21%	20%	15%	10%	7%	5%	3%	2%	1%	0%

Dados do IBGE. Ver gráfico 7,8 e 9 em Anexo.

Houve uma diminuição do número de homens que se divorciam na faixa etária de 25 a 29 anos, mantendo os índices nas outras faixas indicando que as relações se não mais satisfazem e são rompidas, principalmente nas faixas de 30 a 34 anos dão aos homens possibilidades de contraírem novos casamentos se assim o quiserem ou então refletir sobre a separação dedicando-se mais a sua vida profissional e, por enquanto, não pensando em contrair um relacionamento mais sério com ninguém.

Com relação as mulheres temos que:

grupos de idade / anos	menos de 20 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos	60 a 64 anos	65 a 69 anos	70 a 74 anos	75 anos ou mais
1993	2%	8%	19%	21%	18%	12%	8%	5%	3%	2%	1%	0%	0%
1994	1%	8%	19%	22%	18%	13%	8%	5%	3%	2%	1%	0%	0%

Dados do IBGE. Ver gráficos 7, 8 e 9 em Anexo.

Segundo os dados houve uma redução de 1% nos divórcios ocorridos com mulheres com menos de 20 anos, o que pode significar que mesmo que tenham casado por conta de uma gravidez precoce, ou por outro motivo como o amor, passam a valorizar o casamento, além do fato de não quererem ficar solteiras e assumirem todas as responsabilidades, principalmente as financeiras, sozinhas.

Por outro lado houve um aumento de 2% nas faixas etárias de 30 a 34 anos e nas de 40 a 44 anos o que significa que os homens e as mulheres que estão nessas faixas já sabem o que querem uns dos outros, se o que esperavam no casamento, desse outro, está ou não acontecendo, para após essas reflexões optarem ou não pelo divórcio. Outro aspecto que pode contribuir para que haja uma maior incidência de divórcios nessas faixas etárias é a independência financeira, possibilitando a mulher dedicar-se mais ao trabalho, podendo no futuro ter ou não outro relacionamento, como no caso dos homens pertencentes a essa mesma faixa etária conforme dito anteriormente.

Outros dados do IBGE nos mostram o número de divórcios concedidos por regiões no Brasil e principalmente no Estado de Pernambuco, local onde foi realizada a pesquisa, nos anos de 1992 / 93 / 94. Segundo os dados temos que:

regiões / anos	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul
1992	9%	15%	2%	56%	17%
1993	9%	17%	3%	55%	16%
1994	9%	16%	3%	54%	17%

Dados do IBGE. Ver gráficos 10, 11 e 12 em Anexo.

No Brasil nesses três anos os maiores índices de divórcios encontram-se nas regiões Sudeste onde concentram-se os grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo, na região Sul e região Nordeste. Esta última região embora dentro do quadro dos maiores percentuais de divórcio do Brasil não deixa de ser também uma região defensora da família e da indissolubilidade do casamento.

No Nordeste possuímos grandes centros urbanos como na região Sudeste tais como: Salvador, Recife e Fortaleza. Detendo-nos ao Estado de Pernambuco, mais especificamente nas cidades de Recife e Olinda onde realizamos o trabalho de campo, temos que os índices de divórcio nos anos de 1992 / 93/ 94 foram de:

Pernambuco / anos	Região Metropolitana	Recife	Interior
1992	53%	30%	17%
1993	56%	34%	11%
1994	56%	32%	12%

Dados do IBGE. Ver gráficos 13, 14 e 15 em Anexo.

30% em Recife no ano de 1992, totalizando mais da metade da Região Metropolitana que é constituída não somente por Recife, mas também por Jaboatão, Olinda, Paulista até Itamaracá.

Na Região Metropolitana houve uma constância nos anos seguintes 1993 / 94, contudo percebemos um aumento de 4% no número de divórcios concedidos em Recife no ano de 93 e uma redução de 6% no Interior. Bem como uma redução de 2% em Recife no ano de 94 e um aumento de 1% no Interior. Esses dados podem significar que com a

implantação do divórcio em Recife várias pessoas que já haviam se separado resolveram legalizar suas situações através da formalização do divórcio, podendo assim, contraírem novamente matrimônio / casamento.

Outra interpretação que pode ser dada é que de 93 para 94 o custo de vida tenha aumentado fazendo com que, por motivos financeiros prefiram esperar regularizar suas vidas financeiramente a pedir o divórcio; ou ainda pela modificação nos valores priorizando no relacionamento o companherismo, a amizade, o sexo, que entram no relacionamento puro e modificam a concepção de amor, as pessoas optem por reformular projetos que atendam as necessidades de cada cônjuge sem precisar pensar em separação. Outra interpretação pode estar relacionada ao fato de algumas pessoas em Recife ainda manterem os valores oriundos de toda uma tradição que veio da Europa e se instalou no Brasil no Sistema Colonial através da influência da Igreja Católica no casamento como eterno, da “normalidade” das relações extra-conjugais permitida aos homens, da “hierarquia de gêneros” dentre outras relações que dificultam a aceitação das separações e do divórcio como elementos normais, remetendo a quem optar por romper o vínculo conjugal uma carga de estigmas e preconceitos, reforçando o mito da desestruturação, conforme trabalhado por Goldani (1993).

O fato é que ao analisarmos esses dados estamos trabalhando com interpretações (GEERTZ, 1989), procurando a partir de todo um referencial teórico inicial e da observação dos dados estatísticos fazer uma leitura das relações conjugais e da família observando quais os elementos que reforçam a concepção de uma desestruturação da família, mostrando a continuidade, a predominância de alguns valores e quais os elementos

que possibilitam uma mudança na concepção de família, casamento, relacionamento a partir de valores que coloquem a separação e o divórcio não como elemento destruturador, mas como elemento que faz parte da dinâmica familiar.

CAPÍTULO II- CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Após termos feito uma revisão bibliográfica, tomando como referencial a desestruturação ou não da família por conta das separações e do divórcio, posicionando-nos ao lado dos autores que também concordam com a não desestruturação desta; trabalharemos neste capítulo com os aspectos metodológicos a partir das conversas / entrevistas realizadas com os informantes em um espaço que, pela frequência e relações estabelecidas entre os seus frequentadores todas as quintas-feiras, transformou-se no nosso grupo social.

Este capítulo foi dividido em três partes: na primeira foi abordado o universo social pesquisado - o campo, os informantes e os critérios utilizados na escolha dos informantes; na segunda parte abordamos os instrumentos- a coleta dos dados e a sua análise e na terceira parte fizemos uma descrição do campo, no qual foi desenvolvido a pesquisa.

2.1- Definição do Universo Social abordado.

Para verificar a desestruturação ou não da família, optamos por um campo de pesquisa que possibilitasse o acesso a pessoas, tanto homens quanto mulheres que num primeiro momento nos eram desconhecidos e que após as entrevistas foram se tornando familiar, ajudando-nos a criar toda um rede de relações dentro do próprio Bar.

A pesquisa foi desenvolvida em um bar dançante chamado *Chão de Estrelas* localizado na cidade de Olinda, situada no Estado de Pernambuco. No Bar é promovida a *Noite dos Desquitados*, todas as quintas-feiras.

Os freqüentadores do bar não são apenas os descasados, mas mulheres viúvas, homens e mulheres solteiros, homens casados, o que possibilitou uma variabilidade maior nos dados colhidos, permitindo observar dentro desse grupo a re-apresentação da família, do casamento e do relacionamento, hoje, feita não apenas pelos descasados, mas também pelos representantes de outras categorias como os solteiros, os casados e as viúvas. Verificamos ainda o que os descasados pensam sobre *o ser descasado*, e como os outros que não são descasados os vêem, percebendo através das falas se ainda há discriminação, preconceito com relação ao ser descasado hoje ou não. Lembrando sempre que uma re-apresentação de algo, por mais subjetiva que seja, possui elementos sociais que refletem o pensar não só de um indivíduo mas deste como um representante de um dado grupo refletindo o pensamento desse grupo.

Estamos desde o primeiro capítulo trabalhando com a categoria dos *descasados* como sendo uma categoria criada a partir dos dados obtidos em campo e das conversas com os informantes que abrangem os *separados de fato, judicialmente e divorciados*.

Ainda falando sobre os informantes, dentro das categorias acima citadas, foram entrevistados: tanto homens quanto mulheres descasadas; solteiros enquanto homens e mulheres que não tiveram uma relação marital anteriormente como por exemplo a união consensual ou casamento “oficial”; homens casados oficialmente que costumam ir ao bar sem as suas esposas, com exceção de uma mulher que foi ao bar acompanhada pelo marido; foi entrevistado também apenas um casal unido consensualmente, em que os companheiros (homem e mulher) haviam se conhecido no bar e continuavam a freqüentá-lo e mulheres viúvas. Nessa amostra não foi entrevistado nenhum homem viúvo.

Após a entrevista e análise dos dados verificamos a relevância deste trabalho por poder contribuir para os estudos na área de Família, ao observar como os informantes, representantes de várias categorias estão vivenciando ou pensando sobre a separação e o divórcio no final desse século, corroborando para a ratificação ou retificação do mito da desestruturação da família.

Os informantes são profissionais liberais, pertencentes a camada média urbana das cidades de Olinda e de Recife. Trabalhamos camada média urbana levando em consideração mais do que as *oportunidades de vida* relacionadas ao aspecto financeiro, o *estilo de vida* enquanto conjunto de valores, pensamentos e sentimentos compartilhados por um determinado grupo, expressos nas falas de cada informante e no seu comportamento, verificando as semelhanças e divergências no posicionamento de cada um deles, observando o que é mais recorrente na fala de cada um. Por exemplo, a representação coletiva sobre relacionamento dada pelos informantes teve como ponto de convergência a explicitação de valores tais como: o companheirismo, igualdade nas relações entre homens e mulheres, individualismo, amizade, amor, sexo, independência financeira, (in) fidelidade; possibilitando perceber, via linguagem, os elementos sociais mais valorizados pelo grupo em questão, caracterizando-o como de classe média urbana (Goldani (1993), Velho (1981)).

Segundo Gilberto Velho (1981:19-21) em *Classes sociais e Universo Simbólico*, sobre a importância da linguagem na apreensão de elementos sociais que venham a identificar um dado grupo, temos que:

“perceber quais são, dentro dos diferentes segmentos de uma sociedade complexa, os temas valorizados, as escalas de valores particulares, as vivências e preocupações cruciais.”

Com relação aos informantes os critérios utilizados na escolha foram os qualitativos propostos por Marre (1991: 111-113) que se referem:

a) a *diversificação da amostra*, “proveniente da escolha de pessoas que consigam analisar de um modo suficientemente amplo, a totalidade ou quase totalidade dos temas, fatos, estratégias, juízos e itinerário do grupo social investigado. Essas pessoas diversificadas entre si podem pertencer indiretamente ao campo investigado.” Geralmente a diversificação é conseguida através da estratégia que Marre chama de “bola de Neve”, em que as primeiras pessoas entrevistadas indicam outras e assim sucessivamente, é o que chamamos de construção da rede de relações conseguindo a “diversificação qualitativa da amostra”.

b) *A saturação* ocorre quando, a partir de um certo número de entrevistas coletadas, as posteriores não acrescentam praticamente nada ao que as outras têm expresso. Neste momento o campo investigado está “coberto”. Começando uma nova etapa que, no caso, refere-se à análise dos dados, o deixar o campo e refletir sobre os dados que encontrou, fazer transcrição das fitas, rever o diário de campo, verificando, assim o material que já possui, para melhor trabalhá-lo.

O restaurante funcionou como o ponto de localização dos informantes. O critério utilizado foi entrevistar qualquer pessoa que estivesse no bar. A partir do momento em que fôssemos conhecendo as pessoas e as entrevistando, outros dados foram surgindo como

indicadores da diversidade existente, tais como: o estado civil, a idade, a profissão, se possuíam filhos ou não. Assim, conseguimos a diversificação qualitativa da amostra.

Com relação a estratégia da *bola de neve* ou rede de relações, esta foi sendo construída no bar após cada entrevista pelos próprios entrevistados que indicavam um amigo ou amiga que pela história de vida poderia ser um (a) ótimo (a) informante. Posteriormente, a *saturação* foi alcançada ao completarmos 33 entrevistas, passando então a análise dos dados.

Na construção da rede de relações no bar entramos em contato, num primeiro momento com os homens e posteriormente, através dos homens chegamos às mulheres. Como se processou a interação entre pesquisadora e seus informantes? O local é um bar dançante em que a música é a grande mediadora e facilitadora da interação, do contato entre as pessoas. Nesse sentido os informantes- homens , convidavam para dançar e na dança começavam geralmente a iniciar uma conversa tentando conhecer um pouco mais da pessoa com quem estavam dançando no momento, perguntando o nome, o estado civil, a profissão, naturalidade. Os dados obtidos no começo de uma conversa / entrevista, foram, nos primeiros momentos, conseguidos via dança, dando origem as *entrevistas dançantes*. Por exemplo, um informante que é divorciado havia convidado a pesquisadora que ora vos fala para uma contradança e na dança ao perguntar sobre a profissão e depois sobre o tema da dissertação, na época: *divorciados e sociabilidade*, ele perguntou se não gostaríamos de entrevistá-lo, então interrompemos a dança, voltamos a mesa e começamos a entrevista. Assim, percebemos que não seria uma boa estratégia contactar com os informantes para depois entrevistá-los, mas as entrevistas deveriam ser feitas no próprio espaço do bar.

Com relação as mulheres o contato foi feito através dos informantes homens, que após serem entrevistados diziam conhecer algumas amigas que passaram por situações difíceis após a separação e que também freqüentavam o bar podendo ajudar bastante pelas informações que poderiam dar, então contactavam com elas, apresentavam-nos e iniciávamos assim as entrevistas com as informantes mulheres, que depois também nos apresentavam à outras pessoas.

Devemos esclarecer que as *entrevistas dançantes* foram realizadas com informantes homens que nos convidavam para uma contra-dança. Depois, quando nos convidavam para dançar, perguntávamos se não gostariam de sentar e conversarmos um pouco. Após aceitarem o convite para sentarem-se conosco, explicávamos o que estávamos fazendo e perguntávamos se não gostariam de participar da pesquisa. Na grande maioria todos concordavam e ao término da entrevista, às vezes, ouvia alguns dizerem: “eu não dancei, mas pelo menos desabafei”. Com relação às mulheres, assim como os homens, falarem de si, do que pensam sobre família, casamento, relacionamento, sobre a separação e mudanças pós-separação no caso das descasadas, discriminação ou não com relação ao homem e a mulher descasados, a entrevista também foi um prazer.

O que tornou válida as entrevistas realizadas em um espaço que é de festa, dança, movimento, foi termos conseguido em alguns minutos, às vezes, uma hora ou uma hora e meia, entrevistas que nos ajudaram a colher informações sobre família, casamento, relacionamento dentre outros, tratando de temas que são relevantes e estão relacionados direta ou indiretamente com cada informante, tratados com seriedade e atenção por cada um deles. Utilizamos nas conversas um roteiro de pesquisa que foi sendo reelaborado a

partir das entrevistas feitas no campo. Nesta pesquisa foram realizadas 33 entrevistas, sendo 25 gravadas e 8 entrevistas registradas no diário de campo e bloco de anotações.

2.2- Instrumentos utilizados e a coleta de dados

A pesquisa constou então de dois momentos expressos pela observação participante e entrevistas semi-estruturadas. No primeiro momento em que chegamos ao bar pedimos permissão para realizar a pesquisa no local ao gerente do bar. Após haver dado a permissão começamos o processo de observação participante, pois apenas ele sabia que estávamos realizando uma pesquisa no espaço. Ao começarmos a pesquisa não realizávamos entrevistas gravadas, mas conversas que depois eram registradas no diário de campo. Num segundo momento, após as entrevistas e o contato com 8 informantes passamos a nos identificar enquanto pesquisadora, o que até certo ponto mudou a postura das pessoas sobre nós. Começamos a realizar as entrevistas gravadas.

O ouvir o outro e tentar entrar no sistema de significados criados, reelaborados, reinterpretados de um dado grupo e interpretá-los foi e continua sendo difícil, mas gratificante. Segundo Geertz (1989: 23-4):

“Situá-los, um negócio enervante que só é bem-sucedido parcialmente, eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal. Tentar formular a base na qual se imagina, sempre excessivamente, estar-se situado, eis no que consiste o texto antropológico como empreendimento científico. Não estamos procurando, pelo menos eu não estou, tornar-nos nativo (em qualquer caso, eis uma palavra comprometida) ou copiá-los. Somente os românticos e os espíões podem achar isso bom. O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles, o que é muito mais difícil, e não apenas com estranhos, do que se reconhece habitualmente. ‘Se falar *por* alguém parece ser um processo misterioso’, observou Stanley Cavell, ‘isso pode ser devido ao fato de falar *a* alguém não parecer de maneira alguma misterioso’.”

Dessa maneira procuramos interagir com o grupo, conversar com as pessoas, enfim, participar da dinâmica do bar. A observação participante foi o elemento que nos colocou mais próximos dos informantes, propiciando a interação. Na interação dançamos, sorrimos, conversamos, conhecemos as pessoas que se tornaram os nossos amigos no bar, participando conosco do desenvolvimento da pesquisa e trazendo a cada dia novos dados. Não somente falávamos da pesquisa, mas dos problemas do dia-a-dia de cada um que, afinal, também enriqueceram os dados desta pesquisa.

Na pesquisa foi percebido um *agenciamento* (NASCIMENTO, 1997) feito pelos próprios atores sociais, sujeitos investigados que nos colocam ora ocupando a posição de pesquisadora, ora não sujeito investigador, mas o indivíduo com quem eles estão interagindo seja dançando, brincando, sorrindo, conversando.

Temos como exemplo do *agenciamento* um fato que ocorreu nas últimas noites em que fomos ao campo. Tínhamos acabado de chegar ao bar quando, ao comprarmos os ingressos, encontramos com duas colegas da Universidade. Perguntaram-nos o que fazíamos e respondemos que era este o Chão de Estrelas, local em que estávamos desenvolvendo a nossa pesquisa. Nesse momento três senhoras que estavam chegando ao ouvir o meu comentário perguntaram se éramos repórteres. Dissemo-lhes o que estávamos fazendo e perguntamos se elas não gostariam de serem entrevistadas. Aceitaram o nosso convite e nos convidaram para sentarmos com elas, então nos despedimos das duas colegas, sentamos e começamos a entrevista. Das três senhoras uma é divorciada, a outra está se separando e a outra é solteira. Fizemos as entrevistas e depois começamos a conversar. A música começou a tocar e a expectativa era a de quem seria tirada para dançar. Em um

dado momento vimos um senhor, que dançava muito bem, dançando com uma informante. No bar as mulheres não tiram os homens, diretamente, para dançar, mas nesse dia quebramos a regra e tiramos o senhor para dançar. Então, quando chegamos da dança a primeira coisa que nos perguntaram foi se não íamos entrevistá-lo também. Em frente a essa situação, explicamos o que fazíamos no bar e perguntamos se gostaria de ser entrevistado. Ele aceitou o convite e nós o entrevistamos, dessa vez elas também participaram da entrevista. O *agenciamento* foi percebido pelo fato das informantes após a entrevista conversarem conosco, não mais como pesquisadora, mas como uma nova conhecida; que ao ter ido dançar, na volta, imediatamente, foi recolocada, no lugar da pesquisadora segundo os seus interesses, pois também queriam dançar, mais que isso, interagir com esse possível parceiro para uma conversa ou contradança.

O ter observado o *agenciamento* nos lembrou Laplantine (1991) quando ele fala sobre o observador parte integrante do seu objeto de estudo em que ora somos o sujeito que observa ora somos o sujeito observado. Sendo assim no processo de interação tudo tem que ser levado em consideração, não apenas as impressões dos sujeitos observados, mas as do sujeito que observa. Segundo Laplantine (1991: 169-170):

“Se é possível e até necessário, distinguir aquele que observa daquele que é observado, parece-me, em compensação indispensável dissociá-los. Nunca somos testemunhas objetivas observando objetos e sim sujeitos observando outros sujeitos. Ou seja, nunca observamos os comportamentos de um grupo tais como se dariam se não estivéssemos ou se os sujeitos da observação fossem outros. Além disso, se o etnógrafo perturba determinada situação, e até cria uma situação nova, devido a sua presença, é por sua vez, eminentemente perturbado por essa situação. Aquilo que o pesquisador vive, em sua relação com os seus interlocutores (o que reprime ou sublima, o que detesta ou gosta) é parte integrante de sua pesquisa.”

A entrevista tomando a forma de uma agradável conversa, conforme dito anteriormente foi guiada por um roteiro de entrevistas (ver anexos 16, 17 e 18) que tinha como pergunta inicial o estado civil pois a partir desse primeiro passo, sabendo com que categoria trabalharíamos ficava mais fácil fazer a transposição de perguntas que eram as mesmas para todas as categorias, adaptando-as à categoria que eu estivesse trabalhando no momento. Por exemplo, se é solteiro não perguntaríamos a quanto tempo está casado (a), mas se pretende casar, se não o fez, o que houve? O que pensa sobre o casamento, relacionamento, família? Como soube da Noite dos Desquitados? Se já freqüentava, ou se era a primeira vez? Se já freqüentava, há quanto tempo e o que acha da Noite? Se conhece outros espaços como o Chão de Estrelas e o que o levou a ir ao restaurante? Convém salientar que as perguntas iam sendo feitas à medida em que os temas iam aparecendo na conversa.

O roteiro foi elaborado pensando, principalmente, na categoria dos descasados, contudo, com a ida a campo, observando a diversidade da amostra que tínhamos no bar, resolvemos trabalhar, conforme dito anteriormente, com os representantes de outras categorias. Conversamos também, informalmente, com uma das informantes que conheci no bar e que me convidou a ir à sua casa. Nessa ocasião, entrevistamos também o seu companheiro atual, descobrindo que haviam se conhecido no Chão de Estrelas. Num outro momento recebi uma informante na Universidade, conversamos sobre relacionamentos, separações, mudanças pós-separação, dificuldades enfrentadas com os filhos, discriminação, novas uniões pós-separação e sobre alguns freqüentadores do bar. Essa

conversa nos ajudou a acrescentar alguns dados a entrevista que fizemos com ela no bar e a nos dar informações sobre alguns dos freqüentadores do bar.

Recapitulando, os dados coletados foram colhidos então via entrevista semi-estruturada (gravadas), conversas informais (não gravadas) no bar e fora dele; observação participante registrada num diário de campo onde registrávamos tudo o que estava sendo observado e o que havia acontecido, passo a passo, desde o momento de sair para o campo, durante o campo e após, em casa ,ao fazer a análise da noite.

As fitas foram transcritas totalizando no grupo das mulheres entrevistadas: 9 descasadas, 3 viúvas, 3 solteiras e 2 casadas. No grupo dos homens tive: 6 casados, 5 descasados e 5 solteiros. Ao todo 33 informantes, 16 homens e 17 mulheres. Fazendo uma tabela para visualizarmos melhor os dados obtidos temos:

estado civil / sexo	descasados		casados		solteiros		viúvos	
	Q	%	Q	%	Q	%	Q	%
Homem	5	15,15	6	18,1	5	15,15	0	0
Mulher	9	27,3	2	6,1	3	9,1	3	9,1

Pela tabela acima podemos perceber que no Bar, o maior número de freqüentadores mulheres, é o grupo de descasadas, com 27,3%, seguido pelos grupos de viúvas e solteiras, ambos com 9,1%, que vão ao bar em busca de criar novas redes de sociabilidades, interagir com pessoas que num espaço como o Chão de Estrelas, na Noite dos Desquitados, não

tenham preconceitos em relação às descasadas. Outra interpretação, não só para as descasadas, mas também para as solteiras e viúvas, é o fato de irem, ao bar, motivadas pela dança, e pelo encontro que uma contra-dança pode propiciar, no que se refere ao encontro com um outro que esteja disposto a compartilhar de si, querer se relacionar. Outra interpretação é a ida em busca de um encontro sem compromisso, apenas um momento.

Na amostra do segmento masculino, caso dos viúvos, não entrevistamos nenhum, o que pode significar ou que os viúvos não estão dispostos a encontrar uma nova companheira tão cedo, motivados pela necessidade de recolhimento, diferente da mulher viúva, ou que podem encontrar mais cedo que pensamos, não precisando ir ao Chão de Estrelas ou outros locais para encontrá-la.

Outro dado observado é que, ao contrário das mulheres, os descasados equiparam-se ao número de 15,15% dos solteiros que freqüentam o bar, podendo significar que eles vão ao bar em busca de uma boa música, boa companhia, fazer novas amizades, assim como podem também ir atrás de alguém, de uma companheira que queira enfrentar um relacionamento duradouro, ou que queira apenas um momento, um relacionamento mais efêmero.

O número de casados que freqüenta o bar, 18,1%, superou outras categorias mostrando que estes podem pensar num primeiro momento, que a Noite dos Desquitados só possui pessoas, mulheres que estão em busca de uma aventura e não é bem assim, existem as que vão em busca dessa aventura, contudo, outras buscam um relacionamento sério e outras vão apenas pela dança, pela conversa, enfim, pelo encontro com os amigos.

A análise dos dados foi feita seguindo algumas etapas, dentre elas: a) transcrição das fitas, conforme dito anteriormente; b) categorização das falas por temas; exemplificando: todas as falas de informantes sobre o casamento foram reescritas em uma folha à parte, assim como: sobre a família, relacionamento, mudanças pós-separação, frequência ao restaurante, outros espaços como o Chão de Estrelas; c) busca dos pontos convergentes e divergentes nas falas de cada um, tentando detectar as continuidades e mudanças nessas falas, após fazermos a seleção dos temas, agrupamos todas as falas referentes a eles. A partir desse momento, observamos o que as mulheres e os homens falavam sobre o mesmo tema. Desta maneira, organizamos os dados colhidos e os capítulos, permeando-os com questionamentos, a priori, acerca da desestruturação ou não da família e, a posteriori, sobre como, a partir das representações sociais da família, do casamento, do relacionamento, os informantes estão pensando as separações e o divórcio hoje, levando em consideração a construção de novas redes de sociabilidade pós-separação mediadas pela dança no bar.

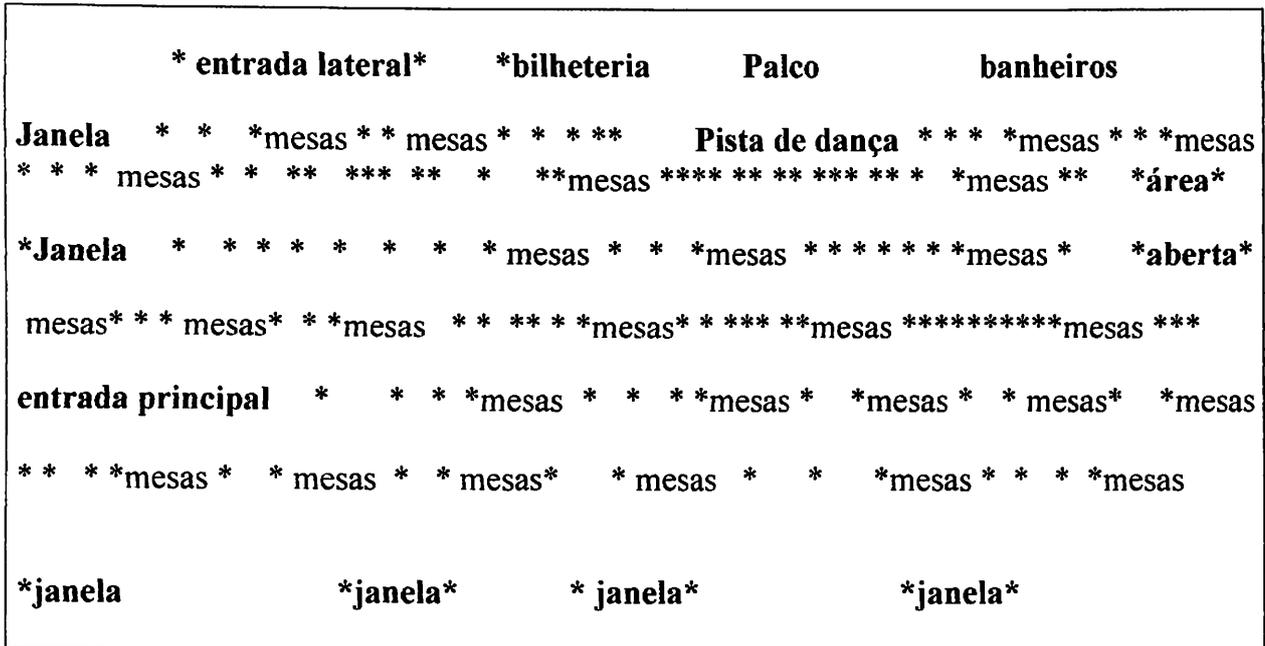
O apoio teórico utilizado para as nossas análises foram alguns dos autores trabalhados na revisão bibliográfica feita no primeiro capítulo sobre família, casamento, separações e divórcios, tais como: Durham(1983), Goldani (1993), Abreu (1982), Velho (1981, 1985, 1986), Parker (1991), Giddens (1993), Durkheim (1989), Moscovici (1978), Geertz (1989), Simmel (1983), Goffman (1988); que nos possibilitou verificar qual a repercussão das separações e divórcios na concepção de família hoje, para os informantes, se ainda são vistos como elementos de desestruturação ou elementos que fazem parte hoje da dinâmica familiar.

2.3- Chão de Estrelas: Espaço de Sociabilidade

Chão de Estrelas é um bar dançante localizado na orla, entre a Av. do Forte e a Rua do Sol, próximo ao Fortim de Olinda. Na época em que a pesquisa foi realizada, o bar possuía um estilo rústico, sendo todo em madeira com mesas e cadeiras de plástico e de madeira também. A iluminação não é muita, digamos quase penumbra, com um globo de luz, onde ficam acesas apenas umas luminárias que lembram lampiões das casas de fazenda. Havia um palco voltado para a praia e uma mini-pista de dança. É bem ventilado porque existem janelas em todos os lados que deixam a brisa do mar entrar. Os banheiros ficam próximos a uma área aberta que funciona como um pequeno jardim. Visualizando os principais pontos descritos temos³:

³ Antes de voltar a Teresina-Piauí em Dezembro estivemos no bar e observamos que o Chão de Estrelas passou por algumas reformas tais como: na área aberta que parecia um jardim eles fizeram um bar coberto para servir melhor os seus clientes. A estrutura básica formada pelas janelas, a localização da porta, as luminárias e os banheiros continuam do mesmo jeito. Contudo o palco passou para a lateral esquerda da entrada principal, a pista de dança foi então aumentada o que mostra a importância desta. O globo de luz foi substituído por um jogo de luzes que fica na pista de dança. As mesas foram padronizadas, agora são todas de plástico, bem confortáveis. Antes havia uma bilheteria do lado esquerdo utilizada quando havia sorteio por volta de uma e meia da manhã, ao lado da entrada lateral, agora, nessa entrada foi construído um muro que propiciou um outro espaço, ao ar livre do lado esquerdo do palco.

Rua do Sol



Av. do Forte

No Chão de Estrelas a dança é o ponto principal, conforme dito anteriormente, por isso o estilo de dança que predomina facilitando a interação é a dança de salão como: a rumba, a salsa, o bolero, o forró, músicas na sua maioria das décadas de 30, 50 até a década de 80, com poucas músicas da década atual.

Fazendo uma descrição genérica da dinâmica do bar, observamos que as pessoas começam a chegar por volta de 21h 45'. Ao chegarem não encontram seguranças tomando conta da entrada do Bar, mas apenas o porteiro entregando um cartão de consumo incluso

uma taxa de cinco reais para os músicos. O fato de ter apenas o porteiro é que em decorrência do estilo das pessoas que o frequentam não há necessidade de seguranças.

Ao chegar no bar observa-se que todas as luzes estão acesas, a iluminação está completa, possibilitando a todos verem quem está chegando. Geralmente, percebemos um número maior de mulheres que de homens no bar. Elas vão sozinhas, acompanhadas com outras amigas ou amigos. Os homens também vão sozinhos ou acompanhados de um grupo de amigos ou amigas. Ao chegarem cumprimentam-se com acenos, apertos de mão, abraços, fazendo-nos perceber os laços de amizades existentes no grupo. Alguns se conheceram no próprio bar, outros já se conheciam de outros lugares.

Por volta de 22h 15', os músicos começam a afinar os seus instrumentos e, nesse momento a iluminação vai sendo reduzida, o que não é problema para os casais, já que os olhares e encontros foram feitos através da observação inicial. No bar observamos e somos observados. É comum vermos alguns homens passeando pelas mesas no intuito de encontrar alguém para dançar.

A música começa e os pares se formam no salão. No início a linguagem não-verbal nos diz como está indo a interação entre os pares. No primeiro momento, gestos de distanciamento, depois vamos percebendo uma flexibilidade, se há empatia, por fim mais juntinhos não perdem o compasso e mantêm o ritmo gostoso de acordo com a música do momento.

Terminada a dança, depois da conversa “pé-de-ouvido”, os homens conduzem suas parceiras na dança até às mesas em que elas estavam. Caso haja empatia, vemos o convite

para ele sentar e começarem a conversar, buscando conhecer um pouco melhor um ao outro enquanto aguardam a nova dança.

Sobre o nome, da Noite das quintas-feiras, ser Noite dos Desquitados, o antigo gerente do Bar nos disse que a idéia surgiu há mais de 10, 13 anos atrás. Primeiro, ele e o seu ex-sócio tinham em Olinda um bar que se chamava Catedral da Seresta, que hoje funciona na Torre em Recife. Posteriormente, saíram de Rio Doce e resolveram abrir um bar onde funciona atualmente. Antes, porém, de ser o Bar Dançante Chão de Estrelas, era uma lanchonete chamada Laça- Burguer. Então eles construíram toda a parte do palco, salão e área onde ficavam as mesas. Há uns cinco anos atrás surgiu a vontade de implantar uma idéia que ele tinha de criar uma noite para os solitários, os que já tinham tido alguém e hoje, estavam sozinhos e para os que nunca tiveram e gostariam de ter. Pensaram num nome para a noite e decidiram “Noite dos Desquitados” porque, pelo uso do termo jurídico, segundo Geraldo⁴, a noite não ficaria vulgar e tornaria o ambiente um lugar agradável, de respeito. Assim surgiu a *Noite dos Desquitados*.

Percebemos na fala de Geraldo que, conforme trabalhamos no primeiro capítulo com Goffman (1988), o estigma com relação aos descasados ainda existe. O estigma fica claro quando ele fala do uso do termo jurídico *desquitado* para a proposta não parecer vulgar, fala do respeito que o termo daria à Noite; o que nos mostra uma ressimbolização do estigma pelo uso do termo jurídico em busca da legitimidade deste. Ainda que saibamos que desde 1988 não se usa mais *desquitado*, mas *separado judicialmente*.

⁴ Todos os nomes dos informantes são fictícios no intuito de preservar a privacidade e intimidade de cada um.

Geraldo disse também que já viu pessoas se conhecerem no bar, casarem e o convidarem para o casamento. Depois, voltavam ao bar para agradecê-lo por ter propiciado o encontro.

Foi com a preocupação de tornar o lugar um espaço agradável, de respeito que o gerente atual fez algumas reformas no bar dando um aspecto mais sério a este, continuando a prezar pela manutenção de uma boa freqüência, conservando o crédito das pessoas que o freqüentam, fazendo com que estas continuem a convidar outras pessoas amigas para conhecerem o bar. A importância desses cuidados com relação a estrutura e a freqüência é relatada por Ana, uma das informantes que ao ser perguntada se deveriam existir outros espaços como o Chão de Estrelas respondeu que:

“Ah! Com certeza. Com certeza deveriam haver porque a gente tem muito pouco. Até alguns fecharam e a gente tem menos agora do que tinha antes. É, muitos fecharam. Por exemplo, nós tínhamos *Anos 50* que era um lugar ótimo e (pausa) fechou. Nós tínhamos *Estação do Chopp* (pausa) O problema é que, às vezes, degeneram o lugar entende? A freqüência, o povo não cuida da freqüência aí entra em descrédito, termina fechando. Infelizmente acontece isso, não é? Mas lugar assim que a gente possa ir sozinha para dançar é muito importante ter.”

A dança é a grande mediadora do encontro, da interação propiciando o surgimento de redes de sociabilidade estabelecidas através da amizade que surge e passa a ser cativada entre os freqüentadores do Bar. A sociabilidade propiciada é caracterizada pelo sentimento de pertencer ao grupo e pela satisfação que isto proporciona (SIMMEL, 1983), observada nas ações e falas dos informantes por freqüentarem o bar todas as quintas-feiras, mantendo os laços de amizade construídos no próprio bar.

Vamos agora perceber a importância da dança e do espaço - Chão de Estrelas através do relato de alguns informantes como Carlos que disse:

“Apesar de não saber dançar bem, eu gosto muito de dançar. Acho muito interessante (pausa) Gosto de chamar as pessoas que conheço um pouco ou que conheço, porque as pessoas que nós não conhecemos normalmente, normalmente não, mas sempre acontece de elas cortarem e eu acho muito chato, muito abusado você convidar uma pessoa, uma senhora ou uma senhorita para dançar e ela não aceitar, para mim é uma falta de consideração muito grande, principalmente quando a pessoa está num ambiente de brincadeira e de dança.”

Pelo relato de Carlos percebemos que se você está dentro da rede de sociabilidade no Bar, é mais fácil você ser tirada para dançar, que alguém que não esteja. A menos que haja algum outro interesse que faça com que o homem convide a mulher para dançar. A dança então além de ajudar a criar laços, ajuda a fortalecer os laços já existentes.

O que Carlos falou sobre a dança nós havíamos percebido, e, quando nos convidavam para dançar, quase sempre não recusávamos, pois embora deixássemos claro que não dançávamos muito bem, não fazíamos feio e até nos divertimos bastante. Também apreciamos uma boa dança.

Ana disse que já tirou um homem para dançar, o que não é costume no Bar. Geralmente, são os homens que tiram as mulheres para dançar. No caso de Ana ela disse que só o tirou para dançar porque ele era seu amigo. Portanto, assim como Carlos, Ana disse:

“Eu só tiro os amigos, desconhecidos não, não; só amigos. É porque como eu saio muito, eu já sou conhecida nos lugares, então tem aquele grupo que me conhece. Não é ‘todo mundo’ mas alguns que me conhecem e eu se estou com vontade de dançar uma música e ele está disponível eu pergunto se está acompanhado. Não está, então eu vou, eu pego para dançar. Normalmente eu

venho aqui, pode ocorrer de, hoje eu fui ao cinema para vir para cá. Às vezes eu vou ao Bairro do Recife porque agora está abrindo os espaços lá, né? Mas tem poucos lugares para dançar. Tem muito bar para beber, eu não bebo é mais dança. Meu negócio é dançar e eu não preciso de bebida para ficar descontraída não.”

A sociabilidade vai acontecendo através da dança e das amizades que vão surgindo no processo de interação entre as pessoas. A interação e a amizade possibilitam a confiança e, como no caso de Ana, o fato de ser conhecida possibilita que não surja nenhuma interpretação errônea acerca de suas intenções.

Outra informante Socorro, está separada há apenas quatro meses e, com relação à Noite dos Desquitados, ela disse:

“Eu já sabia que hoje aqui era a Noite dos Desquitados. Faz mais ou menos um mês que eu conheci a Lana que é uma colega né? E ficamos muito amigas. Então estamos, eu estou começando a descobrir o que significa relacionar-se. Então de repente a gente está nos locais certos, nos momentos certos.”

Socorro disse acima que já sabia que nas quintas o espaço era aberto aos desquitados ou separados judicialmente que fazem parte da categoria que estamos trabalhando chamada descasados; logo como desamarrou os laços recentemente viu no espaço uma possibilidade de atar outros laços através do conhecer pessoas novas que possam vir a ser amigos ou conhecer um outro companheiro no futuro.

Cilene também é descasada embora tenha vivido com um companheiro que também é descasado e que o conheceu no Chão de Estrelas. A ida da Cilene ao Bar teve uma história que começou após a separação. Ela disse que havia ajudado o marido a

conquistar o seu espaço como médico enquanto ela ficava em casa cuidando dos filhos. Cilene não trabalhava fora de casa e via seu marido aprendendo cada vez mais, até que um dia ele disse que não queria mais continuar casado com ela. A partir de então ela começou a sair, a ir à boate, barzinho levantando críticas de seus familiares que diziam: “Pôxa vida! Mas de repente ela se separa e em vez de ficar em casa cuidando dos filhos e tal...”. Cilene disse que mesmo com a censura continuou saindo e hoje está mais comedida, não sai tanto. Ela só sai quando realmente quer sair, quando está com vontade de conversar, dançar, fazer amigos e ouvir uma boa música. A consciência de que não estava fazendo nada de errado só foi despertada quando passou a freqüentar o Chão de Estrelas conhecendo o Juan que se tornou um grande amigo dela.

Existem pessoas que já freqüentam o Chão de Estrelas há mais de quatro anos como é o caso de Lana e Serena. Lana disse que:

“O Geraldo foi o dono da Catedral da Seresta aqui em Olinda, nesse mesmo local há muitos anos atrás e eu sempre vinha, freqüentava a casa. Depois ele passou uma época é (pausa), em outros locais inclusive em Aldeia. Eu estive lá algumas vezes e quando eu soube que ele tinha voltado para cá com outro nome, né? Com outra razão social, eu voltei a freqüentar e trazer amigos e tudo o mais. Então, as pessoas que eu conheço eu sempre trago para cá. É tanto que a Socorro, minha amiga, (pausa), somos amigas há pouco tempo mas na primeira oportunidade disse: ‘vamos lá!’, (risos) estamos aqui.”

Conforme dito anteriormente e visto agora na fala dos informantes a freqüência ao Bar por um certo tempo cria laços de amizade que cativam e fazem com que as pessoas voltem, divulguem, enfim as redes de sociabilidade vão crescendo e tomando corpo.

Serena por sua vez disse:

“Eu freqüentava sempre. Adoro dançar. (pausa) É a coisa assim que eu faço na vida. Eu danço com, eu danço sem. Se tiver homem eu danço, se não tiver eu danço assim mesmo. (..) Esse ambiente eu freqüento há uns, mais ou menos, três ou quatro anos. Desde que surgiu isso aqui. (..) É desde o tempo que era a Catedral da Seresta eu freqüento aqui. Aí passou, a Catedral foi para a Torre, aí depois abriu outra coisa, com outro nome, mas eu fiquei e já vim a vários shows aqui: Bia, Núbia, Vanessa, Leonardo e um conjunto de Choros que eu amava, aí eu deixei de vir aqui porque eles pararam de tocar. (..) É, sei que tem esse título, mas de desquitado não tem nada (risos). Essa é a Noite dos Desquitados só de fachada, mas é a Noite dos mais casados (pausa) quer dizer pelo menos o que não é casado é acasalado.”

Podemos perceber na fala da Serena a confirmação dos dados referentes ao número de homens casados superior ao de solteiros e descasados o que pode significar que os casados freqüentem o Bar, no intuito de encontrar mulheres descasadas que estejam dispostas a um relacionamento efêmero, um momento, o que pode acontecer ou não. O pensar a descasada dessa forma reflete o preconceito do homem sobre a perda da virgindade aliada a experiência que ele julga que a mulher descasada tenha no âmbito sexual o que pode ou não ser verdade, uma vez que cada relacionamento anterior pode também ter deixado algumas seqüelas para a mulher.

Porém, o que ocorre é que os casados ao chegarem ao bar e encontrarem mulheres independentes, na sua mesma faixa etária, estes se decepcionam e terminam olhando a Noite com um outro olhar, enquanto um espaço para o surgimento de novas amizades, um

espaço em que vão conversar com um(a) outro (a) igual, trocar idéias, dançar sem outros compromissos e intenções.

Serena e Lana por já freqüentarem o Bar há um bom tempo conhecem os homens que vão somente para dançar, os que vão para passar a noite com alguém, os que vão buscar uma companheira, os que querem ter um relacionamento duradouro com alguém, ou querem apenas um momento e os que não querem se relacionar com mais ninguém, apenas dançar, conversar, fazer amigos. Podemos perceber que no Bar tem um pouco de tudo, quem o freqüenta tem um interesse próprio que passa desde uma amizade, dança a um encontro propiciando a construção das redes de sociabilidade.

Leornado, sobre o Bar disse que:

“Já venho aqui há mais de um ano, há mais de um ano. Passei um dia aqui e vi a faixa *Noite dos Desquitados* e disse vou aqui(risos). Também a princípio quando eu vim aqui eu pensei que isso aqui era um *puteiro* arretado sabia? (risos) Depois eu vi que não, que é legal. Aqui é um lugar que eu acho altamente civilizado, todo mundo assim, mais ou menos, na mesma faixa de idade, não sabe? Muita gente vem aqui, dança, dança e não acontece nada, outros saem enganchados aí e tal, mas a maioria vem mais para pro forró.”

Após falar do bar, Lúcia que estava conosco disse ao Leornado que a Serena havia nos dito que no Bar de desquitado não tinha nada e perguntou o que ele tinha a nos dizer sobre isso. Leonardo, por sua vez, sorriu e disse: “Agora tem muito homem casado aqui, que vem vê se pesca, né?” Dissemos que talvez porque eles tinham a mesma impressão que ele tinha antes de começar a freqüentar o bar e ele, Leonardo nos disse:

“Não, não eu acho que não, que eles sabem que é assim, vem a fim de arranjar mesmo, vê se leva, né? Porque é um negócio interessante, quando você é separado ou é solteiro você não tem pressa não, né? Tá paquerando e tal; e o

cara casado tem que sair daqui enganchado de qualquer jeito porque ele não tem folga, né? A folguinha que ele tem, ele tem que aproveitar.”

Leonardo, nos coloca diante dos homens que como Serena e Lana disseram só vão ao Bar, em busca de uma companhia para a noite sem nenhum outro compromisso porque já estão compromissados, são como Serena disse os casados ou acasalados.

No Bar estamos observando a presença dos *jogos sociais e da coqueteria* (SIMMEL, 1983: 174-5). Os *jogos sociais* estão presentes no Bar através dos encontros, desencontros e reencontros que acontecem no processo de interação entre os seus freqüentadores, homens e mulheres e a *coqueteria* no jogo de oferecimento e recusa, utilizado no início da paquera, quando existe um interesse entre o casal, mediada pela dança.

Severino é um informante que diz não gostar muito de sair, mas sai às vezes com o Juan, que o tinha levado no dia anterior, na quarta-feira ao Recife Antigo para o Dançando na Rua e que, por sinal, ele havia gostado muito. Com relação à Noite dos Desquitados ele diz que gosta muito por poder se aproximar das pessoas,

“é muito divertido, entende? Principalmente para pessoas sadias, jovens poderem se divertir, entende? Agora, o elemento casado já se retrai um pouco, (pausa) mas que é muito gostoso é”

Podemos perceber na fala do Severino que o “elemento casado” se retrai um pouco, talvez pelo encontro que ele está estabelecendo com um (a) outro (a) igual (poder aquisitivo, idade) que têm posicionamentos bem definidos sobre o que quer ao ter ido ao Bar que pode passar ou não por um relacionamento efêmero, conforme dito anteriormente.

Laura que é divorciada há oito anos sobre a Noite dos Desquitados disse:

“É uma coisa boa, porque é como diz, é uma ‘Noite dos Desquitados’, onde a gente tem a oportunidade de conhecer pessoas, de se relacionar, né? Porque assim, essa condição de (pausa) desquitada é muito (pausa) discriminada, e aqui como quem diz eu sei que tem solteiros, tem separados, tem casados mas a gente se sente mais livre para dançar, curtir, sem tá a procura de ninguém, né? Só para curtir, para não ficar trancada dentro de casa, né?”

Resumindo, vimos com Simmel (1983), conforme trabalhamos no primeiro capítulo, a sociabilidade como toda e qualquer associação que as pessoas fazem no intuito de criarem laços de amizade, vizinhança, companheirismo, segundo interesses que permeiam duas ou mais pessoas; são redes de sociabilidade estabelecidas para ajuda mútua, apoio nos momentos de conflito, enfim, como o ser humano é um ser social, as redes de sociabilidade irão auxiliá-lo no convívio com os demais seres. Quando ocorre uma separação os laços, as redes são desfeitas, fazendo-se necessário a criação de novos laços e amarras. O Chão de Estrelas é visto como um espaço que possibilita a construção de novas redes de sociabilidade para os descasados, não somente dos descasados entre si, mas desses com pessoas pertencentes a outras categorias, cujo processo de interação é mediado pela dança.

CAPÍTULO III- INTERPRETANDO INTERPRETAÇÕES

Nesse capítulo vamos ouvir o que o outro, com o qual interagimos no Chão de Estrelas, nos disse sobre suas concepções de família, casamento, relacionamento, separações e divórcios analisando nessas falas os valores: sexualidade, intimidade, aspecto financeiro, o companheirismo, o amor e a (in) fidelidade contidos em cada uma dessas concepções, possibilitando-nos compreender a repercussão das separações e do divórcio na concepção de família hoje.

3.1- O Olhar do Ator Social sobre: Família, Relacionamento, Separações e Divórcios.

3.1.1- Relacionamento.

Começando pela concepção de relacionamento, segundo Leonardo, a *fidelidade* e o *respeito* são os principais valores dentro de uma relação. Ele é separado de fato e o motivo da separação foi a infidelidade dele a sua esposa, partindo o pedido de separação dela e não dele. Leonardo disse que relacionamento:

“Para mim, eu acho que o ideal é você ter amor pela pessoa mesmo, igual ao que você tinha antes. Esse negócio de ir para cama só para ir para cama isso não é bom não. Eu acho que o ideal é você ir e gostar de ficar com a pessoa, porque quando você não gosta aquela coisa passa logo. É rápido, mas a maioria dos machos não pensa não. (risos) A maioria quer fazer coleção de mulher, quanto mais botar na cama melhor, nem que seja brochado.”

Leonardo como a “maioria dos machos” que citou também possuiu esse comportamento. Ao trabalhar relacionamento a representação de relacionamento veio através do que era “ideal”, do que deveria ser em que a fidelidade e o respeito deveriam predominar sobre o que ainda ocorre que é o homem querer e ter que provar a sua

masculinidade e a sua virilidade pelo número de relações sexuais que pode ter, independente de um compromisso a mais, ou até mesmo nesse processo de interação de ver a outra pessoa com quem está se relacionando como sujeito. Tornando-a apenas objeto de desejo e ratificação de sua posição no grupo enquanto o “garanhão”.

O comportamento de alguns homens como falou Leonardo reflete um padrão de comportamento apreendido, oriundo desde o Sistema Colonial das Casas Grandes, em que ao Homem tudo era permitido, incluso a infidelidade legitimada como sinal de masculinidade (FREYRE, 1981). Comportamento que vem a reforçar a hierarquia de gêneros que foi trabalhada por Parker (1991) em contraposição ao relacionamento puro trabalhado por Giddens (1993).

O relacionamento puro ganha força com a decisão da esposa do Leonardo que não aceitando a infidelidade resolveu se separar dele. O que mostra a mudança, dentro da continuidade do que é dito como padrão acima, através do fato das pessoas envolvidas na relação só permanecerem juntas enquanto consideram que extraem dela “satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem” conforme trabalhado por Giddens (1993: 68-9).

Isadora que se auto-define “casada-separada” uma vez que é separada judicialmente, justifica o não ter se divorciado ainda dizendo que:

“Eu nunca divorciei porque eu acho que quando o casal tem poucos bens, não vale a pena se separar, porque a gente tem que somar e não dividir, por conta dos filhos. Porque eu acho que é uma transição muito difícil, separação tudo bem, mas o divórcio você vai dividir o que não tem o que dividir, quando se tem um poder aquisitivo bom que você possa dividir eu aconselho a separação fora isso eu não vejo razão.”

Na fala da Isadora percebemos a importância do aspecto financeiro tanto para unir quanto para separar, fazendo com que a separação ocorra de uma forma consensual ou amigável.

Sobre os bens dentro do processo de separação o advogado Gouvêia, disse-nos que:

“o amor não é eterno, eu penso assim e tenho visto como profissional de direito, eu tenho visto que o amor se transforma numa coisa que, numa palavra que eu prefiro nunca falar nela, vou falar agora que é ódio e esse ódio se transforma em vinganças, vinganças tais que a pessoa que o utiliza não se incomoda de se prejudicar, contanto que prejudique o outro. Portanto, que qualidade de amor é esse? Outro pressuposto dessa união seria a felicidade, e o que é felicidade? É uma coisa etérea que existe hoje e pode não existir daqui a cinco minutos, portanto, se são momentos, como eu entendo que são momentos, aproveitemos esses momentos. Então, você me perguntou porque as pessoas se separam? Porque as pessoas se casam pensando que o amor é eterno, que a felicidade é a vida inteira também, e se enganam e quando descobrem, quando são maduras e descobrem que o amor não é eterno e a felicidade também não se eterniza, aí eles partem para se separar, pensam juntos, amadurecem juntos, aí vão para a separação consensual ou amigável, já levam para o juiz tudo destrinchado sobre os bens, quem fica com a guarda da criança, caso haja filhos, quem pensionará a criança, se os pais trabalham, a quantia que caberá ao pai e a mãe (pausa) Com relação ao litígio, o litígio, a briga que não é recomendável, mas infelizmente, existe e os motivos quase sempre são de ordem matrimonial, alguém não concorda e acha que está sendo passado para trás (pausa) têm dois imóveis, então alguém quer ficar com o maior ou o melhor localizado e daí começa a se gerar uma desavença. Normalmente, ela é mais pedida pela mulher, ela acha que, como castigo para ele, ela tem que ficar com o melhor.”

Isadora optou, como disse o advogado Gouvêia, pela separação consensual, mas pelo que ele disse acima podemos perceber a alteração que vai ocorrendo dentro do relacionamento marital caso as exigências, as obrigações de ambos os cônjuges não estiverem sendo satisfeitas a contento, como trabalhamos no primeiro capítulo, os projetos individuais começam a não serem concretizados satisfatoriamente dentro da relação conjugal.

Para Isadora relacionamento entre um homem e uma mulher:

“tem que ser uma coisa com responsabilidade, porque não adianta, você pode achar que ele é maravilhoso, mas se ele é um irresponsável é melhor você não ter porque ter um homem para dizer, ter um homem é melhor não ter, é melhor você ficar só e viver, realmente sozinha, mas feliz e amando.”

Isadora trabalha, é independente financeiramente e ao optar por um relacionamento mais duradouro, com responsabilidades podemos interpretar como uma mudança na concepção de relacionamento reforçada pelos dados sobre o aumento do divórcio na faixa etária de 30 a 44 anos segundo os dados do IBGE trabalhados no primeiro capítulo, cujos anseios envolvidos na decisão talvez seja a realização pessoal, profissional, o não depender do outro e assim poder tomar atitudes em busca da concretização dos seus projetos de vida, dentro do que seja prioritário no momento como o “viver, realmente sozinha, mas feliz e amando”.

Um outro ponto na concepção de relacionamento trabalhado por Isadora mostra a exigência que faz ao outro com quem quer se relacionar, ampliando o conceito não somente a relação entre o casal mas a toda e qualquer relação entre duas ou mais pessoas, é quando ela disse que:

“Eu acho relacionamento muito bom, e de grupo, a dois, inclusive eu comentei com o Leonardo que hoje os homens não tem aquela aproximação com a pessoa, ele quer como fêmea. Hoje ele se encontra com você, amanhã, da próxima vez ele já quer cama e isso para mim não diz nada. A gente precisa aprender a si respeitar. Eu me gosto muito, é por isso que eu tenho hoje um conceito de relação muito diferente. Eu acho, relação é companheirismo, é respeito mútuo, é amizade.”

Além da responsabilidade, o companheirismo, a amizade, o respeito começa a fazer cada vez mais, parte do que as pessoas re-apresentam como relacionamento. O

relacionamento começa a ser percebido como “uma reestruturação genérica da intimidade” conforme trabalhado por Giddens (1993: 68-9), o que faz aumentar muito mais as exigências com relação ao outro com quem se está relacionando.

Observe-se ainda, não é que Isadora, não coloque o sexo dentro do relacionamento, o que ocorre é que o sexo enquanto valor não passa a ser sozinho a força motriz da relação, mas um dos elementos que a compõem.

Laura é divorciada há oito anos e disse que foi ela que terminou com o casamento, quem pediu a separação. Esclarece que o seu ex-marido havia sido o seu primeiro namorado e foi seu esposo por dezenove anos, para ela a separação foi um choque e teve muitas dificuldades após a separação, mas que as coisas foram acontecendo e a separação tornou-se inevitável.

Para Laura relacionamento:

“É amizade, companheirismo, sexo também influi né, porque a gente, no caso eu tive uma vida sexual boa. Não me arrependo e ainda hoje eu sinto falta, eu tô viva ainda né? Então eu sinto falta disso, então como diz, às vezes, a gente quer ter mas a gente pensa assim, vai se promiscuir porque, às vezes, os homens hoje não querem nada né? Só querem tá aqui dançando e de repente (pausa) motel, e eu não (pausa) tenho a cabeça livre, acho normal, mas em mim ainda nunca chegou isso, eu tenho que ter algo mais, conhecer, conversar, talvez até começar a namorar para chegar a parte sexual, mas que eu sinto falta, eu sinto.”

Laura, assim como Isadora acha que os homens hoje não querem um relacionamento mais sério com ninguém, estão todos interessados em um relacionamento efêmero, sem compromissos, cujo único interesse é o sexo pura e simplesmente. Contudo, novamente como Isadora não é que não ache que o sexo não faça parte da relação, apenas

acrescenta ao sexo outros elementos como o companheirismo, a amizade, reforçando a concepção de relacionamento puro.

O fato de colocarem o sexo dentro da relação e por já terem tido uma experiência marital faz com que, pela discriminação que já sentiram por serem descasadas, busquem o respeito, o não aparecer ao outro como *vulneráveis*, *disponíveis*, para não reforçarem o estigma que foi criado para os descasados, em especial para as mulheres descasadas.

O estigma ainda é tão presente que Laura, falando sobre as mudanças com relação aos amigos, em um primeiro momento, talvez me vendo como representante da sociedade, enquanto alguém que julgaria suas ações disse que:

“Por exemplo, o pessoal casado sai mais em grupos de casais, vai, assim para lugar que não tenha dança, né? E vai para barzinho, para cinema. Eu gosto de tudo isso, mas por exemplo, hoje eu estou aqui porque eu sei que hoje eu vou curtir uma coisa que eu gosto que é dançar. Agora sinto o preconceito porque, às vezes, as pessoas pensam que eu venho a procura de homem e, no entanto, não é, porque eu passei agora oito anos separada e nunca tive ninguém.”

Num segundo momento, mais descontraída, quando eu perguntei se ela não teria vontade de encontrar outra pessoa Laura disse:

“Tenho, tenho, quer dizer, eu tive agora um relacionamento agora de dois anos com um cara maravilhoso, mas aos poucos a gente foi se afastando porque eles querem alguma coisa a mais, ou talvez ir morar junto, ou só pra curtir, aí hoje eu tenho ele como um amigo, entendeu? Mas pessoa assim mesmo para completar a minha vida eu acho que eu não quero mais nunca, assim pra morar dentro de casa, entendeu? Eu quero assim para curtir, talvez, quem, sabe?”

Como vimos acima Laura em um primeiro momento diz que ao se separar, há também uma mudança com relação aos amigos pelos espaços que freqüentam, por serem casais. No caso dela a preferência pelo bar, vem através do encontro que pode proporcionar

dela com outras pessoas através da dança. Disse também que não frequenta o espaço no intuito de, necessariamente, conhecer alguém, afinal está há oito anos sozinha sem ninguém. Num segundo momento diz que há dois anos teve um relacionamento com um “cara maravilhoso”, só que eles foram se afastando. Nesse caso talvez ele até quisesse um relacionamento mais sério, não efêmero, mas duradouro, porém dessa vez foi ela quem não quis se comprometer com ele e pelo que disse, por um bom tempo ela quer apenas uma pessoa para curtir a vida, mas sem muitos compromissos e sem coabitarem juntos. O que mostra que não é somente o homem que, às vezes, quer um relacionamento efêmero, mas a mulher também, e a mudança ocorre no comportamento quando as mulheres conseguem hoje explicitar essa decisão de um não envolvimento mais sério com ninguém.

Erasmus é casado, mas disse que está se separando de sua esposa porque ela é muito ciumenta. O ciúme para Erasmus é sempre bom em uma relação porém ao extremo vai sufocando e desgastando a relação. Sobre a separação Erasmus disse que:

“Só de cama, mas continuo em casa. Mas é porque eu tenho um filho que eu adoro. Mas se ela não fosse tão orgulhosa ia continuar tudo do mesmo jeito, só que eu não aceito que ela diga que eu tenho amante sem eu ter porque tudo que eu faço é trabalhar. Eu não preciso que ninguém me diga o que está faltando em minha casa porque eu sou pau pra toda obra. Mas acontece que (pausa) vou fazer o que? Se a mulher me cobra uma coisa que eu não tenho, que eu não faço, então é muito chato para mim, tá certo?”

Com base nas pressões que ele disse sofrer pela mulher, para Erasmus relacionamento é:

“Há! Relacionamento pra quem sabe o que é um relacionamento. Relacionamento para mim é uma coisa muito bonita, de confiança porque se não houver confiança não há relacionamento. Eu gostaria muito que as mulheres entendessem uma coisa, nem sempre que um homem sai para a rua ele vai atrás de uma amante, isso é uma mentira gente! Às vezes a gente trabalha tanto, a gente se sufoca tanto com empregado, com tudo que, às vezes,

a gente precisa de um espaço pra gente ficar só um pouco, mas a mulher não aceita. Isso tá errado! Sempre que a gente sai a mulher acha, eu tenho certeza absoluta, que a minha mulher está pensando que eu estou aonde? Num motel. Eu tenho certeza disso. Quando eu estou o quê? Tomando uma dose, tentar me divertir um pouco, extravazar (pausa) Mas ela não vê isso. Eu saio com ela, vou para um restaurante, para um canto com ela, Pôxa!! Isso não vale?! Então eu estou me separando, mas para mim, do fundo do coração, é revoltante! Porque eu não queria que fosse desse jeito, eu queria que fosse igual ao meu pai, que Deus o tenha, e mãe. Meu pai viveu com minha mãe até o fim da vida dele. Eu gostaria que fosse desse jeito, mas só que a mulher não me dá espaço.”

Com Erasmo estamos percebendo que o ciúme, a desconfiança, ocasionado pela simples idéia da infidelidade, também, é um fator que proporciona a separação. Quando ele diz que fica revoltado com o caminho que o relacionamento está tomando que é a separação em oposição ao desejo de eternizar a relação, de ter um relacionamento como o de seus pais que durou até a morte, ele percebe que na relação as exigências e obrigações do contrato matrimonial, paralelos a seu projeto individual não estão sendo satisfeitos a contento, não vendo até o momento um outro meio de solucionar o problema se não a separação.

Uma outra observação a partir da fala de Erasmo é que não são apenas as mulheres que se vêem desgostosas na relação, mas os homens também. A hierarquia de gêneros começa a dar lugar a busca do relacionamento puro permeados por valores como: companheirismo, amizade, confiança, respeito, sexo, amor e aspectos financeiros.

Carlos que é casado, reforça na sua fala sobre relacionamento o argumento que o Erasmo usou para iniciar um processo de separação. Carlos disse que:

“Relacionamento é muito importante quando os dois se entendem realmente, quando se amam e que existe assim uma, uma compreensão, não é?; muito grande entre aquelas duas pessoas que se gostam, que se amam realmente. Tem, tem aquela questão do ciúme, realmente deve existir mas bem pouquinho.

O ciúme como nós chamamos de doentio não presta. É horrível!!! É muito doido, certo?”

Sobre relacionamento Cilene disse que:

“Relacionamento pra mim é uma coisa assim boa, que não é assim só você olhar, ter tesão e já ir, eu acho que relacionamento é algo assim de você gostar, de você sentir, ter amizade e um laço pra que depois exista (pausa) sexo, certo?”

Percebemos que há uma recorrência na fala dos informantes, expressa também na da Cilene, sobre relacionamento ser representado enquanto amizade, compromisso - “um laço”. Na re-apresentação de relacionamento, Cilene também fala do sexo como complemento ao laço que está sendo atado, significando que o sexo é importante mais não é tudo na relação.

Jane é solteira e muito dedicada ao trabalho. Para ela o trabalho é, às vezes, mais importante que a sua vida pessoal. Mora sozinha, mas já teve um relacionamento que durou oito anos e só terminou porque ele já faleceu, mas ela diz querer encontrar alguém interessante para se relacionar. Para Jane relacionamento é:

“Relacionamento é você se dar bem, é você encontrar uma pessoa que você possa compartilhar com ela, dividir seus momentos, entendeu? dividir seus momentos, sei lá, bons ou ruins, nas horas de alegria ou de tristeza. Eu acho que isso é importante e até relacionamento sem ser entre homem e mulher, mas relacionamento num todo, né?”

O “compartilhar”, o “dividir momentos” que é importante em um relacionamento para Jane faz parte do companheirismo, da amizade trabalhada na representação social através do conceito e imagem que as pessoas / informantes têm expresso sobre o que seja

relacionamento e que, ao mesmo tempo, vai nos servindo como exemplos do que foi dito sobre projeto e representação social no primeiro capítulo.

Como projeto individual do que cada informante gostaria de ter do outro em uma relação, o termo relacionamento é representado ou re-apresentado por representantes de várias categorias como os descasados, os solteiros, os casados, homens ou mulheres, todos de uma maneira geral representaram a idéia, os sentimentos que tem de relacionamento como algo individual, particular, mas que teve uma ressonância nas falas da maioria dos informantes.

Os informantes às vezes se conheciam e às vezes não, mas o participar do mesmo sistema de valores de um dado grupo composto por pessoas que residem em Recife ou Olinda e que também compartilham das crenças e dos sentimentos da Sociedade Ocidental, termina fazendo com que a ressonância existente nas falas não sejam somente algo individual, mas também adquiram um aspecto social.

Para Serena que é viúva, ampliando o significado de relacionamento, para ela:

“Relacionamento é tudo o que você puder ser com uma pessoa que possa lhe entender, que fale sua língua, tenha qualquer identificação com você, né? Isso é no âmbito geral. Relacionamento é muito abrangente, pode ser amigável, pode ser confidencial porque, às vezes as pessoas encontram outros que sabem ouvir e procuram sempre aquela pessoa e daí, às vezes nasce uma amizade verdadeira, né? E também um relacionamento pode ser superficial. Relacionamento é tudo na sociedade, seja dentro de casa, seja com um homem amado, seja com o amante, seja com o amigo, com a colega, com a irmã, é, relacionamento é troca, não é? É troca, então se você não recebe, você também não se sente bem para doar, para se dar, então, relacionamento exige reciprocidade, como qualquer amizade, até mesmo um relacionamento amoroso tem que haver reciprocidade, senão a coisa morre ali porque não pode haver só de um lado, porque cedo ou tarde aquela parte carente vai cansar, não é? Então, relacionamento para mim é tudo, tudo.”

Novamente, vimos com Serena que relacionamento sendo “tudo”, é um “tudo” que exige um compartilhar, uma troca, uma reciprocidade, uma amizade. Exige que as duas pessoas satisfaçam suas exigências o que reflete novamente no relacionamento puro trabalhado por Giddens (1993: 68-9) em que, conforme dito anteriormente, significava um “vínculo emocional mais próximo e continuado com outra pessoa”, em que as pessoas entram em uma relação pela própria relação, “pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem.”

Com relação ao amor este passa a ser chamado por Giddens(1993: 72-74) de confluente pela abertura de um em relação ao outro, que entra em “choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ ”. Dessa maneira no relacionamento o que passa a ser importante não é a busca da “pessoa especial”, mas do relacionamento “especial”, recíproco.

A reciprocidade entra em tudo, inclusive na introdução da *ars erotica* “no cerne do relacionamento conjugal” pelo amor confluente que transforma “a realização do prazer sexual recíproco em um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento.”

A hierarquia de gênero, conforme vimos no primeiro capítulo por Parker (1991:58) vai aos poucos sendo retrabalhada, uma vez que, segundo o que os informantes pensam sobre relacionamento o poder que antes era investido ao homem, caracterizado em “termos de superioridade, força, virilidade, atividade, potencial para a violência e o legítimo uso da força” e a concepção de que a mulher era sujeita à absoluta dominação do patriarca, vai

sendo modificada pela igualdade de direitos e deveres, igualdade esta percebida na explicitação da mulher de não querer, por exemplo ter um relacionamento sério com ninguém por um bom tempo.

Percebemos que o aspecto financeiro também contribuiu para que as exigências aumentassem no relacionamento, acerca do que um quer do outro. Em decorrência da independência financeira da mulher, esta quer ter um companheiro, porém, não como prioridade básica como antes em que a mulher era preparada para o casamento, o casar-se era imprescindível para a mulher. Agora, a mulher pode optar por querer compartilhar de sua vida com alguém ou optar por ficar sozinha. Como exemplo temos o que a Isadora nos disse sobre o ser preferível ficar só mas estar de bem consigo, do que estar com alguém somente para dizer que estar.

3.1.2- Casamento.

A partir da re-apresentação do relacionamento dada pelos informantes, vamos verificar o que os informantes pensam sobre o casamento hoje. Começando com Serena, casamento é:

“ A união de objetivos né?; de modos de vida e antes de tudo é renúncia, aceitação e tolerância. Se não houver isso o casamento vai de água à baixo, essa história de amor, amor é uma palavra muito profunda que não dá para definir. O casamento por amor, ele pode ir por água à baixo do mesmo modo que casamento sem amor porque o casamento exige, é, comunhão de idéias, de objetivos e antes de mais nada companheirismo. Se não houver isso pode ser um amor doentio, vira doença e as pessoas vão procurar se tratar fora de casa.”

Como Erasmo que está se separando por conta do ciúme doentio da esposa representando o relacionamento enquanto confiança, compreensão e o Carlos que também disse que a compreensão é importante no relacionamento, Serena trabalhou relacionamento envolvendo tudo, troca, companheirismo, amizade. Então Serena, ao re-apresentar o casamento, deu ênfase a esses valores como essenciais em uma relação conjugal.

Para Serena o companheirismo, a troca, a confiança são mais importantes que o amor “romântico”, enquanto aquele amor que depende segundo Giddens (1993:74) “da identificação projetiva, da identificação projetiva do *amour passion*, como processo pelo qual os parceiros potenciais tornam-se atraídos e, então, unem-se. A identificação projetiva vai contra o desenvolvimento de um relacionamento cuja continuação depende da intimidade.”

O que se espera do casamento como um relacionamento marital hoje é a busca pela intimidade, oriunda de uma relação igualitária que permite a abertura de um ao outro, através dos valores acima trabalhados por Serena, Erasmo, Carlos, dentre os outros informantes.

Marta que é divorciada e atualmente tem uma filha que está se separando, sobre casamento nos diz que:

“Eu acho muito bom. Eu sou uma pessoa assim que dou muito valor ao casamento, o companheirismo, eu dou muito valor. Eu não sei nem lhe dizer diretamente porque quando eu analiso pelo lado do companheirismo eu acho uma beleza, mas quando eu analiso a covardia que existe dentro disso, assim, principalmente do homem para a mulher. Por exemplo, há aquela coisa que a gente tem, aquele pensamento de carinho, de devoção, de liberdade e já o companheiro não é assim.”

Marta depois nos disse que ela chama o homem de covarde e traiçoeiro porque ele não tem a mesma devoção à mulher, é infiel. Nessa fala percebemos o que Serena disse sobre a troca, a reciprocidade no relacionamento marital, principalmente no casamento, pois se não houver reciprocidade a parte mais “carente” cansa, fazendo com que o relacionamento talvez não resista por muito tempo.

Raniere e Esther são casados há doze anos. Haviam resolvido passar o feriado em Olinda e no Hotel haviam dito que o Chão de Estrelas era uma ótima opção para quem quer sair porque é um bar dançante. Não sabiam que às quintas, eram as Noites dos Desquitados. Na noite em que eles foram ao bar era o dia dos namorados, então ao contrário do que sempre acontece tinham mais mulheres e casais, poucos homens sozinhos.

Quando perguntamos o que era casamento para eles, Esther disse que não gostava de falar e preferia que Raniere falasse pelos dois. Mostrando um pouco da hierarquia de poder existente, o homem como representante do casal, a ele é dada a palavra então. Sobre casamento Raniere disse que:

“ Casamento é uma união oficial de duas pessoas. Quando eu digo oficial é porque quando não há casamento oficial você não trata como casamento, trata como união, companheirismo, etc. Mas para mim casamento é união oficial entre duas pessoas que a priori tem idéia de constituir uma família, ter filhos, na verdade eu não conheço ninguém que tenha se casado por simplesmente querer se casar, mas eu acho que isso também é importante, não só do casamento, mas do você querer ficar com alguém porque é evidente, é público e notório, cientificamente provado que o homem não nasceu para viver só, então você vai querer que, então casamento para mim é união oficial de duas pessoas.”

Raniere e Esther representam o casamento segundo é visto por uma boa parte das pessoas que valorizam o casamento enquanto indissolúvel, que tem como prioridade a

procriação, a reprodução e não o prazer, o companheirismo, trabalhados pelos informantes enquanto partes do relacionamento puro e amor confluyente. Não aceitando por esses motivos a união consensual como casamento também.

Para Raniere e Esther a formação religiosa contribui bastante para o sucesso do casamento, não só a formação religiosa, mas o nível de instrução também. Ambos compartilham da mesma religião, estudaram juntos e hoje trabalham juntos tendo a mesma profissão.

Quando trabalhamos com os estudos realizados no primeiro capítulo sobre o casamento percebemos que a não aceitação da separação e do divórcio, assim como o perceber os arranjos familiares como contrários aos interesses primeiros do casamento que conforme vimos com Raniere e Esther tem como primeiro propósito a constituição da família, contribuem para o reforço ao mito da desestruturação da família. Pois, segundo a lei, a união consensual é reconhecida e abraçada pelos aspectos jurídicos tendo os companheiros os seus direitos assegurados como no casamento oficial, a diferença é que havendo a separação eles têm que provar tudo o que disserem, enquanto os casados oficialmente só precisam apresentar a certidão de casamento.

O que ocorre então é que, como falamos no primeiro capítulo, é muito mais fácil haver uma mudança na cultura material do que na cultura não utilitária, uma mudança nos valores, nos comportamentos apreendidos, o que acarreta a visão da desestruturação da família. Embora, algumas mudanças venham sendo sentidas com relação a fala das outras pessoas entrevistadas no Bar, que pela experiência da separação tenha ressignificado alguns valores que não passam mais pelo “eterno, para sempre”.

Por exemplo, para Isadora casamento é: “uma relação a dois, madura, companheirismo, entendeu? Não é papel, papel não diz nada.” Assim como Isadora, para Jane o casamento não precisa ser o “casamento oficial” como disseram Raniere e Esther, para Jane quando perguntamos se ela pensava em casamento, ela nos disse que:

“Olha casar, casar mesmo (pausa) Eu de véu e grinalda, na Igreja, não; de papéis, não. Eu acho que casamento é um relacionamento, é você se dar bem, entendeu?”

Percebemos tanto na fala de Jane quanto na de Isadora que a união consensual também é vista como um casamento, sendo este colocado como um relacionamento marital, que ao contrário do que pensam Raniere e Esther a prioridade não será a procriação, mas o companheirismo, a amizade, o prazer. O que reflete uma ressignificação do casamento, da relação conjugal.

Para Flávio que é casado e se auto define como um “bonvivã” casamento é:

“Casamento para mim é uma coisa muito séria, muito séria mesmo. É uma relação acima de tudo de amizade entre pessoas, que existe um bem comum que são os filhos, entendeu? O casamento para mim é uma coisa muito importante. É uma coisa sempre que há um único jeito, inclusive há uma coisa muito importante, a minha mulher é grande amiga da ex-mulher de Leonardo, são amíssimas as duas (risos). Só que as duas divergem no seguinte sentido, porque a mulher de Leonardo queria exclusividade e a minha não queria, queria o marido. Então por aí é que elas divergiram nas idéias, porque eles são separados e eu me mantenho casado, mas somos iguais. Eu e Leonardo não temos diferenças um do outro. (risos) Gostamos das mesmas coisas. (risos) Noites, pessoas bonitas, dançar, se divertir, beber. (risos) coisas desse tipo.”

Flávio disse que no casamento a amizade é muito importante, o que significa que entre ele e a esposa a infidelidade é vista como um elemento que faz parte da relação uma vez que a esposa quer o marido e isso ela tem.

Enquanto em outras relações o ciúme, a infidelidade provocou a separação, como no caso do Leonardo amigo do Flávio em decorrência das obrigações e exigências não estarem sendo atendidas, no caso do Flávio a relação é outra em que os projetos individuais e sociais vão sendo atendidos e a infidelidade passa a ser trabalhada dentro dessa hierarquia de gênero como legítima do homem, aceita pela mulher.

Conversando com o Leonardo sobre as mudanças que ocorreram no pensar o casamento antes da separação e pós-separação, ele disse que:

“o que mudou no negócio todo foi o seguinte, que as mulheres se libertaram, se libertaram através do emprego, através de uma série de coisas e a maioria dos homens ainda continuam com a cabeça de machão de 50 anos atrás, e a mulher não aceita mais isso porque o grande, a grande prisão da mulher era a dependência econômica, hoje não tem mais. Eu digo a todas quando se casar não bote nem o nome do marido no seu nome porque ele não é o seu dono, não faça conta conjunta e nem deixe nunca ele abrir sua bolsa e nem abra a dele, pronto. Minha mulher não queria botar o nome não e não botou não, e não podia na época. Hoje a lei já permite que não bote o nome do marido. A lei não permitia não e era obrigado colocar o último nome do homem. Hoje já permite.”

Interpretando o dito na fala de Leonardo, temos que desde o início do seu casamento, este foi visto como aliança entre ele e a esposa. A aliança não passou pelo nome da família mas sim pelo ato do casar-se, do assinar os papéis oficializando a aliança entre os dois nubentes.

A independência financeira da mulher foi percebida como uma mudança na fala de Leonardo, pois através da sua independência financeira a mulher passou a ser mais exigente nos seus relacionamentos, no casamento tomando alguns valores como básicos para a boa convivência como por exemplo a individualidade um do outro; o não querer

colocar o nome dele no dela o que antes era indispensável já que a mulher por não trabalhar saia dos cuidados do pai para os do marido.

Abreu (1982), conforme visto no primeiro capítulo, usou o nome da família como uma das categorias para estudar a família. Segundo Abreu (1982:97) o nome da família funciona como um “operador de comparações entre famílias e como mediador da passagem da condição de indivíduo à de pessoa.”; o nome de família “se constitui em categoria essencial para o estabelecimento do um mapa sócio-moral”. Na aliança que é o casamento e que transforma duas pessoas em parentes afins e ao terem filhos constituem a família enquanto unidade doméstica pai, mãe e filhos, o nome da família é passado se não para os cônjuges como no caso de Leonardo, então para os filhos que recebem tanto o nome de família do pai quanto o da mãe. O mesmo procedimento ocorre na união consensual.

Para Laura o casamento é visto hoje após a separação como:

“União, compreensão de um e de outro, respeito mútuo porque quando acaba o respeito acaba tudo né? E como a gente diz, é a gente pensar que o outro é diferente da gente, quer dizer, mudar uma pessoa a gente não muda nunca depois de adulto, então os desencontros dos casais é isso, a gente querer mudar um ao outro. Querer que ele seja aquilo que a gente queria que ele fosse, aí no fim dá no que dá, milhões de casais separados.”

Segundo Laura casamento ao ser visto como respeito mútuo, compreensão de um e do outro, reflete a importância da igualdade entre os cônjuges, igualdades de direitos e deveres. Mais que isso nos fala do respeito a individualidade de cada um, o olhar o outro como o outro, que compartilha conosco dos mesmos valores do grupo, mas que tem uma

maneira particular de ressignificar esses valores, tem posicionamentos, desejos, anseios distintos que ora podem convergir e ora divergem completamente.

Com relação a Cilene, sobre o casamento, ela tem um olhar antes da separação e pós-separação, sobre casamento ela nos diz que:

“Há! Antes era o meu sonho. Era ter um marido. Era ter o meu lar, constituir uma família. Só que os homens em geral, eles querem constituir uma família, mas eles querem a liberdade, e essa liberdade eles não dão para as mulheres. Eles querem que as mulheres sejam submissas, que vivam para criar e pro lar. E, eles tem a participação deles no lar, mas eles tem que ter sua liberdade, certo? E aí é onde pra mim não dar porque eu acho que a fidelidade está acima de tudo. Se eu sou casada, se eu sou fiel, se eu vivo para o meu marido porque não ele viver para mim, certo? Então se ele quer essa liberdade, se ele quer tá curtindo, se ele quer tá saindo, eu acho que a mulher também teria o mesmo direito de curtir, de sair, de se relacionar, depois voltar ao lar e ficar todos dois numa boa. Hoje eu penso dessa maneira. Antes não, antes eu achava que a mulher tinha que ser submissa. Ela tinha que ficar ali em casa. Ela tinha que esperar, porque a lição que eu tive de minha mãe foi essa, é casar e viver. ‘Ruim com ele pior sem ele’, minha mãe a orientação foi essa. Mas hoje eu já não acho que isso é o certo. Eu acho que é certo o seguinte: ‘estamos dando bem. Existe fidelidade. Eu sou fiel a você, a gente continua até morrer. A partir do momento que você encontrar alguém, que você já não me achar mais aquela pessoa, então eu também posso encontrar outra pessoa.’. Aí se houvesse a cabeça do homem pra que aceitasse esse comportamento, eu acho que o casamento daria certo até o fim. Com essa abertura, ele pode, a mulher pode. Agora, sem essa abertura não vai dar nunca, vai sempre existir descasados, sempre, sempre, sempre.”

As mulheres, assim como os homens, estão em busca do relacionamento puro em oposição a hierarquia de gênero, assim como Laura e Cilene para elas, atualmente, o casamento é uma relação em que a fidelidade, a reciprocidade estão presentes.

Não só a fidelidade, a reciprocidade, mas a individualidade e o respeito um ao outro são valores cada vez mais presentes na concepção de casamento, tanto oficial quanto não-oficial, contidos nas falas dos informantes. E, o não encontrar esses valores na relação conjugal pode levar os cônjuges a optar pela separação.

Para o Severino que também é separado, para ele o casamento é:

“Casamento. Eu ainda adoro casamento. Acho que deve existir o casamento que é um negócio abençoado por Deus, entende? Mas o casamento como alguns filósofos ou mesmo alguns sábios, elementos estudiosos dizem que, eles falam que está fálido. Para mim não está, entende? Para mim eu acredito que o casamento está no primeiro plano do homem, entende? Eu acho que o homem bem casado, ele é feliz para o resto da vida.”

Dentro das leis da igreja temos o “não é bom que o homem esteja só” e o “crescei e mutiplicai”. Interpretando a fala de Severino ele acredita no casamento e não acredita que ele esteja acabando. Realmente, o casamento não é uma instituição falida, muitas pessoas continuam buscando umas as outras para contraírem matrimônio / casamento. Contudo o que acontece é que dentro da aliança existem explicitações dos projetos individuais de cada um, do que cada um quer na e da relação.

Na fala de Severino, observamos também o retorno ao relacionamento eterno. Contudo, o “eterno” com um outro significado “eterno enquanto dure”, segundo Vinícius de Moraes que disse ao falar e cantar o amor que: “o amor não é infinito posto que é chama, mas que seja eterno enquanto dure”. Portanto o caráter eterno é visto quando duas pessoas conseguem “acertar” na relação, ratificando o que foi dito anteriormente sobre o fato das pessoas não estarem em busca de um (a) outro (a) especial, mas estão em busca de um relacionamento especial.

Contudo, ao não “acertarem na relação” e se separarem como se sentiram os descasados? Ainda há ou não discriminação, preconceito, e se há, de que maneira ele se manifesta?

3. 1. 3- Estigmatização - Descasados.

Acreditávamos que no final desse século, dessa década as separações e os divórcios fossem vistos não como elementos de desestruturação da família, mas elementos que hoje estivessem inseridos no contexto familiar, conseqüentemente que não houvessem mais discriminações com relação aos descasados; mas não foi isso que ouvimos dos informantes que disseram ainda haver discriminação, todavia, as mudanças também começam a serem sentidas com relação a aceitação das separações e do divórcio.

O fato da discriminação ainda ser algo presente na vida dessas pessoas significa que, como todo processo de mudança, os arranjos familiares, a separação e o divórcio ainda não foram aceitos totalmente pelo grupo como um dado normal, parte da dinâmica familiar o que vem a fortalecer o mito da desestruturação da família.

Na fala da Marta sobre as mudanças pós-separação, se havia ou houve discriminação quando ela tinha decidido se separar, Marta disse que:

“Tem. Existe sempre uma separação assim porque primeiro a família não quer aceitar. A própria família (mãe, irmãos) quer que a gente leve assim, mais adiante; fique fazendo que não tá vendo nada , erro nenhum, né? Porque na minha família sempre foi assim, casar e viver até que a morte os separe. Eu fui a primeira a me separar, depois veio a minha irmã e começou a acontecer, né? A minha filha que já era casada há 14 anos, muito bem casada, também levou um ‘par de chifre’ e ficou lá. O ano passado estava quase louca por conta deste casamento que foi desfeito. Hoje em dia está boa, uma menina para frente mesmo. Hoje em dia não tem mais disso não, agora mesmo estava vendo naquele *Brasil Verdade* uma senhora já de cabelo branco e tudo pedindo um companheiro, né? Eu achei bonito porque acabou aquele tempo que a mulher ficava, assim, trancada, aquele tempo de tristeza, não é? Hoje em dia não, as mulheres se vestem, saem, dançam, não é? Arranjam um companheiro, se quiser continua, se não quiser no outro domingo arranja outro.”

Percebemos na fala da Marta que as pessoas num primeiro momento não aceitaram a separação por representarem o casamento dentro da hierarquia de gênero, da mulher ser submissa, aceitar tudo, fazer de conta que não há nada de errado na relação pois o casamento é “até que a morte nos separe”. E, após a separação a mulher ficava trancada em casa, sem encontrar outro companheiro, dedicando-se a casa e aos filhos se os tivesse. A influência religiosa que propaga a indissolubilidade do casamento está, então, presente na fala da família da Marta, fazendo com que não aceitassem nesse primeiro momento a separação.

Vimos essa mesma concepção de casamento re-apresentado por Cilene que dizia que para a mãe dela era: “ruim com ele pior sem ele.”; e que após se separar o comentário dos seus familiares, assim como os da Marta, era que ela havia se separado e ao invés de ficar em casa estava saindo.

Num segundo momento ela já nos diz que após a sua separação todas as mulheres na família que não estavam satisfeitas com as suas relações conjugais resolveram pedir a separação não sofrendo mais tantas represálias. Não ficando em casa, mas saindo, divertindo-se podendo inclusive pensar em um novo relacionamento.

Na fala da Marta podemos observar que as insatisfações oriundas da infidelidade dos parceiros, leva a separação fazendo com que a separação passe a ser vista não como elemento destruturador, mas elemento que faz parte da dinâmica familiar, dentro da resignificação do casamento que não possui mais o caráter eterno, indissolúvel. Dessa maneira o que era estranho ao grupo passa a ser visto como familiar, normal.

Melissa, filha de Marta, diz não ter sofrido discriminação ou críticas sobre a sua separação, mas apoio de todos. Apoio esse oriundo da mudança na visão do casamento ocasionada pela separação primeiro de sua mãe.

Sobre as mudanças Melissa disse que:

“Para melhor. Antes eu só vivia dentro de casa e agora não. Saio para dançar e conhecer outras pessoas. Para mim continua tudo normal. Ele vai a minha casa e a gente se dá melhor hoje do que antes.”

Pedro está separado de fato há um ano e meio e disse com relação à discriminação que:

“O homem não tanto, mas a mulher sofre. Recife é uma cidade preconceituosa pelos ancestrais, pela colonização açucareira. Então uma cidade dessa não deixa de ter discriminação nunca. O homem não, é um cachorro já por nascença.”

Pedro ainda vive tendo como referência a hierarquia de gênero que ressalta o homem em detrimento da mulher. Não é uma relação que busca uma igualdade, mas por si só é desigual, mostrando que a hierarquia de gênero presente no Sistema Colonial no Brasil ainda continua presente. Embora mesmo que a hierarquia ainda seja percebida, o relacionamento puro, a igualdade de gênero presente nas mudanças ocasionadas pela independência financeira da mulher venha mudando esse quadro, que para Pedro considera estático. Como exemplo da mudança temos Marta e Melissa acima.

Leonardo falando sobre as mudanças pós-separação disse que:

“Todo mundo pensa que a separação é um negócio bom, mas é muito mais complicado, não é uma boa não. Não é uma boa não porque você fica numa de, no começo é uma euforia muito grande e depois, pelo menos eu acho que as pessoas que pensam um pouco, tem gente que acha ótimo, entra na farra, mas

eu não, eu acho que não é uma boa não. A euforia seria uma coisa assim, como se você tivesse se libertado de alguma coisa, tivesse livre, mas não é assim porque ficam as raízes, fica filho, ficam as lembranças, fica uma série de coisa, então não é tão (pausa), tá? Há uma discriminação total para a mulher separada, para o homem a discriminação é (pausa) talvez mínima, mas com a mulher há discriminação é muita. Agora isso está mudando, né? A mulher é mais inteligente, então (pausa), num ambiente que só tem gente separado, então eu acho que não existe discriminação não. Mas, num ambiente aonde tem por exemplo, só dá um exemplo, as mulheres amigas do casal que separou não quer mais negócio com o cara porque fica com medo que o marido vá contaminar o marido dela e se for a mulher ela fica com ciúme, pensando que o marido vai, ‘papar’ a amiga dela.”

Na fala de Leonardo temos que num primeiro momento ele fala sobre as alterações pós-separação, do sentimento de liberdade, da euforia que é sentida, como foi visto nas falas de Marta e Melissa. Mas, Leonardo diz que não é assim porque “ficam raízes, ficam filhos, ficam lembranças”. Quando Leonardo fala das raízes, temos segundo Abreu (1982: 97) que o sangue, a raça-família enquanto categorias criadas para compreendermos as relações de parentesco no âmbito da família, dão “conta de identidades familiares” que não são rompidas com o desatar do laço estabelecido entre os cônjuges.

Num segundo momento Leonardo fala da discriminação que tanto homens quanto mulheres sofrem ao se separarem. As redes de sociabilidade, nas quais estão inclusos os amigos, são praticamente desfeitas pois o que será presente é a desconfiança refletida pela maneira como são vistos o homem enquanto “garanhão”, “se separou tem algo errado” e a mulher como a “vulnerável”, a “disponível”, passando pela concepção de casamento como eterno, como controlador da sexualidade feminina dentro dos princípios da hierarquia de gênero e não de um relacionamento puro.

Falando sobre família, no que se refere aos controles sobre a sexualidade feminina, conforme foi trabalhado com Durham (1983: 33), no primeiro capítulo, a família é vista enquanto unidade doméstica constituída pelo marido, mulher e seus filhos. Nesse tipo de família o parentesco sendo bilateral, o que predomina é a relação conjugal em que o papel do pai é identificado com o do genitor e muitos “padrões sexuais associados a esse tipo de família, especialmente a amplitude dos controles tradicionalmente exercidos sobre a sexualidade feminina, estão relacionados a essa necessidade de determinar a paternidade física.” Sendo assim, com a separação os controles sobre a sexualidade feminina são redimensionados, uma vez que a mulher já passou por uma relação marital, o que ocasiona no surgimento da discriminação e do estigma.

Isadora disse que:

“Houve uma discriminação terrível porque eu vivia (pausa). Até 7 anos atrás foi um problema sério. Minhas amigas, que se diziam “amigas”, começaram a ter medo de mim. Eu era uma ameaça. Hoje já não é tanto assim, mas na minha época, quando eu me separei há 17 anos, era uma ameaça. Elas tinham medo porque eu era uma mulher independente, é (pausa) emocionalmente segura e, os outros diziam que eu era uma mulher atraente, bonita, me elogiavam os casais, então era um problema sério.”

Novamente, na fala de Isadora reforçando o que foi dito por Leonardo, por Marta e Pedro, há discriminação, mas assim como Marta e Melissa, Isadora percebe que hoje não é tanto assim, o que significa dizer que ainda existe, mas que as pessoas começam a ver as separações com mais naturalidade.

Laura sobre as mudanças pós-separação disse que:

“Eu tive dificuldade em ser desquitada, preconceito até assim, em mudança de apartamento, sem ser casada não pode porque não é casada e o pessoal recriminava logo e eu sofri muito por isso; porque eu só tinha conhecido uma pessoa em minha vida e, essa pessoa, eu sabia que ia viver a vida toda, mas as

conseqüências fizeram com que a gente se separasse. Ninguém pensou em marcar data, nada, os filhos já tudo grande e a gente se separou. Então eu sofri muito com isso, mas foi uma coisa que foi decidida por mim. O relacionamento da gente era mais eu e ele, ele e eu e os filhos. Então, eu tenho amigos de trabalho, então de trabalho eu não senti preconceito nenhum. Agora, como quem diz, eu deixei de sair com as pessoas que eram casadas, para procurar outras que são separadas ou solteiras, né? Como essa colega minha (pausa) solteira. Então, por exemplo, meu relacionamento de casal não existe mais porque é como diz, eu vou sair com casal, geralmente são outros gostos que a pessoa tem, né? o casal, de uma pessoa separada do marido.”

A mulher descasada está sendo vista até então pela maioria dos informantes sempre com um certo caráter pejorativo. Contudo, as descasadas ao relatarem suas experiências refletem o pensar do grupo maior da qual fazem parte sobre a separação, expressando em certos momentos a re-apresentação da separação como elemento de continuidade que através de sua rejeição, expressa na maneira como vêem as descasadas ou como são vistas, visa reforçar o sentimento de família, mostrando a importância do casamento e, em outros momentos, como elemento de mudança, passando a ver a separação com mais naturalidade, incorporando-a como parte da dinâmica da família, do casamento.

Conforme vimos no primeiro capítulo a forma como a discriminação, o estigma se delineiam socialmente para o grupo consiste, principalmente na ruptura com a rede de sociabilidade composta pelos amigos, parentes que passam a não mais convidá-los para freqüentarem os mesmos lugares, visitarem uns aos outros, havendo a necessidade dos descasados, de procurarem novas redes de sociabilidade (VELHO, 1986). O mesmo ocorre para as pessoas, principalmente as mulheres que são solteiras, onde, parte de suas amigas já estão casadas. A relação estabelecida com elas será outra, em que, saídas e visitas também são redimensionadas (AMORIM, 1992). Por exemplo, na fala acima de Laura, quando ela

disse que deixou de sair com pessoas que eram casadas, para procurar outras, que são solteiras ou separadas.

Outro exemplo com relação as mudanças pós-separação temos na fala da Cilene que disse:

“Depois da minha separação eu fui (pausa), depois da minha separação eu tinha um núcleo de amizades, de amigos, de médicos, de esposas que freqüentavam a minha casa, churrasco dia de domingo, eu ía para casa deles. Quando eu me separei todos esses amigos se separaram, não existe mais, inclusive as amigas que são até comadres que batizaram filho meu, não me telefona, não me convida pra nada. Quer dizer, isso é uma coisa terrível!!! É como se você fosse um câncer, uma doença ninguém quer se aproximar porque tem medo, você está só, acha que o marido vai, e que você também vai querer alguma coisa com o marido. Noto que em quase todos os casamentos, separou não existe mais aquele vínculo de amizade que existia. Existe sempre uma separação, às pessoas não lhe vê mais com aquele respeito como se você fosse aquela Senhora, lhe olha atravessado como que agora você seja uma pessoa que esteja vulnerável, como que você esteja a mercê de qualquer um.”

A fala de Cilene, reforça o estigma, a separação não apenas entre os cônjuges, mas também entre os amigos propiciando o surgimento de novas redes de sociabilidade. A sexualidade e a ressignificação da mulher pelo fato de já ter tido uma experiência marital também foi uma constante nas falas, não apenas na da Cilene, mas, da maioria dos informantes, sejam homens ou mulheres, independente da categoria a que pertençam se casados, descasados, viúvas, solteiros. O que nos mostra que após a separação os descasados ressignificam os conceitos de relacionamento, casamento, até mesmo família procurando ver a separação como alívio das tensões familiares e não elementos de desestruturação da família.

Contudo, não podemos esquecer que assim como Raniere e Esther, encontramos outras pessoas que até o momento não aceitam a separação e os arranjos conjugais o que

mostra que as mudanças existem, mas nesses vinte anos de divórcio no Brasil, ela ainda está sendo processada lentamente, pessoa por pessoa, que durante muito tempo esteve envolta dentro de valores como a indissolubilidade do casamento. Mostrando que a mudança, como foi dito no primeiro capítulo, na cultura material é mais presente que mudanças na cultura não material ou dos valores, causando uma sensação de “quebra da estrutura família”.

E, falando em família, partiremos no próximo item para analisarmos, a partir das falas dos informantes a repercussão da separação e do divórcio na concepção de família hoje.

3.1. 4- Repercussão das Separações e do Divórcio nas Concepções de Família Hoje.

Estamos no último item dessa pesquisa e vamos analisar o que foi dito pelos informantes sobre família, no intuito de verificar através das suas falas, tanto na dos descasados, quanto na dos solteiros, viúvas e casados, qual a repercussão das separações e do divórcio na concepção de família hoje, sendo vistos como elementos de desestruturação da família ou componentes da dinâmica desta.

Começando por Leonardo temos que família é:

“ Eu tenho uma posição bem radical com relação a família. Aí é até certo ponto meio contraditório, mas é o seguinte. Eu acho que a família hoje está meio esculhambado o negócio porque o que a gente está vendo hoje. Por exemplo, eu tenho alunos de 18 anos até 20 e poucos anos e eu acho que eles são filhos de empregadas, não são filhos de mães não, porque o fato da mulher ir para o trabalho, batalhar que é um direito, certo? Tá atrapalhando, atrapalhou a criação, então eu conheço mulher que nunca botou um menino no braço, não sente amor, carinho, nada. Eu acho que o ideal era que a mulher só tivesse um filho. Ficasse aí uns dois anos com o menino cuidando, para amamentar,

carinho não sei o que, bá bá bá bá, depois é que ia trabalhar, só que não pode ser assim, aí é um problema sério isso, porque você vê o seguinte, um pessoal jovem de 20 anos, não tem negócio de por favor, totalmente indisciplinado, cheio de direito, menino de 10 anos, rapaz, estão dando no pai. Terrível!!!”

Leonardo reproduz a concepção de família patriarcal (FREYRE, 1981) que predominou no Brasil no período Colonial, em que à mulher cabia o âmbito da casa e ao homem o âmbito da rua. A mulher era a responsável pela educação e saúde dos filhos, assim como todos os afazeres domésticos. Tanto é que, com a saída da mulher para o âmbito da rua, um dos argumentos que os higienistas (médicos, psicólogos) utilizaram para trazer a mulher para o âmbito doméstico foi a amamentação. Sendo assim, a mulher começou a assumir dupla jornada de trabalho tanto fora quanto dentro de casa. Atualmente, com a ocupação de maiores espaços em áreas e setores considerados apenas do âmbito masculino, ela está mais fora do que dentro de casa, mas é exigido que ao chegar em casa ela administre a casa e a educação dos filhos.

Percebemos que, o que Leonardo falou com relação a família estar se “esculhambando” não está relacionado a separação ou ao divórcio, mas ao desempenho de papéis sociais tanto pela mulher quanto pelo homem. Tanto faz estarem juntos ou separados, a ênfase que ele deu foi a saída da mulher do âmbito doméstico para o âmbito da rua, conquistando assim a sua independência financeira.

Com o fato da independência financeira da mulher, esta proporciona um aumento em torno das exigências de um cônjuge com relação ao outro, principalmente, a divisão de tarefas que são distribuídas no âmbito doméstico em que a educação dos filhos passa a não ser apenas tarefa da mulher sozinha, mas do homem também.

Na fala de Isadora, família é:

“Família é um processo difícil, mesmo hoje. Os filhos sentem um impacto muito grande com a separação. Eles até aceitam, entendeu? Mas sentem. Para mim o conceito de família, família não tem laços. Para mim família não são laços sanguíneos. Família é compreensão mútua e várias pessoas que se gostem. Por exemplo, no meu caso meus filhos são adotivos e a gente tem um conceito de família muito bom. Eles sabem.”

Isadora diz que a aceitação da separação é difícil, principalmente para os filhos, mas eles terminam aceitando. A família continua presente, e mais que laços sanguíneos a família, para Isadora, “são várias pessoas que se gostem”; significando que não há uma desestruturação da família o que há é o desatar os laços da aliança do casamento entre os cônjuges, mas a família permanece. Segundo a Constituição de 1988, vimos no primeiro capítulo, que família é qualquer um dos pais e seus descendentes. No caso dos filhos serem adotivos, não tem problema, pois juridicamente o Código Civil preconiza: que o parentesco por filiação pode ser pelos laços de sangue ou pela adoção. Na adoção como é o caso de Isadora, os laços são firmados pela categoria que Abreu (1982: 98-105) utilizou: o nome da família que “tal como o sangue, funciona como um operador que correlaciona o indivíduo com a família. Pois tal como o sangue, o nome integra, implicitamente, na caracterização individual e familiar.”

Contudo as pessoas continuam a pensar na separação e associá-la a uma desestruturação da família como é o caso da Laura, que disse:

“Família. Eu acho que não deveria acabar nunca, família porque é família aquele negócio estaque que por mais que a gente tenha atrito, a gente tem que se unir, tem que se gostar. Então hoje eu sinto falta porque eu tenho três filhos e sei que se estivéssemos juntos estaríamos melhor, pai, mãe e filhos. Aí hoje está pai separado, mãe separado e a gente vê que os filhos sofrem e que desestrutura demais a família, pais separados. Agora, que é melhor do que estar junto ‘pau’, é melhor estar separado. Cada um na sua. A mulher não pode se anular para viver em função dos filhos não.”

Para Laura, assim como para Isadora, a separação é difícil por causa dos filhos, que sofrem com a separação, mas ao mesmo tempo terminam “aceitando” a nova situação. Quando Laura se refere ao sentir falta da família, enquanto o modelo aceito e reproduzido na nossa sociedade e que segundo Durham(1983) consiste em marido/ pai, mulher / mãe e filhos, Laura, está pensando o que grande parte das pessoas pensam sobre separação ao associá-la como elemento desestruturador da família.

Quando dissemos “grande parte das pessoas”, não estamos nos referindo apenas a alguns frequentadores da Noite dos Desquitados, mas, a pessoas que não a frequentam e que ao falarem sobre a separação, colocam-na como elemento de desestruturação. Essa re-apresentação da separação ocorre porque essas pessoas têm em mente o modelo de família enquanto unidade doméstica que é rompida com a separação. Temos, como exemplo, a fala de Laura, quando disse: “pai separado, mãe separado, sofrimento dos filhos.” ou “desestrutura demais a família pais separados”.

Tendo em vista a re-apresentação de família, dada por Laura, que reflete também o pensamento do grupo a que pertence, os valores que apreendeu, poderíamos perguntar: - como não pensarmos na separação como elemento de desestruturação da família? Ora, compreendemos que a separação poderia ocorrer, e ocorre, quando os filhos se casam e vão morar em outro lugar, ou quando o pai ou a mãe por motivos de trabalho precisa estar mais ausente do que presente em casa, às vezes tendo que passar um tempo, cada um, morando em um lugar. Outro exemplo é quando os filhos percebem que está na hora de sair de casa e ir morar em outro lugar, independente de um casamento ou não. Em nenhum desses

casos fala-se em desestruturação, mesmo distantes continuam família, por que? Porque família é mantida pelos laços de sangue, nome da família e pela raça-família (ABREU, 1983), enfim, o sentimento de família continua presente. Segundo a fala de Jane que é solteira, mora sozinha e se separou de sua família a algum tempo:

“Família. Eu não tenho nenhum problema com a minha família. Eu me relaciono muito bem com ela apesar de eu viver distante, né? Eu sou uma pessoa que, minha família não mora aqui, eu moro sozinha. Sou uma pessoa independente. Não sinto solidão. E minha família, eu não tenho nenhum problema. Ela é ótima.”

A separação entre os cônjuges é mais sentida por desfazer a aliança estabelecida pelo casamento, contudo as relações de parentesco criadas pela descendência e consangüinidade entre os pais e seus filhos, continua, pois, mesmo morando distante não deixaram de ser pais e nem filhos, apenas quem era casado, passa a ser um descasado, um quase “solteiro”. Com a mudança de valores, surgem as cobranças que, às vezes, não só os descasados fazem a si, mas a cobrança dos outros pelo casamento não ter dado certo, por estarem ainda envoltos nos valores relativos a indissolubilidade do casamento.

Erasmus diz que família para ele é:

“Família para mim é uma coisa maravilhosa! É maravilhosa porque eu sou apaixonado pela minha família. É tanto que até hoje eu não fui embora porque eu amo meu filho de coração.”

Erasmus disse que ama a sua família, no caso, o seu filho, e que, só não foi embora por causa dele. O motivo pelo qual Erasmus não deixa a sua família é decorrência do fato legal, onde no processo de separação quando o filho não tem condições de dizer com quem quer ficar, a sua guarda geralmente fica com a mãe. Com raras exceções o pai fica com a

guarda dos filhos, exceto, apenas se for provado que a mãe, por má conduta, não tem condições de ficar com a criança. A maneira como Erasmo se refere à família como sendo ele e seu filho reflete uma mudança na incorporação da representação do modelo família, enquanto instituição, que entrou em vigor em 1988 na Constituição Brasileira, após a implantação do divórcio no Brasil em 1977 / 78, ratificando a não desestruturação da família.

Cilene ao falar sobre família disse que:

“Há! é tudo. Eu acho que você sem família, você fica assim, vago. Eu acho que família lhe preenche. Família nas horas de dificuldades, nas horas de angústia, você sente-se protegida porque você sabe que tem aquele núcleo, que tem aquela família.”

O núcleo, a família pode ser constituída não só pelos pais e irmãos todos juntos, mas hoje a família nuclear ou unidade doméstica pode ser constituída pelo marido da mãe, que não é o pai genético, mas assume a função, o papel de pai; a esposa do pai que também pode não ser a mãe genética da criança, mas assume o papel da mãe, e filhos, tanto de um casamento quanto de outro, unidos pelos irmãos que terão em comum. A família enquanto toda “rede de parentesco e afinidade” (DURHAM, 1983).

Ana disse que possui duas famílias, uma maior e uma menor, vejamos:

“São duas famílias na realidade para mim. Tem a família, aquela mais próxima que é marido e filhos, que no meu caso é só filhos, né? Eu não tenho marido (risos). Há! Agora tem a família maior que eu não tenho. Eu sou filha única, minha mãe era filha única e minha avó que era neta única morreu quando eu era adolescente. Minha mãe morreu, meu marido morreu e seis meses depois foi minha mãe. Então eu quase estou sem família (risos). Eu tenho três filhos.”

Ana é viúva e tem família. A separação pode se dar também por motivo de morte e nem por isso a família se desestrutura, sua família é ela e os filhos. O que significa que a ênfase dada a separação e ao divórcio como elementos desestruturadores da família está mais no plano dos valores vivenciados por seus componentes, como, o que é família para cada um?, do que no plano dos valores elaborados, como é o caso das leis, por exemplo: a lei do divórcio que alterou o conceito de família no Brasil, passando a abranger as mães e pais solteiros, os arranjos familiares como as uniões consensuais.

Severino disse que família para ele são os seus filhos. Como não tem filhas Severino gostaria, se não pudesse mais ter filhos adotar uma menina. Severino gostaria de casar novamente e com a nova esposa ter a filha que tanto deseja ou adotá-la. Novamente percebemos que a família não é estática, como qualquer instituição, ela é dinâmica e aos poucos vai se adequando e adaptando-se as necessidades das pessoas.

Para Carlos a re-apresentação de família se assemelha a de Cilene e de outros informantes quando diz que:

“Família para mim é tudo, porque eu acho que o homem sem uma família, ele não tem referência, é uma pessoa, sei lá, futuramente na idade, vai, vai ficando mais velho. Sei lá eu acho que é a coisa pior que pode existir um homem chegar a uma certa idade e a mulher também sem ter uma família.”

A re-apresentação de família de Carlos quando diz que “quem não a possui não tem referência”, está se referindo aos laços criados pela descendência e consangüinidade que marcam a identidade familiar, ao tempo em que diferencia famílias (ABREU, 1982). Ao fato tanto do homem quanto da mulher poderem contar com alguém quando passarem da terceira idade, seja um com o outro, sejam do primeiro, segundo ou outros casamentos,

sejam com os filhos oriundos de uma ou várias relações, uma de cada vez, ao longo das suas vidas, ou sejam os parentes como os irmãos, sobrinhos.

Serena assim como Carlos, Cilene, Laura, pensa a família como:

“A coisa mais importante na vida de um ser humano, a família e a religião. Havendo unidade na família, compreensão, companheirismo de família, aí a pessoa supera muitas crises e até um amor frustrado, a família sustenta a barra.”

A família sendo vista como unidade, como todos ajudando uns aos outros mutuamente, vem a reforçar o fato de que mesmo com a separação a unidade é mantida. Porém a unidade, o sentimento de união poderá ser trabalhado ou não com os filhos que permanecerem com a mãe ou com o pai, dependendo da maneira como ocorreu a separação, se consensual ou litigiosa. Por exemplo, se a separação foi consensual, amigável o respeito mútuo entre os cônjuges permanece existindo, mesmo separados, segurança e respeito, união para os filhos. Porém se a separação for litigiosa então os cônjuges não poupam esforços, como vimos na entrevista do advogado Gouvêia, para prejudicarem um ao outro, inclusive colocarem os filhos no meio da separação, criando um conflito e a sensação da desestruturação da família. Outro exemplo, são vários casais que se separam e que o pai, se separa não apenas da mãe, mas dos filhos causando uma sensação de perda, provocando sofrimento que faz com que o pensar a falência da família, enquanto instituição, do casamento comece a ser uma constante na vida de cada um.

Um exemplo do que estamos dizendo está na fala de Lana. Fazendo uma correlação entre a representação que ela fez da família e a separação, temos que segundo a maneira

como as pessoas concebem a separação no âmbito familiar, essa influirá no comportamento e relacionamento das pessoas com os ex-cônjuges. Em outras palavras Lana diz que:

“O núcleo familiar é o menor que o indivíduo pode encontrar. Eu acho que esse núcleo é como se fosse é (pausa) a fonte de toda a sua vida. Ela vai inclusive te influenciar dentro de qualquer outro núcleo que você esteja. Ela vai é (pausa) ser parte integrante disso tudo, você vai é se dar nos outros grupos de acordo com o que você vive naquele seu núcleo familiar. Então eu acho que é o primordial, é o mais importante mesmo.”

Interpretando a fala da Lana, que tem a família como núcleo primordial na vida de qualquer pessoa, que irá influenciar inclusive as suas relações fora desse núcleo, temos no que se refere a separação, que a decisão de se separar será vista como normal ou não, de acordo com a maneira como re-apresentam a família, a partir dos valores, princípios que acreditam e que são compartilhados pelas pessoas pertencentes a mesma rede de sociabilidade, através da interação, socialização, e a partir do conceito e imagem que tem da família, como re-apresentam a separação e o divórcio, se como elementos de desestruturação da família ou não.

CONCLUSÃO

No primeiro capítulo ao fazermos uma retrospectiva do divórcio na Europa, Estados Unidos e Brasil, vimos que, enquanto nos primeiros países o divórcio foi legalizado a quase cem anos, no Brasil, temos apenas 20 anos, o que significa que em vinte anos não ocorreu uma mudança completa dos valores e representações de casamento e família, fazendo com que a separação e os descasados ainda sejam discriminados, estigmatizados, tal como aconteceu nos outros países por ocasião da legalização da separação e do divórcio, hoje considerados normais é alívio das tensões familiares, nestes países.

Hoje, no Brasil, aos poucos o divórcio e as separações também começam a ser considerados elementos que fazem parte da dinâmica familiar, embora, ainda demore para que sejam considerados, completamente, como um fato normal na relação conjugal, que acontece entre duas pessoas adultas que não conseguem mais conviverem juntas.

Quando a separação e o divórcio não são aceitos pelo grupo, principalmente, pelos ex-cônjuges, passam a repercutir negativamente na concepção de família que eles tenham, passando esta, praticamente, a inexistir para os que estão envolvidos na situação porque os cônjuges possuíam projetos antes e durante o casamento. Houve um investimento que não

deu certo, o que causa a sensação do tempo perdido, paralelo ao que ocorre por um reinvestimento em outro projeto individual.

Quando a repercussão das separações e do divórcio é positiva, passam a fazer parte da dinâmica familiar, e ter uma nova concepção de família ou relacionamento, priorizando a família como “toda rede de parentesco e afinidade” englobando os pais solteiros e seus filhos, ou os arranjos familiares, incluindo os casamentos dos descasados. O relacionamento, passa a ser concebido enquanto relacionamento puro, em oposição a hierarquia de gêneros, que ainda é mantida.

A concepção de relacionamento puro, que a maioria dos informantes expressou, está associada também a uma igualdade das relações entre homem e mulher ocasionada pela saída da mulher do âmbito da casa para a rua, mesmo que ainda mantenha uma dupla jornada de trabalho. A saída proporcionou a independência financeira da mulher, a não submissão desta ao seu esposo, que, mais que o esposo é o companheiro.

Percebemos que com a independência financeira, as exigências entre o casal estão maiores acerca do que cada um quer do relacionamento. Há uma explicitação maior dos anseios e desejos de cada um, inclusive do ter não um homem ou uma mulher, mas do poder encontrar na pessoa com quem se está relacionando, principalmente, um (a) companheiro (a), um (a) amigo (a), um (a) amante. O aspecto financeiro influenciou também na escolha que os cônjuges e /ou companheiros têm de permanecerem juntos ou não.

Observamos também que na concepção do relacionamento marital, enquanto relacionamento puro, que a intimidade e a individualidade ganham espaço, ao relacionar-se com um outro, procurando respeitar os projetos individuais de cada um. Nesse sentido

ninguém está atrás de uma pessoa especial, mas de alguém que também queira se relacionar, e no relacionar-se procure fazer dessa relação uma relação especial, centrada na amizade, respeito, fidelidade, companheirismo, sexo.

O sexo esteve sempre presente nas falas, explicitamente ou implicitamente, trazido para dentro do relacionamento pela concepção que começa a surgir de amor confluyente, em que nesta o prazer é posto no centro da relação conjugal, passando a fazer parte desta. Cabe salientar que o sexo, contudo, não é posto como o valor principal em um relacionamento, mas um complemento aos outros valores trabalhados no relacionamento como, por exemplo, o companheirismo.

Pudemos observar no final do século XX que ainda há uma discriminação acentuada com relação aos descasados, em especial às descasadas. O estigma de que as descasadas são “vulneráveis”, “disponíveis” está diretamente ligado a sexualidade, ao fato de que não estão mais sob o controle da sexualidade que o casamento proporcionava. Porém, começamos a perceber uma mudança na postura da mulher, principalmente algumas descasadas que hoje explicitam que, assim como alguns homens, elas querem um relacionamento efêmero, como foi o caso de Laura, o que há algum tempo passado, talvez fosse impensável.

Os valores sofrem alterações com a separação que vai aos poucos, alterando as relações antes estabelecidas de que ao homem tudo é permitido; que a mulher tem que aceitar todo e qualquer comportamento do marido, conforme dito, a submissão através do “ruim com ele pior sem ele”, “casamento é para a vida eterna”; passando a se preocuparem em satisfazer os seus projetos individuais / sociais de felicidade, prosperidade, amor,

companheirismo, independentes do caráter “eterno”, que não passa necessariamente em ter uma pessoa, mas a opção do ficar sozinha (o) também foi refletida pelos informantes.

A fidelidade ou a sua ausência foi utilizada tanto como justificativa para uma separação quanto para manutenção de uma relação. Por exemplo, a explicitação dos projetos individuais de cada um e, nestes, dos valores que os sustentam como a fidelidade, quando não satisfeitos causou a separação, como foi o caso de Leonardo, Marta e Melissa, mas em outros casais em que a fidelidade não tinha tanta importância, em que o mais importante era a indissolubilidade da relação, a manutenção do casamento, a infidelidade não provocou uma separação, como foi o caso de Flávio.

Nesses casos que envolveram a (in) fidelidade, a confiança passou a ser considerada como prioritária, principalmente se no relacionamento o ciúme foi apontado como maléfico, “doentio”, conforme Carlos e Erasmo.

Com relação a família, a compreensão, o respeito, enfim, os valores básicos para a boa convivência são importantes dentro dessa unidade doméstica que é a família. A alteração ocorre quando percebemos a unidade doméstica como: pai / marido, mãe / esposa e filhos, porém incorporando os arranjos familiares, uniões consensuais, como, por exemplo, uma família continua uma unidade doméstica mesmo após a separação, uma vez que por lei é considerado família qualquer um dos pais e seus descendentes. Pode ser visto também como unidade doméstica ou família a formada a partir de um casamento de descasados que possuem filhos, ambos, os descasados, possuem suas famílias que vão se unir em uma família só através dos laços de parentesco por afinidade.

As separações e o divórcio possuem a sua parcela de contribuição em todas essas alterações podendo serem vistos, como alguns informantes os re-apresentaram, a partir de suas vivências e anseios ou de seus projetos individuais levando em consideração os sentimentos e crenças do grupo ao qual pertencem, enquanto elementos de desestruturação da família e neste momento tivemos a continuidade dos valores que consagram o laço matrimonial como um sacramento, logo indissolúvel, questionando a dissolução do vínculo matrimonial, como se ao dissolver o vínculo estivessem quebrando, rompendo com a família; ou enquanto algo que faz parte desta, havendo apenas o desatar os laços conjugais, mais não os laços da família criados, conforme dito acima, pelo parentesco por descendência e consangüinidade.

Concluindo, observamos nesse trabalho que a família, enquanto instituição, portanto, enquanto modelo, vai sendo adequada à realidade dos grupos, fazendo-nos crer que apesar das separações, divórcios, arranjos familiares dentre outras alterações, a família, não está se desestruturando. Não há desestruturação da família, evidenciamos portanto que a família, enquanto modelo / instituição, não é estática, é dinâmica e passiva de transformações, sendo re-apresentada nesse trabalho, segundo as necessidades, os anseios, vivência de cada pessoa. Como vimos com Durkheim (1989: 511) no primeiro capítulo, o conceito é imutável, mesmo assim, se muda, “não é porque faça parte de sua natureza mudar; é porque descobrimos nele alguma imperfeição; é porque precisa ser retificado”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Ovídio de Filho.

1982. "Parentesco e Identidade Social" in: Oliveira, Roberto Cardoso de (org.): Anuário Antropológico 80. Rio de Janeiro, Edições Universidade Federal do Ceará, Tempo Brasileiro, pp. 95-118.

ALBERNAZ, LadySelma Ferreira.

1996. Feminismo, porém até certo ponto... Representações do Feminismo no contexto das Práticas Profissionais e de Gênero. Dissertação de Mestrado, Recife, UFPE

AMORIM, Nádia.

1992. Mulher Solteira do estigma à construção de uma nova identidade. Maceió, EDUFAL

ARAÚJO, Kátia Medeiros de.

1994. Família e Espaço Público. Organizações Domésticas e Conflito na reprodução de grupos pertencentes às camadas médias Recifenses. Dissertação de Mestrado, Recife, UFPE

ARIÉS, Philippe.

1981. História Social da Criança e da Família. 2ªed. Rio, Guanabara Koogan

ARIÉS, Philippe & BÉJIN, André (Orgs.)

1987. Sexualidades Ocidentais. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense

BARDIN, Laurence.

1977. Análise do Conteúdo. Lisboa, Edições 70

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas.

1985. A Construção Social da Realidade. 13.^aed. Petrópolis, Vozes

BOTURA, Wimer Júnior.

1997 Ciúme. São Paulo, Roka

CALDAS, Gilberto.

1984. A Técnica do Direito. vol. 6, São Paulo, Editora Leia Livros

CHAUÍ, Marilena.

1991. Repressão Sexual. Essa nossa (des)conhecida. 12^a ed. São Paulo, Brasiliense

Código de Processo Civil.

1984. São Paulo, Ed. Saraiva, pp.176,187

Constituição: República Federativa do Brasil.

1988. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, pp.147-149.

CORRÊA, Mariza.

1984 “Mulher & Família: um Debate sobre a Literatura Recente”in: BIB, Rio, nº.18,
pp. 27-44, 2º Semestre

DAMATTA, Roberto.

1991. O que faz o Brasil, Brasil? 5^a ed. Rio de Janeiro, Rocco

D’INCAO, Maria Angela (org.)

1989. Amor e Família no Brasil. São Paulo, Contexto

DUMONT, Louis.

1983. O Individualismo, uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.

Rio, Rocco

DURHAM, Eunice Ribeiro.

1983 “A Família e a Mulher” in: Caderno C.E.R.U., nº. 18, Maio, pp. 7-45

DURKHEIM, Émile.

1989 As Formas Elementares de Vida Religiosa. São Paulo, Edições Paulinas

FOUCAULT, Michel.

1992. Microfísica do Poder. 10ª ed., Rio de Janeiro, Graal

FOX, Robin.

1986 Parentesco e Casamento- Uma Perspectiva Antropológica. Lisboa

FREYRE, Gilberto.

1981. Casa -Grande & Senzala. 21ª ed. Rio, Livraria José Olympio

GEERTZ, Clifford.

1989 A Interpretação das Culturas. Rio, Guanabara / Koogan

GENNEP, A. Van.

1978. Os Ritos de Passagem, Petrópolis, Vozes

GIDDENS, Anthony.

1993 A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. 2ª ed. São Paulo, Editora UNESP

GOFFMAN, Erving.

1988 Estigma. 4ª ed. Rio, Guanabara

1985 A Representação do Eu na Vida Cotidiana, 3ª ed. Petrópolis, RJ, Vozes

GOLDANI, Ana Maria.

1993 “As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação” in: Caderno de Pagu. n.º 1, UNICAMP, Campinas –SP, pp.67-89

Guia Prático de Antropologia

1973. Preparado por uma Comissão do Real Instituto de Antropologia da Grã-Bretanha e da Irlanda; trad. Octavio Mendes Cajado. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 431p

LAPLANTINE, François.

1991. Aprendendo Antropologia. 4ª ed. São Paulo, Brasiliense

LEITE, Miriam L. Moreira & MASSAINI, Márcia Ignez.

1989 Representação do Amor e da Família in: D’Incao, Maria Angela (org.): Amor e Família no Brasil. São Paulo, Contexto, pp.72-87

LEITE, Miriam L. Moreira.

1991. O Retrato de Casamento in: Novos Estudos CEBRAP, n.º 29, março, pp.182-189

LEVENHAGEN, Antônio José de Souza.

1995. Do Casamento ao Divórcio. 10ª ed. São Paulo, Atlas

LÉVI-STRAUSS, Claude.

1982 As Estruturas Elementares do Parentesco. 2ª ed, Petropólis-RJ, Vozes

MALDONADO, Maria Tereza.

1991 Casamento: Término e Reconstrução. 4ª ed. Petropólis, RJ, Vozes

MARRE, Jacques Léon.

1991. "História de Vida e Método Biográfico" Cadernos de Sociologia, 3 (3): 89-

141

MATARAZZO, Maria Helena.

1996. Encontros, desencontros & reencontros. São Paulo, Editora Gente

MOSCOVICI, Serge.

1978 A Representação Social da Psicanálise. Rio, Zahar

MURDOCK, George Peter

1965 . Social Structure. London, Collier- Macmillan

NASCIMENTO, Luís Felipe Rios do

1997 Lôce, Lôce Metarelê! Homossexualidade e transe (tividade) de gênero nos

candomblês de Nação. Dissertação de Mestrado. Recife, UFPE,

NEUMANN, Juarez Rosales.

1994 Do Casamento ao Concubinato. Porto Alegre, Sagra-Luzzato

OLIVEIRA, Márcia Adriana Lima de.

1995 Continuidade e Mudanças da Moralidade Social via Relações Familiares.

Trabalho Monográfico de conclusão de curso (revisto e ampliado) Teresina-Pi,

UFPI

PARKER, Richard G.

1991 Corpos, Prazeres e Paixões. A cultura sexual no Brasil contemporâneo.

2ª ed. São Paulo, Ed. Best Seller

PEREIRA, Áurea Pimentel.

1994 Divórcio e Separação Judicial. 8ª ed. Rio de Janeiro, Renovar

PHILLIPS, Roderick

1991 Untying the knot- A Short History of Divorce. London, Canto-Cambridge

University Press

POWELL, Jonh.

1992 .O segredo do amor eterno. 5ª ed. Belo Horizonte, Crescer

PRADO, Danda.

1989. O que é Família. 11ª ed. São Paulo, Brasiliense

1979 Ser esposa a mais antiga profissão. São Paulo, Brasiliense

QUADROS, Marion Teodósio de.

1996 Construindo uma Nova Paternidade? As Representações Masculinas de pais pertencentes às camadas médias em uma escola alternativa do Recife- Pe.

Dissertação de Mestrado, Recife, UFPE

RADCLIFFE-BROWN, Alfred R.

1978 Radcliffe-Brown: Antropologia. São Paulo, Ática (Org. da coletânea: Júlio

Cezar Melatti)

ROGERS, Natalie.

1993. A mulher emergente. 6ª ed. São Paulo, Martins Fontes

SALEM, Tania.

1985. "Família em Camadas Médias: Uma Revisão da Literatura Recente" Boletim do Museu Nacional. N.S., Antropologia, 54: 1-27

1980. O Velho e o Novo. Um estudo de papéis e conflitos familiares. Petrópolis.

Voices

SAMARA, Eni de Mesquita.

1992. "Novas Imagens da Família 'à Brasileira' " Psicologia -USP, 3 (1/2): 37-44

SCOTT, Joan.

1990 "Gênero: uma categoria útil de análise histórica" Educação e Realidade,

16 (2): 5-22

SEGALEN, Martine

1986 Historical Anthropology of the Family. London, Cambridge University Press

SIMMEL, Georg.

1983. Georg Simmel: Sociologia. São Paulo, Ática, (org. da coletânea: Evaristo de Moraes Filho)

SOUZA, Maria Cecília Cortez C. de.

1992. "Mulher e Divórcio em São Paulo na Primeira República (1890-1930)

Psicologia-USP, 3(1/2), pp.37-44

VELHO, Gilberto.

1986. Subjetividade e Sociedade, uma experiência de geração. Rio de Janeiro,

Zahar

1985. Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social. 6ª ed. Rio, Zahar

1981. Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar

ZAGURY, Tania.

1993. Sem padecer no paraíso. 7ª ed. Rio de Janeiro, Record

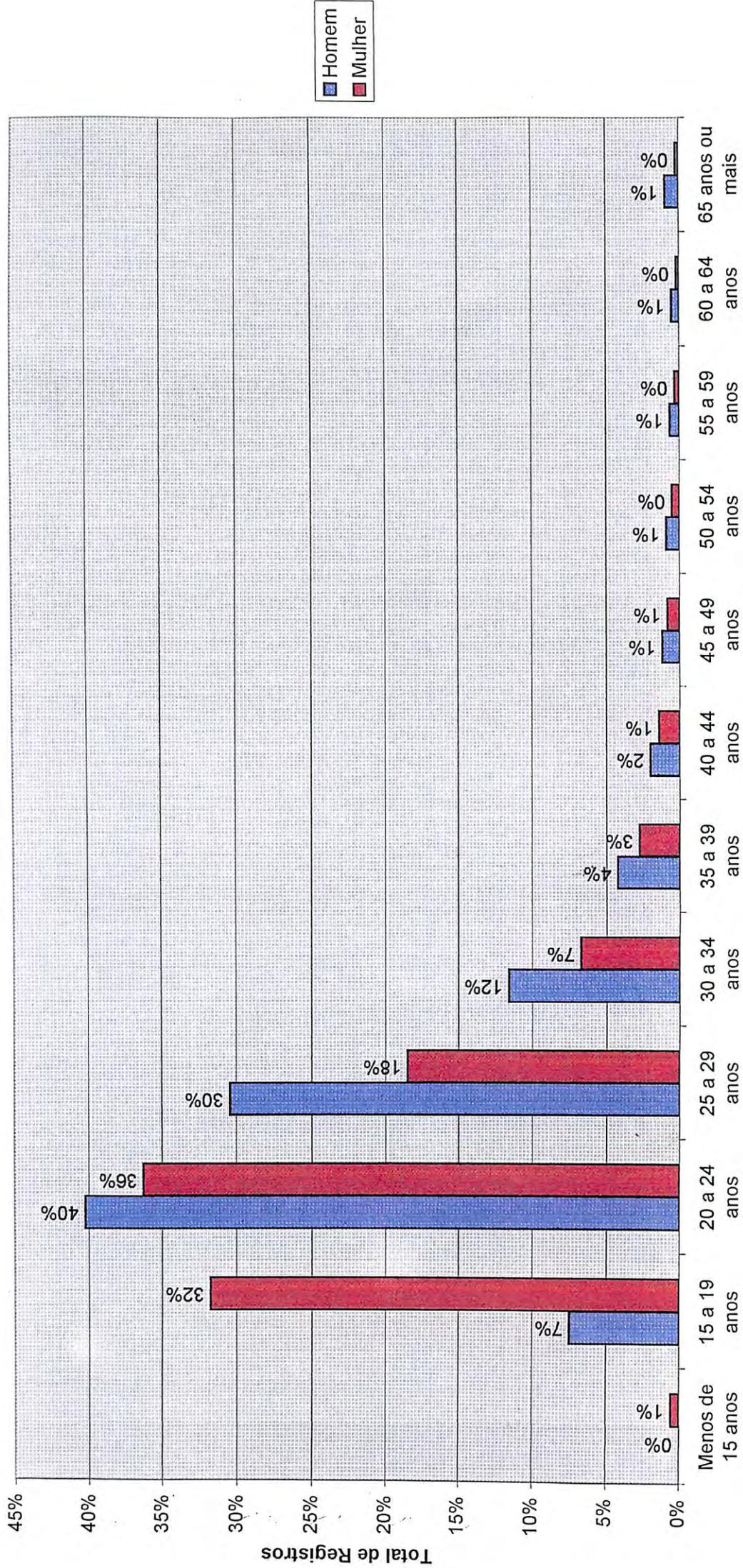
WINKIN, Yves (org.)

1981 Erving Goffman. Les Moments et leurs Hommes. France, Édition du Seuil /

Minuit

ANEXOS

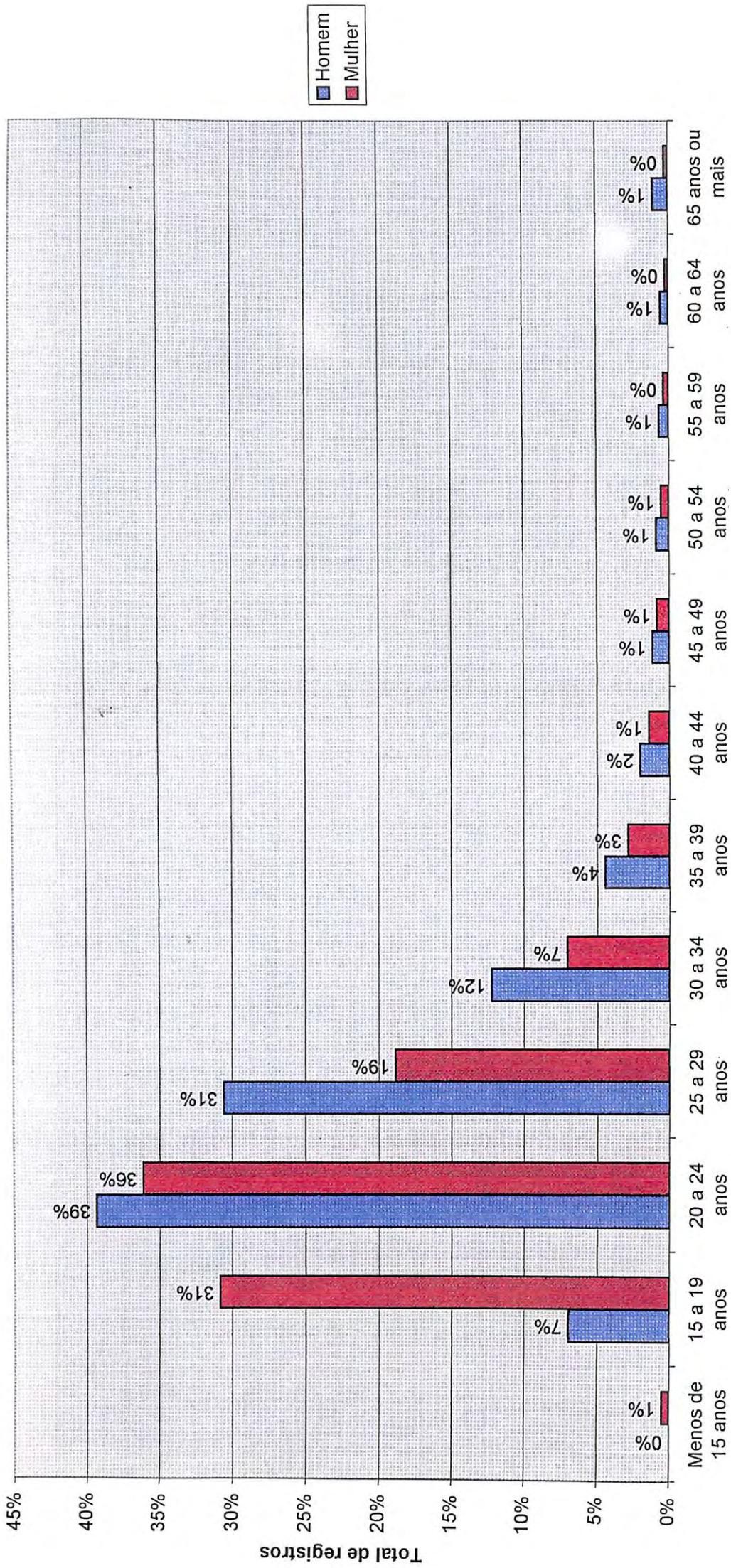
Casamento por grupos de idade - 1992



IBGE. ESTADÍSTICAS DO REGISTRO CIVIL, 1992.

(GRÁFICO 4)

Casamentos por grupos de idade - 1993

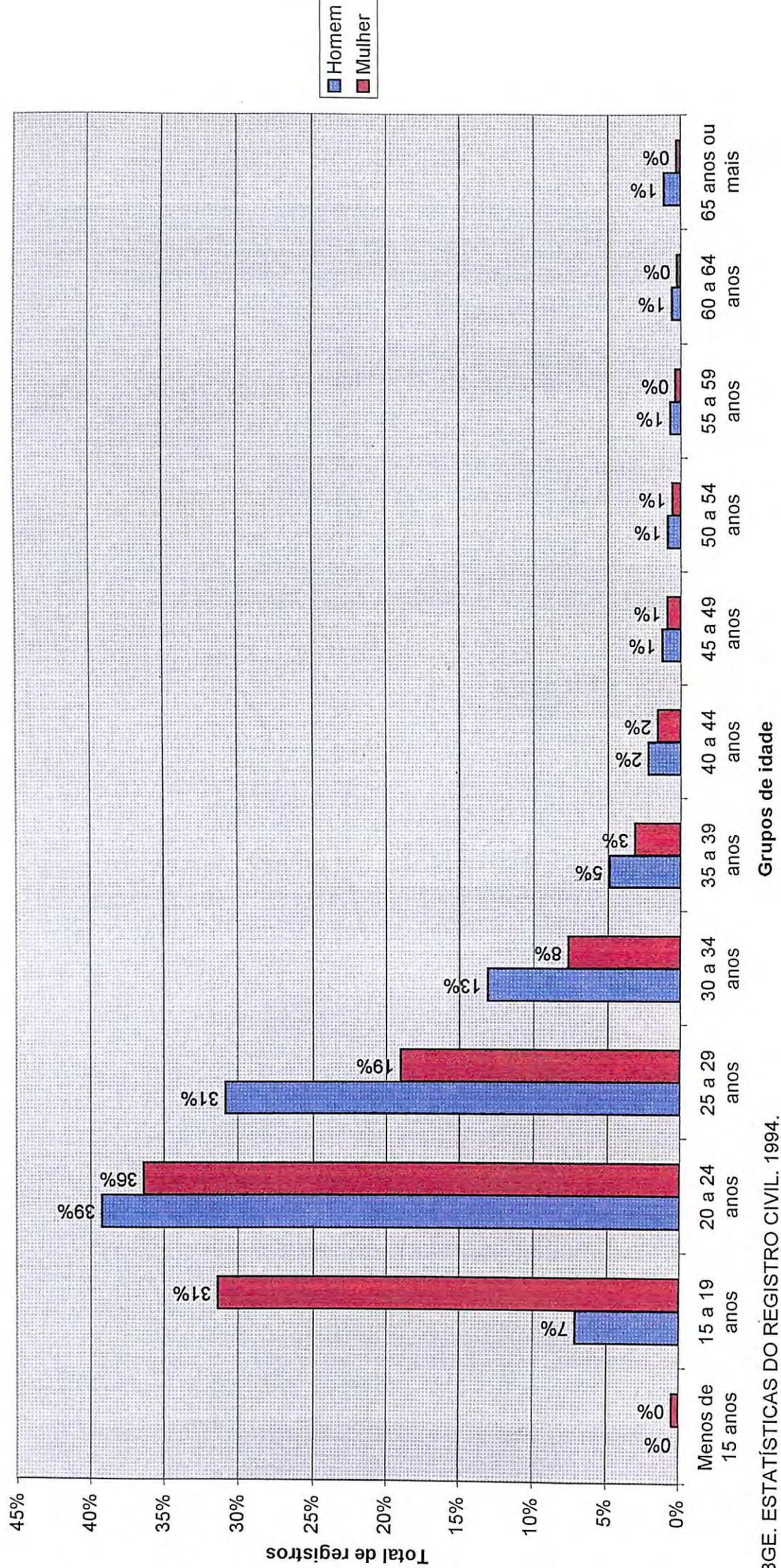


IBGE. ESTATÍSTICAS DO REGISTRO CIVIL. 1993.

Grupos de idade

(GRÁFICO 9)

Casamentos por grupos de idade - 1994



IBGE. ESTATÍSTICAS DO REGISTRO CIVIL. 1994.

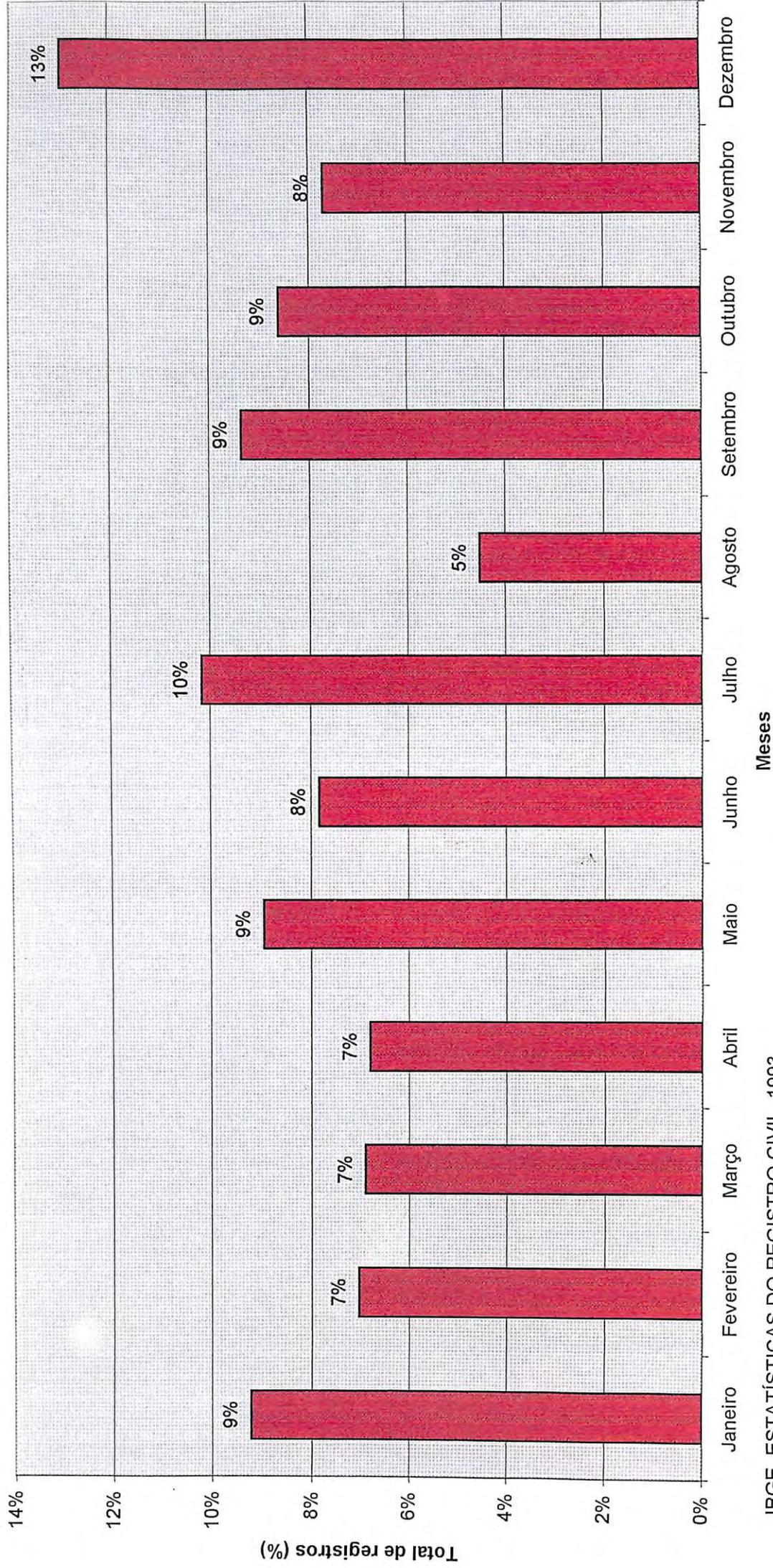
(GRÁFICO 3)

Casamentos por mês do registro - 1992



(GRÁFICO 4)

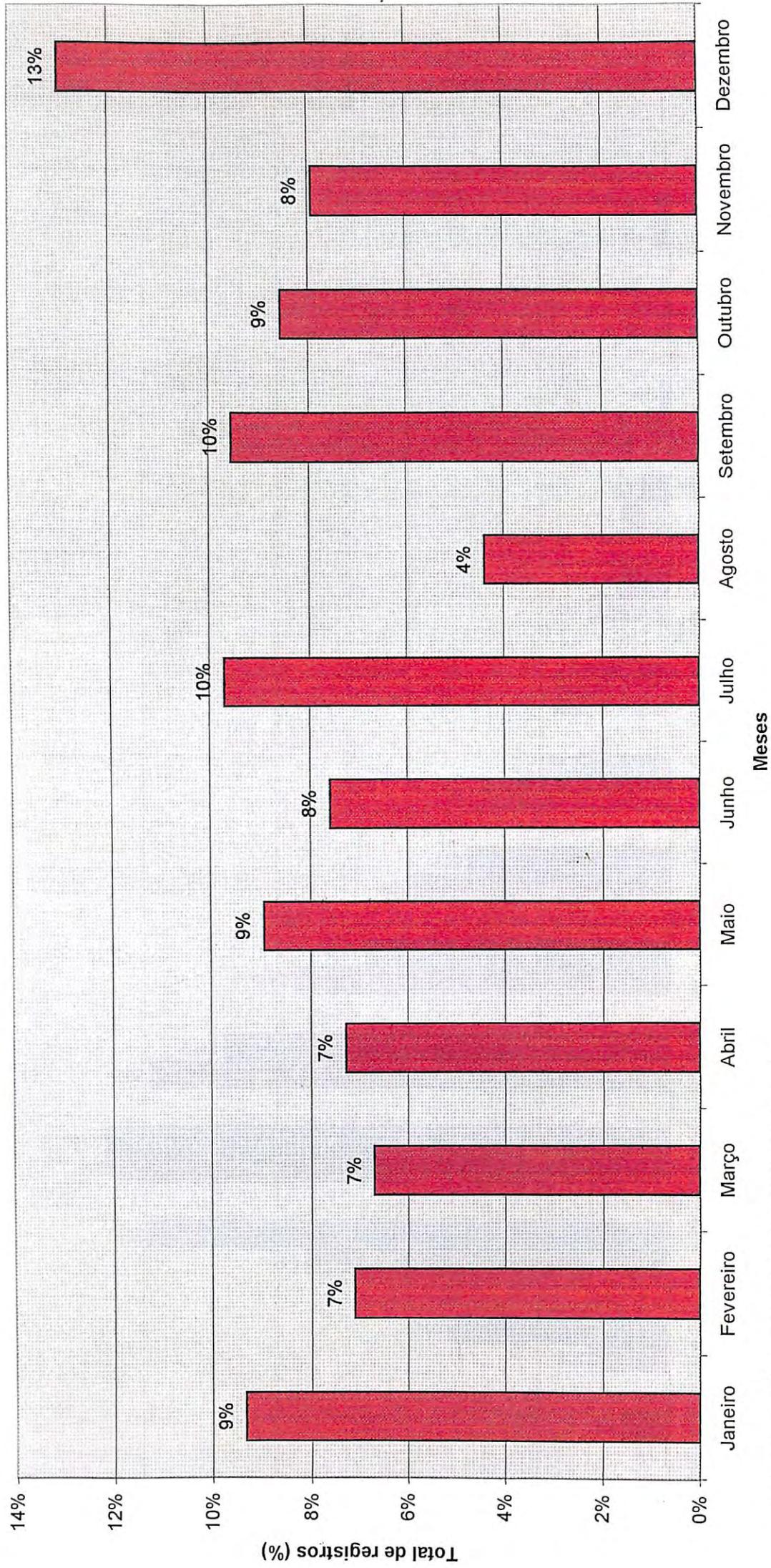
Casamentos por mês do registro - 1993



IBGE. ESTADÍSTICAS DO REGISTRO CIVIL. 1993

(GRÁFICO 5)

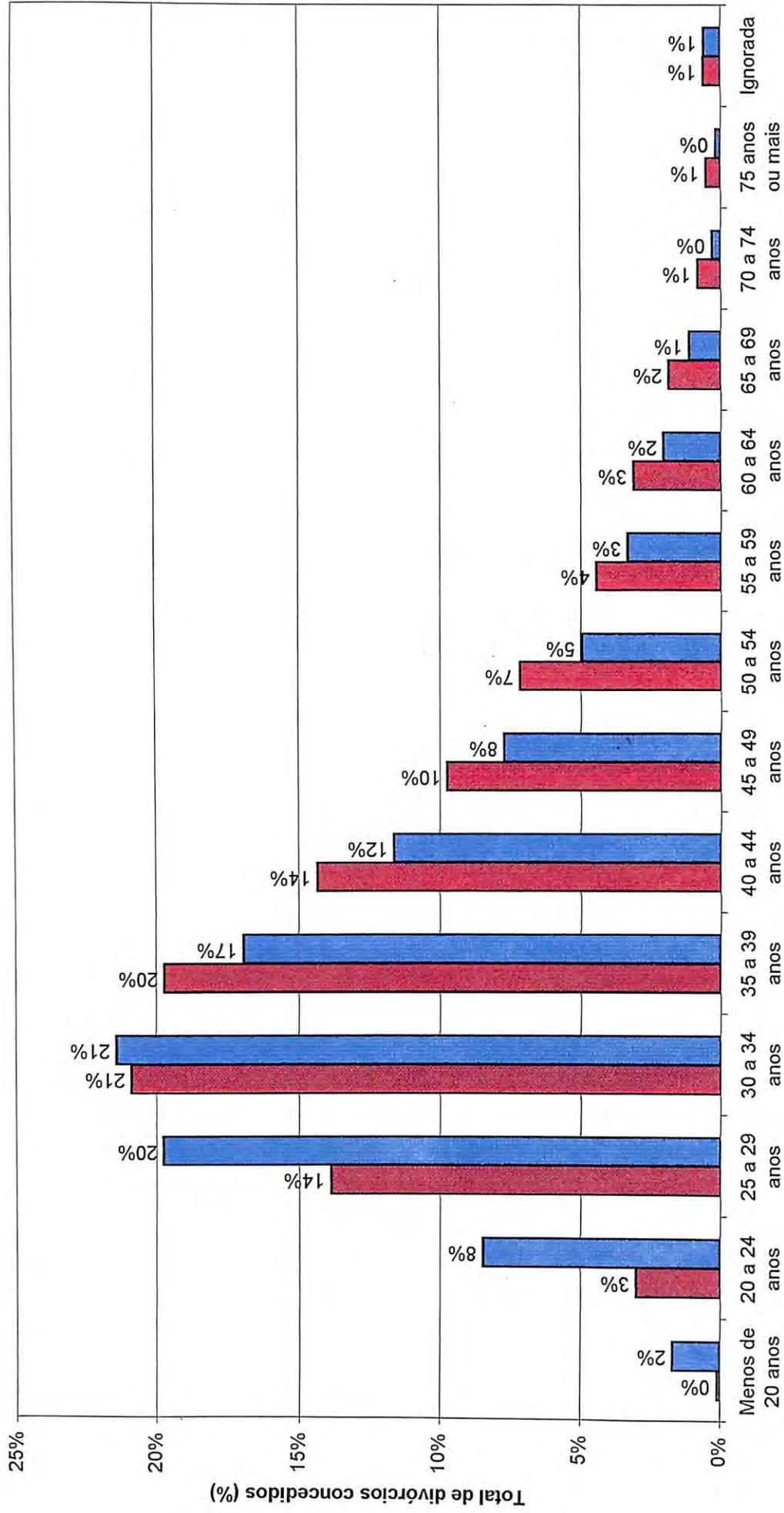
Casamentos por mês de registros - 1994



IBGE. ESTATÍSTICAS DO REGISTRO CIVIL. 1994

(GRÁFICO 6)

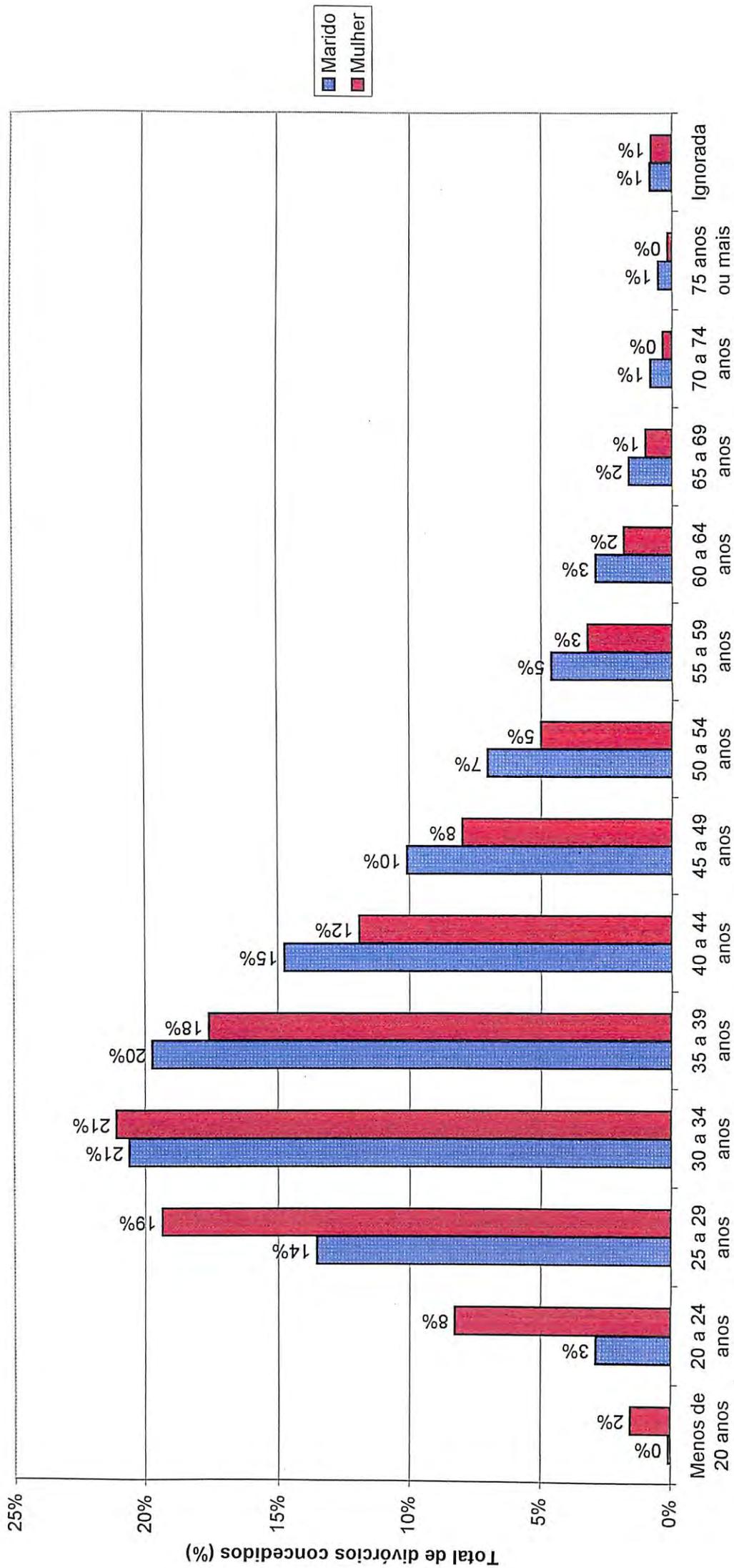
Divórcios concedidos em 1ª instância, segundo os grupos de idade dos cônjuges na data da sentença - 1992



Grupos de idade

(GRÁFICO 7)

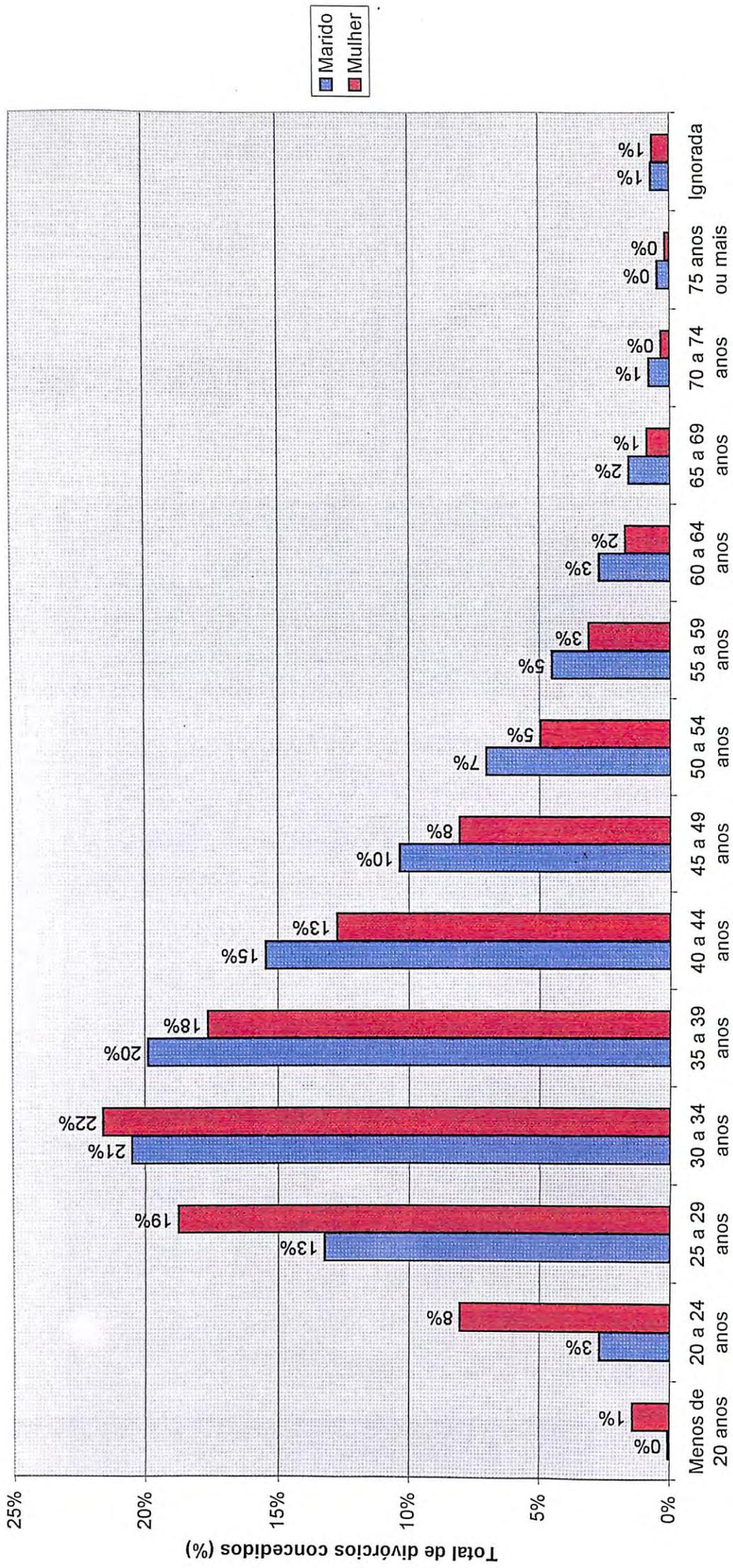
Divórcios concedidos em 1ª instância, segundo os grupos de idade dos cônjuges na data da sentença - 1993



Grupos de idades

(GRÁFICO 8)

Divórcios concedidos em 1ª instância, segundo os grupos de idade dos cônjuges na data da sentença - 1994

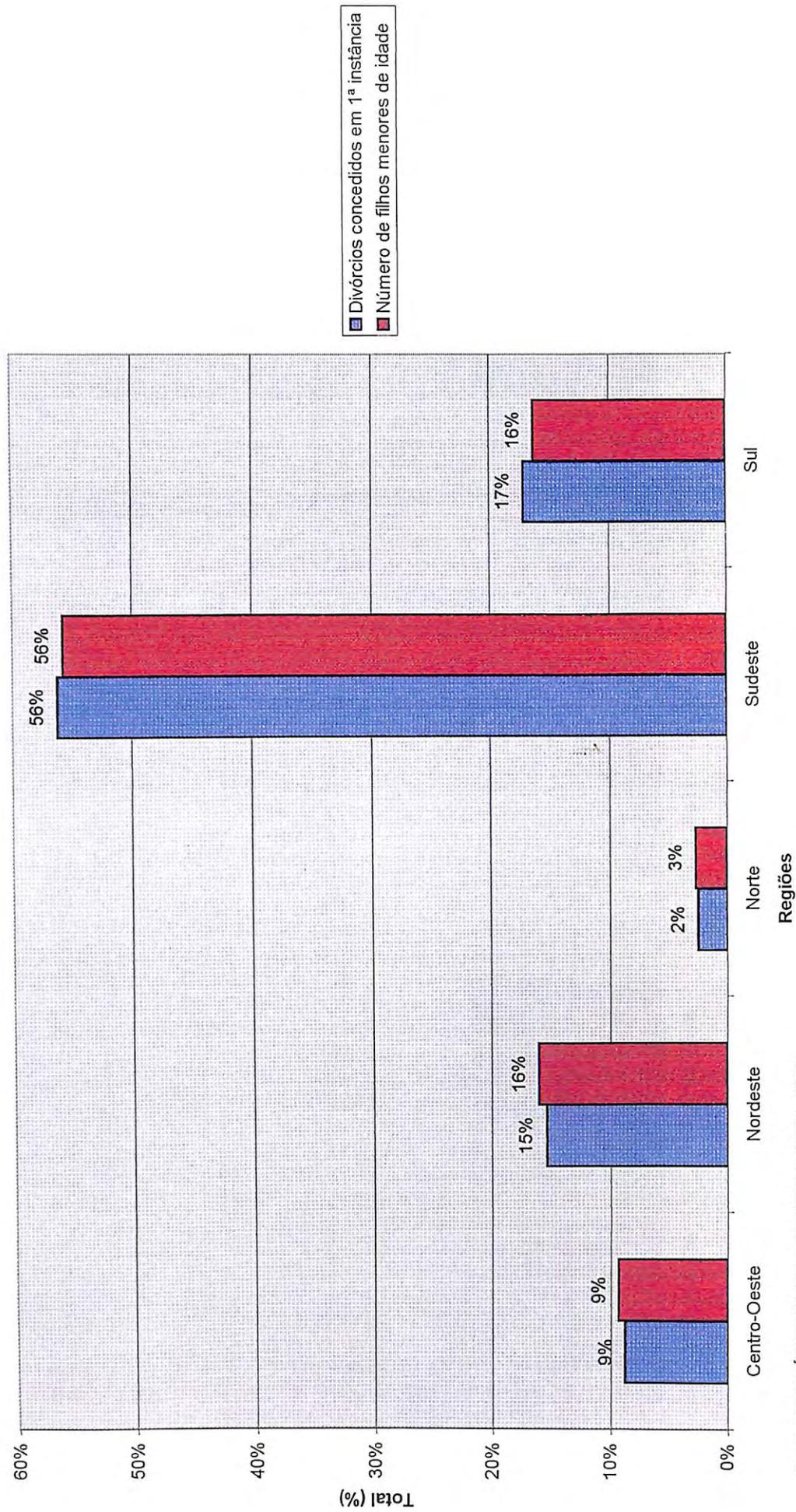


Grupos de idades

(GRÁFICO 3)

IBGE. ESTATÍSTICAS DO REGISTRO CIVIL. 1994

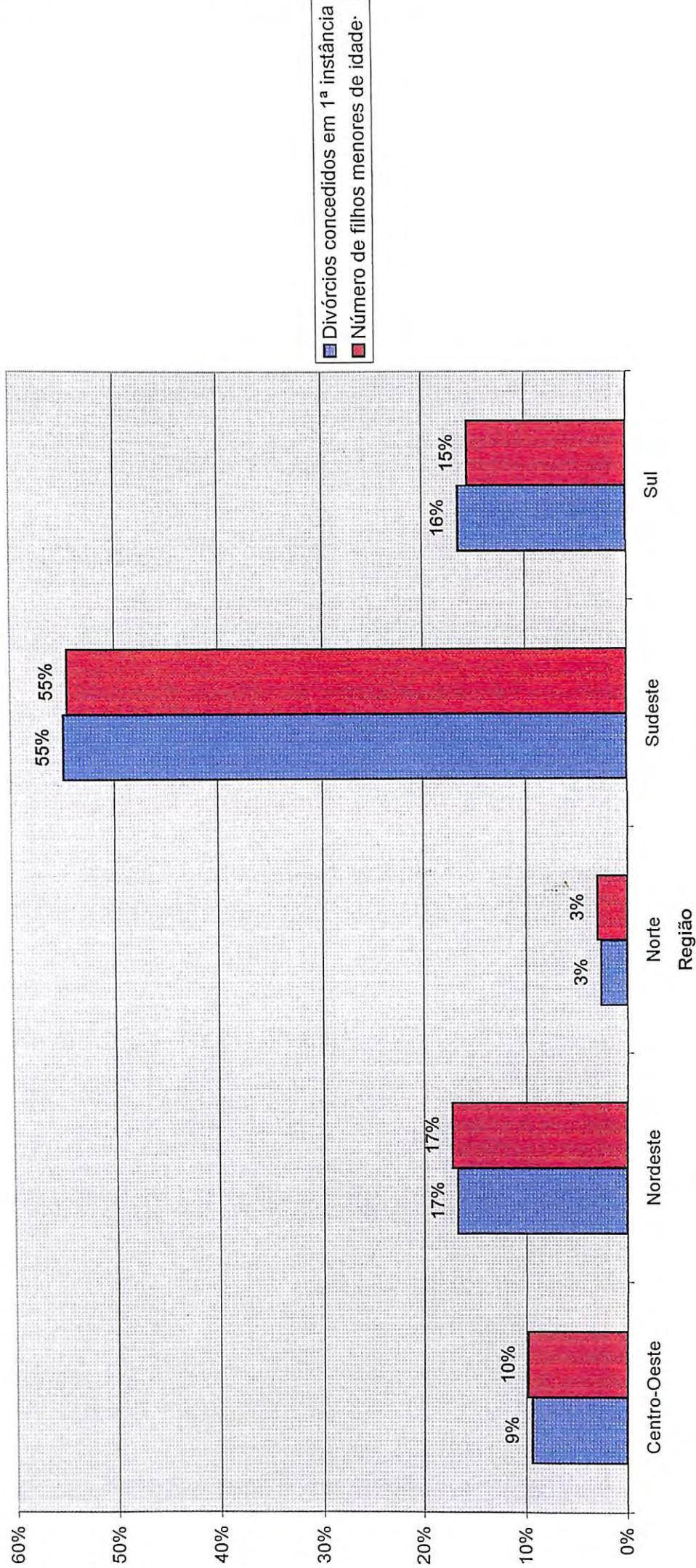
Divórcios concedidos em 1ª instância, a casais com filhos menores de idade e número de filhos menores de idade, por responsável pela guarda dos filhos segundo a região do processo - 1992



IBGE. ESTATÍSTICAS DO REGISTRO CIVIL. 1992

(GRÁFICO 10)

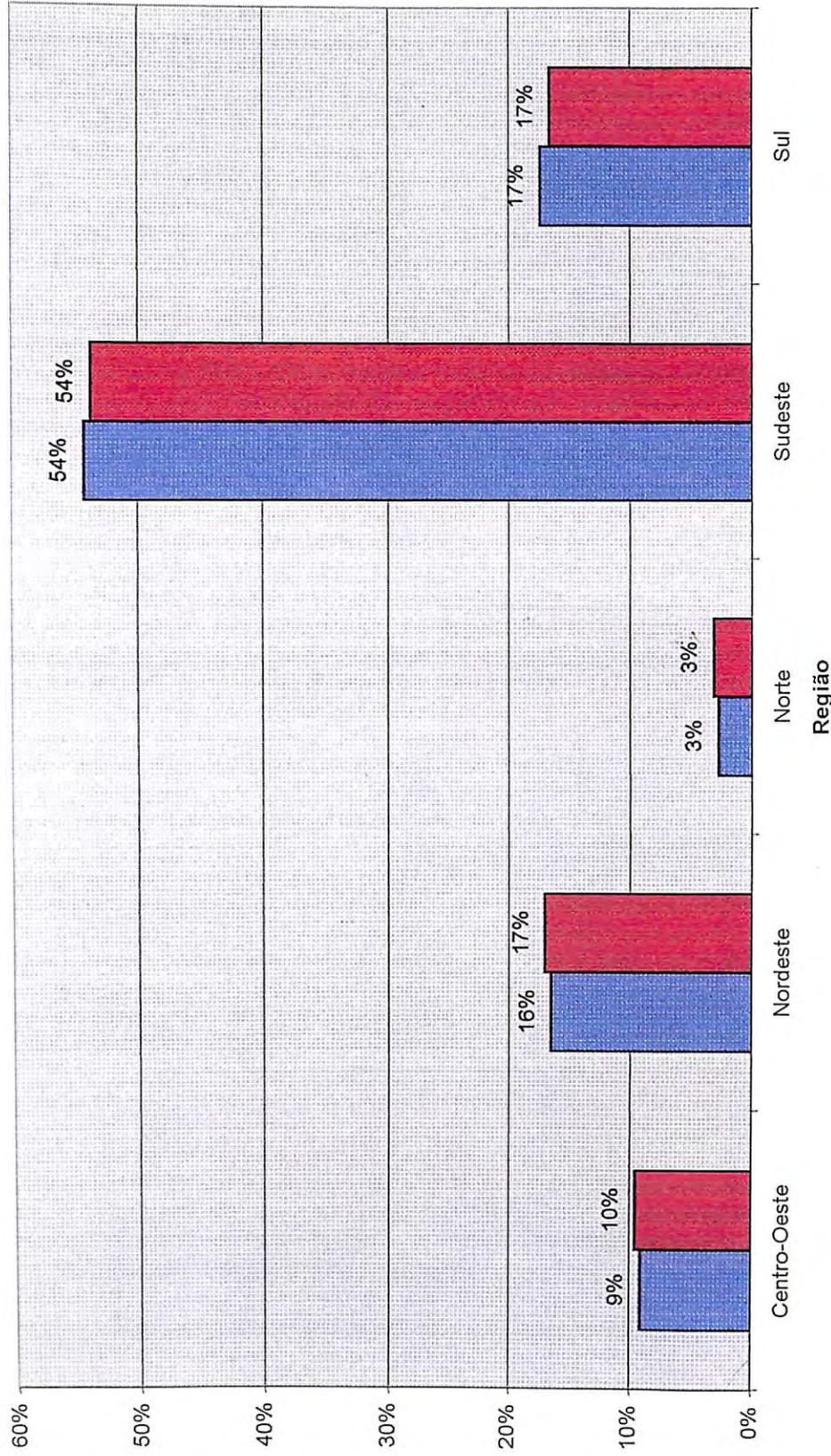
Divórcios concedidos em 1ª instância, a casais com filhos menores de idade e número de filhos menores de idade, segundo a região da ação do processo - 1993



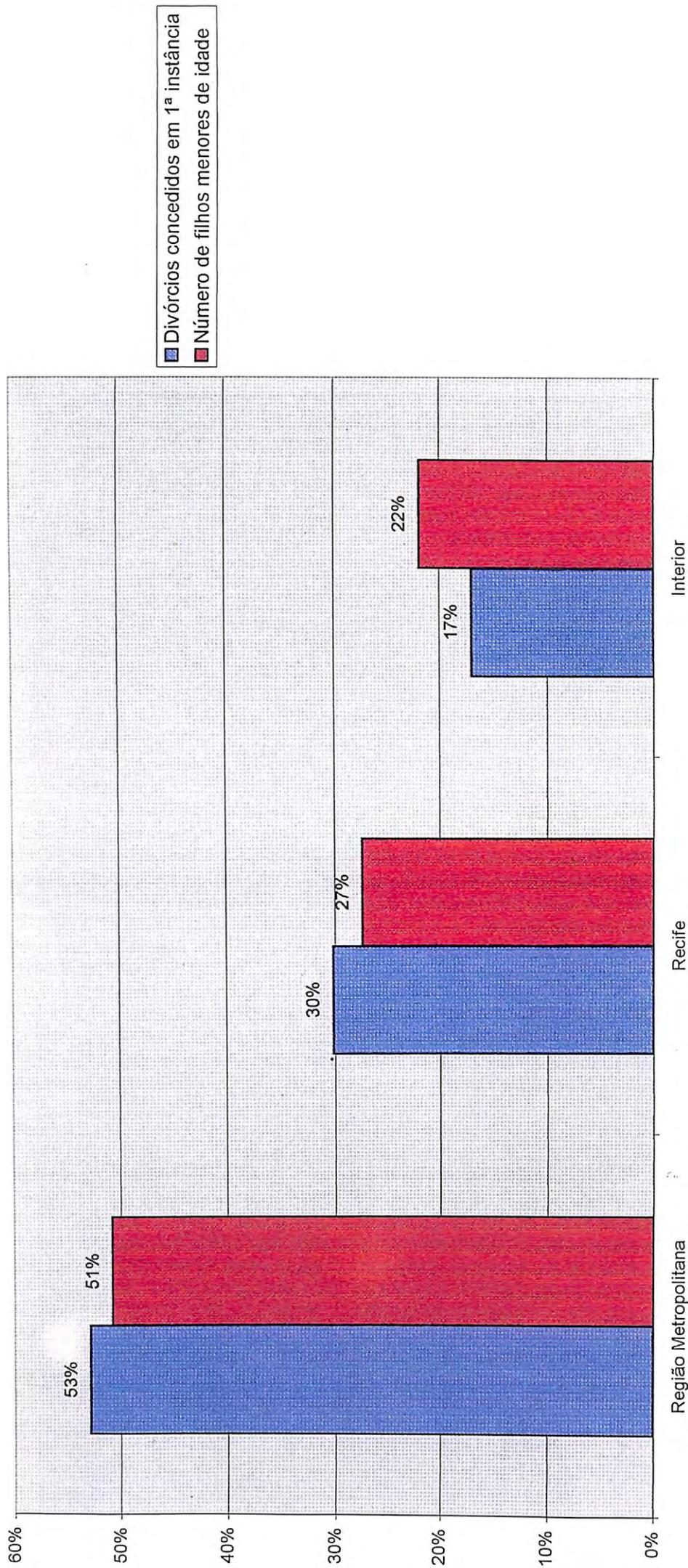
IBGE. ESTADÍSTICAS DO REGISTRO CIVIL. 1993

(GRÁFICO 44)

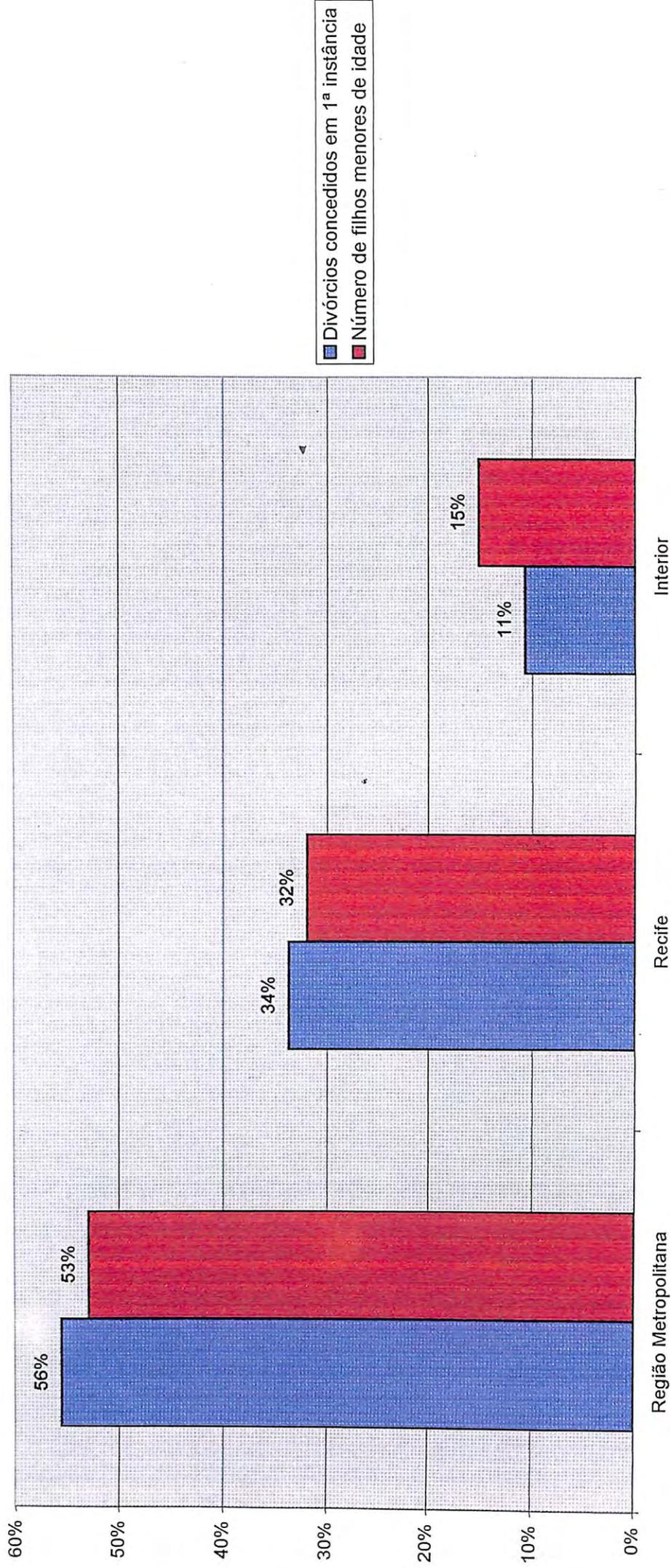
Divórcios concedidos em 1ª instância, a casais com filhos menores de idade e número de filhos menores de idade, segundo a região da ação do processo - 1994



Divórcios concedidos em 1ª instância, a casais com filhos menores de idade e número de filhos menores de idade, no Estado de Pernambuco - 1992

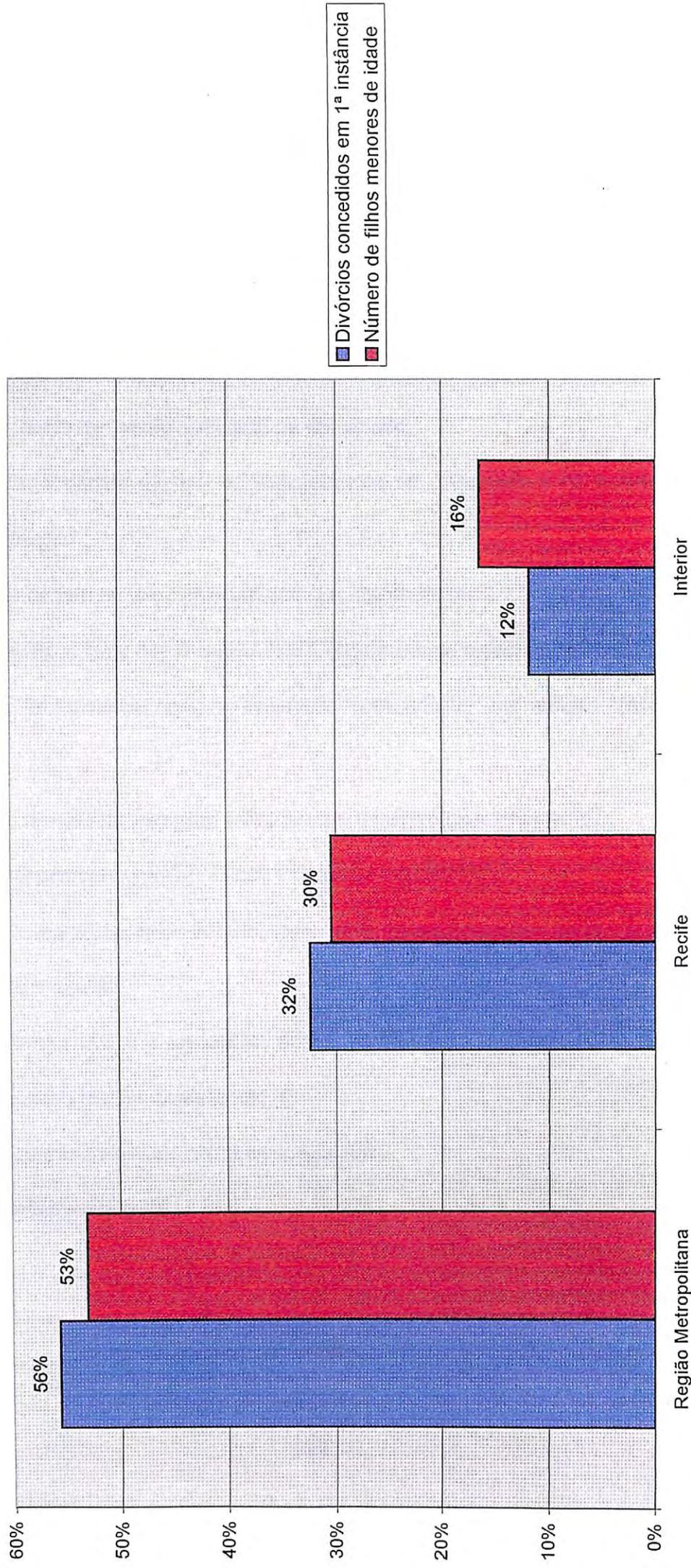


Divórcios concedidos em 1ª instância, a casais com filhos menores de idade e número de filhos menores de idade, no Estado de Pernambuco - 1993



(GRÁFICO 44)

Divórcios concedidos em 1ª instância, a casais com filhos menores de idade e número de filhos menores de idade, no Estado de Pernambuco - 1994



Roteiros da Pesquisa

a) Anexo 16: Descasados (Homens / Mulheres)

Perguntas sobre:

- . Frequência ao bar: Se frequenta muito ou pouco.
- . Estado Civil: Solteiro, casado, separado ou divorciado;
- . Se descasado: Separado de fato ou judicialmente ou divorciado e há quanto tempo ocorreu a separação? ;
- . Se é separado de fato ou judicialmente, por que não divorciou?;
- . O que acha sobre a Noite dos Desquitados? Conhece outros espaços como este?;
- . Quais foram as mudanças após a separação com relação aos amigos, parentes,...?

Exemplos

- . Se ainda tem vontade de encontrar outra pessoa, um novo relacionamento?;
- . O que é relacionamento (casal)?; O que é família e casamento?;
- . O que mudou na concepção de família, casamento após a separação, antes e depois?;
- . O que é ser divorciado?;
- . Para quem é mais difícil a separação, para o homem ou a mulher? Há diferenças no tratar o homem ou a mulher descasados;
- . Acha que o aspecto financeiro influi na separação?;

Idade / Atividade Profissional

b) Anexo 17: Homens Casados

Perguntas sobre:

- . Estado Civil;
- . Há quanto tempo frequenta o bar? O que acha do espaço proporcionado pelo bar todas as quintas-feiras para os “desquitados”?
- . Conhece outros lugares como o Chão de Estrelas?
- . O que é ser casado? O que é casamento?
- . O que pensa sobre a mulher que é divorciada? E sobre o homem divorciado?
- . Há alguma diferença entre o homem e a mulher que são descasados? Exemplifique.
- . Por que frequenta o bar?
- . Como soube da existência da “Noite dos Desquitados”?
- . O que é relacionamento (casal) ? E família?
- . Atividade Profissional

c) Anexo 18: Solteiros homens e mulheres

Perguntas sobre:

- . Estado Civil:
- . Já conhecia a Noite dos Desquitados? Como soube da Noite?
- . Há quanto tempo frequenta o bar?;
- . Por que não casou? Pensa em casar?
- . O que é casamento? Relacionamento (casal)? Família?
- . Homem ou Mulher solteira (os) sofrem algum preconceito? Exemplifique;

. O que pensa sobre o homem e a mulher descasados? Existe alguma diferença entre os dois? Exemplifique. / O que é ser solteiro?

d) Anexo 19: Dados sucintos sobre os informantes que participaram da pesquisa.

- Os informantes foram identificados com nome fictício e listados abaixo em ordem alfabética.

Alda: Solteira de 19 anos, professora do 1º grau menor de uma escola em Natal-RN.

Ana: Separada de fato, mas, atualmente, é viúva. Têm três filhos. Funcionária Pública Federal aposentada e Administradora, hoje é trabalhadora autônoma, administrando os bens da família e outros processos.

Cilene: Separada de fato há cinco anos, teve um relacionamento de dois anos com **Milton**, divorciado. Conheceram-se no Chão de Estrelas e continuavam a frequentar o bar. Ela têm dois filhos. Não trabalhava durante o primeiro casamento e hoje, depois da separação é micro-empresária.

Carlos: Casado, pai de duas filhas e um filho. Aposentado, mora em João Pessoa, mas quase todos os finais de semana ele passa em Recife, não perdendo as quintas-feiras no Chão de Estrelas.

Esther: Casada há doze anos com o **Raniere**. Ela tem 33 anos e ele tem 34 anos. Ambos são médicos e trabalham juntos em João Pessoa. Eles têm duas filhas, uma com oito anos e outra com quatro anos. Foram ao Chão de Estrelas no dia dos Namorados por indicação do dono da pousada onde estavam em Olinda, pelo fato do bar ser um bar dançante.

Erasmus: Casado, mas disse que estava se separando da esposa porque ela é muito ciumenta. Ele tem um filho. Decorador, ele decora e fabrica os móveis. Mora em Recife-PE.

Elício: Separado Judicialmente, tem 50 anos. Define o seu estado civil de “tico-tico no fubá”. Mora no Rio de Janeiro-RJ. Aposentado, está fazendo uma viagem pelo Brasil. Está em uma pousada em Olinda e lá, indicaram a Noite dos Desquitados no Chão de Estrelas, bar dançante, como uma boa opção para quem quer sair e dançar.

Ernesto: Solteiro, tem, aproximadamente, 48 anos e se auto-define como “solteiro e donzelo, a procura de um casamento”. Funcionário Público aposentado.

Franco: Solteiro, 34 anos. Consultor de Empresas. Já frequenta o bar há um ano.

Flávio: Casado, mas se diz um “bonvivã”, 45 anos e pai de dois filhos. Engenheiro elétrico, trabalha na área.

Gouvêia: Advogado, casado, possui uma filha. Não frequenta o bar, mas se dispôs a me dar informações sobre as separações e divórcios em Recife- Olinda, por já ter uma longa experiência com processos dentro da área do Direito Civil, Varas de Família. Sendo um importante informante para o esclarecimento de alguns dados e suas análises, nesta pesquisa.

Geraldo: Casado, está no seu segundo casamento. Promove eventos, era o gerente e um dos sócios do Chão de Estrelas.

Isadora: Separada Judicialmente, mas se auto-define de “casada-separada”. 54 anos. Socióloga e, atualmente, é Esteticista. Possui dois filhos.

Jane : Solteira e viúva, pois não chegou a casar oficialmente, mas morar junto com o seu ex-companheiro há oito anos. Secretária -Executiva da Presidência de uma empresa em Recife-PE.

Juan: Solteiro. Chama-se de “boêmio” e não quer saber de casamento. Freqüenta a Noite dos Desquitados desde o início. Aposentado.

Laura: Divorciada. Possui três filhos, têm 50 anos. Trabalhadora autônoma

Leonardo: Separado de fato há quinze anos, possui um filho. É contabilista e professor universitário de contabilidade.

Lya: Casou-se duas vezes e, atualmente, é viúva. Tem uma filha que está casada há 24 anos e possui dois filhos, seus netos. Administra os seus bens.

Lana: É separada de fato, judicialmente e divorciada. Mãe de três filhos. Advogada, micro-empresária e estudante.

Milton: Divorciado, têm 48 anos. É pai de uma filha do primeiro casamento. Vivia maritalmente com **Cilene**. Trabalhador autônomo.

Marta: Divorciada, 55 anos. Tem uma filha **Melissa** que foi casada e, atualmente, está se separando. Ex-funcionária pública, vive da pensão do ex-marido.

Neves: Viúva, 46 anos. Têm cinco filhos e um neto. Trabalhadora autônoma.

Plínio: Solteiro, 30 anos. Consultor de empresas.

Pedro: Separado de fato, 40 anos. É pai de dois filhos. Engenheiro civil, trabalha na sua Construtora.

Rodrigo: Solteiro, 20 anos. Porteiro do Chão de Estrelas.

Sávia: Advogada, Promotora de justiça. Trabalha em uma das Varas de Família do Fórum Des. Tomás de Aquino. Não frequenta a Noite dos Desquitados, mas por trabalhar com Separações e Divórcios em Recife-PE, dentre outros, concedeu-me uma entrevista que foi importante e esclarecedora para a análise dos dados desta pesquisa.

Sílvia: Solteira, 22 anos. Estudante universitária do curso de Direito em Natal-RN. Estava de férias em Recife-Olinda e, sua prima falou que no Chão de Estrelas tinham “pessoas bem interessantes”. Resolveu ir conferir e, quem sabe, encontrar um companheiro.

Severino: Separado de fato há doze anos. Têm 66 anos e dois filhos, um com 24 e outro com 20. Aposentado. Sempre frequenta o Chão de Estrelas às quintas, esperando encontrar uma companheira, alguém que queira se casar com ele e lhe dar uma filha.

Serena: Viúva, 59 anos. Tem um casal de filhos e um casal de netos. Servidora pública aposentada.

Socorro: Separada de fato, 45 anos, tem duas filhas. Professora Universitária.

DOAÇÃO	80
ENTIDADE	PIU
VALOR	40,00
DATA	20/11/98

39
048a